



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Lilian Michelle Giovanelli da Costa

**A primavera nos dentes, a manhã desejada: ecos e ressonâncias das
ocupações dos secundaristas no Brasil**

Rio de Janeiro

2023

Lilian Michelle Giovanelli da Costa

**A primavera nos dentes, a manhã desejada: ecos e ressonâncias das ocupações dos
secundaristas no Brasil**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Formação Humana e Cidadania.

Orientadora: Prof.^a Dra. Heliana de Barros Conde Rodrigues

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C837 Costa, Lilian Michelle Giovanelli da
A primavera nos dentes, a manhã desejada: ecos e ressonâncias das ocupações dos secundaristas no Brasil/ Lilian Michelle Giovanelli da Costa. – 2023.
151 f.

Orientadora: Heliana de Barros Conde Rodrigues.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Centro de Educação e Humanidades.

1. Educação – Teses. 2. Estudantes – Brasil – Teses. 3. Juventude – Teses.
I. Rodrigues, Heliana de Barros Conde. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Educação e Humanidades. III. Título.

br

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Lilian Michelle Giovanelli da Costa

**A primavera nos dentes, a manhã desejada: ecos e ressonâncias das ocupações dos
secundaristas no Brasil**

Tese apresentada, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor, ao Programa de
Pós-Graduação em Políticas Públicas e
Formação Humana, da Universidade do Estado
do Rio de Janeiro. Área de concentração:
Formação Humana e Cidadania.

Aprovada em 14 de dezembro de 2023.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a. Heliana de Barros Conde Rodrigues (Orientadora)
Centro de Educação e Humanidades – UERJ

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marildo Nercolini
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a. Ana Lucia Enne
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a. Adriana Facina
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Eveline Bertino Algebaile
Centro de Educação e Humanidades – UERJ

Prof.^a Dr. Carlos Soares Barbosa
Centro de Educação e Humanidades – UERJ

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Politicamente, dedico esta tese à Eloiza Bernardino.

Transcendentalmente, dedico ao meu irmão Felipe.

Amorosamente, dedico à Estela, minha filha, e ao Dante, meu sobrinho.

AGRADECIMENTOS

Aos professores Emir Sader e Ney Luiz Teixeira de Almeida, pela aprovação do projeto desta tese no processo seletivo de 2018 do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH). Agradecimento extensivo às professoras e professores do programa com quem pude aprender e trocar, aos colegas de turma e de disciplinas, e extensivo também à equipe da secretaria (Bárbara, Humberto, Marcos e Wilson) e da copa (dona Maria e dona Cláudia).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela importante bolsa de pesquisa recebida.

Ao Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) da Universidade Federal Fluminense onde fiz o mestrado, pelo tanto que representa para o início da minha trajetória acadêmica e por todas as tantas potencialidades que inspira.

Às professoras e professores da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde estou estudante de novo. Especialmente Andréa Hygino, Malu Fatorelli e Rodrigo Torres do Nascimento. E aos colegas que chegaram com isso: Cacau, Matheus e Tati.

Ao Colégio Estadual Visconde de Cairu e a todos que orbitam em torno dele e com quem pude trocar ideias, conversas e notícias no decorrer dos anos. E a todos os estudantes das ocupações que apostaram na manhã desejada e mais o imenso coletivo de pessoas que seguem os rastros das ocupações, assim como eu (outros pesquisadores, cineastas, mídia-ativistas, educadores...). Um agradecimento especial às pessoas que eu entrevistei para esta tese e aos convites recebidos nos últimos anos para participar de eventos e debates sobre as ocupações.

Às contribuições das professoras Kátia Aguiar (banca de qualificação) e Eveline Algebaile (bancas de qualificação e defesa).

À Ana Enne, minha querida orientadora no mestrado, e Adriana Facina, cujas vozes ecoam forte nesta tese desde a dissertação. Um agradecimento institucional por aceitarem o convite para a banca de defesa e um agradecimento afetivo maior ainda por estarem comigo nesse momento.

Marildo Nercolini, pela longa caminhada comigo na graduação, no mestrado, como colega de trabalho e por ocupar na delicada reta final do doutorado minha co-orientação. Obrigada por tanta presença carinhosa e respeitosa na minha vida acadêmica.

Estela Scheinvar, pelas trocas, pelo cuidado, pela atenção, pela escuta, pelo acolhimento, pela presença carinhosa na minha trajetória no doutorado.

Agradecer à Heliana Conde como orientadora é tão pouco. Querida: eu te agradeço é por sua IMENSIDÃO! Obrigada por uma existência tão singular e tão magnética. Que honra fazer um doutorado sendo orientada por você. Agradeço também aos colegas do Grupe de orientação, especialmente Leo, Cati e Heitor.

À Renata e Giovana, pelo importante apoio no cuidado com a minha casa.

À Ivanete, minha terapeuta, pelo tanto de estrada que já temos juntas.

À Celita e sua equipe que cuidam tão bem da minha filha e deixaram meu coração tranqüilo para eu conseguir escrever esta tese.

À minha aldeia afetiva que, felizmente, é muito povoada de gente por perto. E também povoada de carinho que vem de longe com o sotaque pernambucano que eu amo demais da Maíza, da Renata Brasil, da Joanna.

Agradecimentos carinhosos ao Gil, do mestrado para a vida; às Quartetudas Ana Marcela, Maria e Priscila, do doutorado para a vida; aos amigos da Rádio Democracilha pelas histórias de vida e de carnaval (Richard, Marcella, Thiago Castro, Pedro e Monterão); à amiga Maíra (uma das primeiras a me dizer que eu tinha um perfil acadêmico).

As minhas queridas comadres de maternidade Ana Moura e Juliana Milheiro.

Às amigas que viraram irmandade: Mirela (e sua maravilhosa aura baiana), Leticia, Cris maridinha e Anderson marido (e Pedro), Patricia e Luciano.

Às pessoas que não estão tão próximas da minha rotina, mas que fizeram o que puderam, de todas as formas, para me mandar amor em meio à dor e fizeram o mesmo pelos meus pais. Toda essa aura de carinho e cuidado foi fundamental para conciliar a energia (incompatível) de uma escrita acadêmica com a energia do luto.

Ao Thiago Saldanha, meu compadre de sempre.

Ao Rodrigo Cotrim, pela parceria de vida! Pelo TANTO de TUDO.

Agradeço a minha família de Curitiba, por tanto amor. Especialmente minha tia Ana, doçura em forma de gente. Agradeço o amor que chega até mim da minha vó Lola (in memoriam). E pela “volta” dos tios Leca e Jejo, fundamentais nas lembranças mais amáveis da minha infância. Agradeço também à vó Lueci e ao vô Braulino (in memoriam).

Aos amigos do meu irmão, pela força, pelo apoio e pelo carinho: Eduardo, Fabi, Mari, Ivan, Álvaro, Bruno e Edmundo. E agradeço também à Camilinha e ao seu mais que necessário humor bobo e leve. Um agradecimento muito carinhoso também aos muitos amigos e amigas que vêm cuidando da minha mãe e do meu pai. Especialmente, a Nanai.

Agradecimento imenso à família do Rafa, que agora também já é minha. À vó Wanda e, especialmente minha sogra, Marta, a pequena gigante, amiga, parceira e incentivadora. Agradecimentos carinhosos também para a Gabi e Luisinho, Renata e Gabriel, Eduardo e Andrea, minha cunhadagem. E um agradecimento muito grande ao Leandro, primo emprestado e amigo, pelo suporte indescritível no momento mais duro que eu precisei enfrentar.

Um agradecimento carinhoso ao meu sogro, Ledino (in memoriam). Nossa última conversa foi num debate do Cineclub de Ricamar que mediei sobre as ocupações, numa noite chuvosa de segunda-feira em Copacabana.

À Ana Paula, minha cunhada, esposa do meu irmão, um agradecimento de alma. Obrigada por ter me dado a continuidade do Felipe: Dante, meu sobrinho. Obrigada por amar tanto meu irmão e por zelar pelo Dante com o mesmo amor. Obrigada por estar atravessando!

A minha mãe, Zélia, e ao meu pai, Renato. Agradeço à mãe e ao pai que eu já conhecia e que me trouxeram até aqui. Pelo tanto que me deram, me ensinaram, me proporcionaram, por tanto amor, por tanta festa e até pelas loucuras, pelo tanto de tudo isso na minha criação e na do Felipe. E agradeço à mãe e ao pai que estou conhecendo agora: enfrentando como podem, na força e na delicadeza, a maior dor que existe. Obrigada pelo que já éramos juntos e pelo que estamos nos tornando.

Ao Felipe, meu Irmão: obrigada por ter me escolhido como Irmã! É um dos orgulhos que tenho na vida. Você sempre pareceu pertencer a outro mundo. Obrigada por estar aqui de outras formas. “Tua ausência é forte. Tua presença é mais”.

Ao Rafa, meu marido, a melhor pessoa com quem eu poderia ter escolhido formar uma família e compartilhar a vida em suas dores e delícias. Temos um amor maduro, às vezes implicante, às vezes irritante, muitas vezes brincante e que ama botar o pé na estrada com playlist de MPB dos anos 80. Um raro casal jovem que ama Kleiton & Kledir (e que sabe desde sempre que eles não são uma dupla sertaneja). A gente vive junto e a gente se dá bem. Somos Amor grande. Esse doutorado só foi possível por sua causa.

À Estela, nossa filha, nossa cabritinha, o Amor do Amor. Você é exatamente como o céu maravilhoso da Chapada dos Veadeiros que inspirou seu nome. É nossa raiz, nossas asas, nossa força, nossa aposta no futuro. Você faz a gente escrever Vida com V maiúsculo. Nossa alegria em estado bruto, a certeza de que a Vida vale a pena e de que todo dia é dia de viver. Obrigada por ser a minha filha e por eu ser a sua mãe. Obrigada pelo meu Estado de Poesia!

vozes a mais
vozes a menos
a máquina em nós
que gera provérbios
é a mesma que faz poemas,
somas com vida própria
que podem mais que podemos

*

Achar
a porta que esqueceram de fechar.
O beco com saída.
A porta sem chave
A vida.

Paulo Leminski

RESUMO

COSTA, Lilian Michelle Giovanelli da. *A primavera nos dentes, a manhã desejada: ecos e ressonâncias das ocupações dos secundaristas no Brasil*. 2023. 151 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Entre os anos de 2015 e 2016, os estudantes secundaristas realizaram um dos movimentos políticos mais insurgentes dos últimos tempos no Brasil: as ocupações das escolas públicas. Motivadas por várias razões, elas foram marcadas principalmente pelo ineditismo da autogestão dos estudantes, pelo discurso de recusa à filiação partidária e pelo desafio imposto às autoridades públicas. Inscritas numa década de efervescência política do cenário nacional (despertada pelas manifestações de junho de 2013), as ocupações começaram em São Paulo e depois se espalharam por vários outros estados, com destaque para Rio de Janeiro e Paraná. A visibilidade do movimento, inicialmente localizada nas mídias alternativas, ganhou forte repercussão nas mídias hegemônicas provocando a opinião pública e as disputas narrativas sobre ele. Esta tese analisa o movimento a partir das reflexões sobre experiência propostas pelo educador espanhol Jorge Larrosa. Assumindo a experiência como linha mestra, a tese orbita em torno de algumas perguntas sobre as ocupações: o que ficou, em quem ficou e como ficou, aproximando estes efeitos e afetos às ideias de ecos e ressonâncias. Partindo dessa proposta, as ocupações são pensadas como uma experiência de múltiplas camadas constituídas e constituintes das vidas das pessoas atravessadas por elas: estudantes, professores, ativistas, artistas e a própria pesquisadora. Além disso, pelo espaço que o movimento conquistou dentro e fora dos meios acadêmicos, é possível examiná-lo em diálogo com a sociedade. Assim, ele foi desdobrado em diferentes perspectivas: reflexões sobre a política em seu entendimento formal (movimentos coletivos, partidos e eleições) e também os aspectos políticos da influência das redes sociais, dos usos do espaço e da relação com o tempo na sociedade capitalista, incluindo nisso as profundas conexões com estética, subjetividade, arte e vida. A análise tem os estudos culturais como orientação investigativa e é feita com o suporte de referências teóricas interdisciplinares, observação participante, entrevistas, registros no audiovisual, nas artes cênicas e na mídia em geral (jornais, revistas, redes sociais). O recorte espaço-temporal da pesquisa está situado entre uma ocupação acompanhada pela autora na cidade do Rio de Janeiro em 2016, expressa na dissertação que antecede esta tese (COSTA, 2017), e amplifica o olhar para as ocupações enquanto um movimento extenso e plural com afinidades e diferenças observadas especialmente nas ocupações de São Paulo e do Paraná. O fluxo narrativo utilizado no texto propõe debates teóricos e analíticos seguindo o tom de uma conversa com a intenção de convidar o maior número possível de interlocutores, transitando entre leitores habituados aos textos acadêmicos do ensino superior até um estudante secundarista do ensino básico. Esta escolha atende o desejo e o compromisso de acessibilidade da discussão para um público amplo. Esta tese recusa o rótulo do resultado, no sentido produtivista do termo. Sua contribuição, alinhada a outras pesquisas sobre o tema, está em apontar algumas percepções de efeitos e afetos, apresentando implicações materiais e subjetivas de diferentes intensidades. E conclui que a impossibilidade de captura do movimento, devida a sua singularidade, é justamente sua condição de continuidade enquanto experiência: ecos e ressonâncias ainda em curso.

Palavras-chave: Juventude. Ocupações dos secundaristas. Movimentos coletivos.

ABSTRACT

COSTA, Lilian Michelle Giovanelli da. *Spring in the teeth, the desired morning: echoes and resonances of high school student occupations in Brazil*. 2023. 151 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Between 2015 and 2016, high school students carried out one of the most insurgent political movements in recent times in Brazil: public school occupations. Motivated by several reasons, they were marked mainly by the unprecedented nature of student self-management, the discourse of refusal to join political parties, and the challenge imposed on public authorities. Part of a decade of political turmoil on the national scene (triggered by the demonstrations of June 2013), the occupations began in São Paulo. Then they spread to several other states, most notably Rio de Janeiro and Paraná. The visibility of the movement, initially located in alternative media, gained strong repercussions in mainstream media, provoking public opinion and narrative disputes about it. This thesis analyzes the movement based on reflections on experience proposed by Spanish educator Jorge Larrosa. Taking experience as a guiding principle, the thesis revolves around several questions about the occupations: what was left behind, who was left behind, and how it was left behind, bringing these effects and affects closer to the echoes and resonances ideas. Based on this proposal, occupations are conceived as a multilayered experience, constituted by and constitutes the lives of the people affected by them: students, teachers, activists, artists, and the researcher herself. Furthermore, given the space the movement has gained within and outside of academia, it is possible to examine it in dialogue with society. Thus, it was divided into different perspectives: reflections on politics in its formal understanding (collective movements, parties and elections) and also the political aspects of social networks' influence, the use of space and the relationship with time in capitalist society, including the deep connections with aesthetics, subjectivity, art and life. The analysis has cultural studies as its investigative orientation and is supported by interdisciplinary theoretical references, participant observation, interviews, audiovisual recordings, performing arts and the media in general (newspapers, magazines, social networks). The space-time frame of the research is situated between an occupation observed by the author in the city of Rio de Janeiro in 2016, expressed in the dissertation that precedes this thesis (COSTA, 2017), and broadens the view of occupations as an extensive and plural movement with affinities and differences observed especially in the occupations of São Paulo and Paraná. The narrative flow used in the text proposes theoretical and analytical debates following the tone of a conversation with the intention of inviting the largest possible number of interlocutors, ranging from readers accustomed to academic texts from higher education to a high school student. This choice meets the desire and commitment to accessibility of the discussion to a broad audience. This thesis rejects the label of result, in the productivist sense of the term. Its contribution, in line with other research on the subject, is to point out some perceptions of effects and affects, presenting material and subjective implications of different intensities. It concludes that the impossibility of capturing the movement, due to its singularity, is precisely its condition of continuity as an experience: echoes and resonances still ongoing.

Keywords: Youth. High school student occupations. Collective movements.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Figura 1 - Capa da Revista Carta Capital de novembro de 2016.....	34
Figura 2 -	Figura 2 - Cartaz do artista visual Leto William.....	51
Figura 3 -	Protesto dos estudantes secundaristas em São Paulo em dezembro de 2015....	60
Figura 4 -	Protesto dos estudantes secundaristas em São Paulo em dezembro de 2015....	61
Figura 5 -	Cartazes em escola ocupada.....	65
Figura 6 -	Cartazes em escola ocupada.....	66
Figura 7 -	Cartaz em escola ocupada.....	66
Figura 8 -	Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu.....	67
Figura 9 -	Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu.....	70
Figura 10 -	Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu.....	71
Figura 11 -	Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu.....	72
Figura 12 -	Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu.....	72
Figura 13 -	Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu.....	72
Figura 14 -	Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu.....	73
Figura 15 -	Capa da Revista Veja de fevereiro de 2014.....	80
Figura 16 -	Capa da Revista Carta Capital de novembro de 2016.....	81
Figura 17 -	Protesto dos estudantes secundaristas em São Paulo.....	89
Figura 18 -	Protesto dos estudantes secundaristas em São Paulo.....	89
ANEXO A -	Cartaz da Roda de conversa realizada no C.E. Visconde de Cairu em 2018 ...	149
ANEXO B -	Cartazes do evento no Instituto Federal do Rio de Janeiro (Campus Nilópolis) em 2019.....	150
ANEXO C -	Cartaz do evento no Sesc Ramos em 2019.....	151

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 OCUPAÇÕES E AS MÚLTIPLAS FACES DE UMA EXPERIÊNCIA	23
1.1 A experiência em Jorge Larrosa.....	28
1.2 Alguns diálogos das ocupações com a sociedade	33
1.3 As ocupações e a pausa para existir.....	37
1.4 Walter Benjamin e <i>Espero tua (re)volta</i> - ocupações como ponte entre narração e experiência	48
2 AFETOS E EFEITOS POLÍTICOS: ALGUMAS LEITURAS	59
2.1 Um circuito de visibilidades - visualidade, pensamento e política das ocupações	64
2.2 Breves considerações sobre horizontalidade, liderança e reconhecimento	77
2.3 Ocupações como relatos de espaço e lugar praticado.....	84
2.4 Novas referências e credibilidades políticas.....	90
3 CAMINHOS E TRAMAS EM CURSO - OCUPAÇÕES E TRAJETÓRIAS DE VIDA.....	101
3.1 Leveza: "Eu gostaria de manter aquilo vivo"	103
3.2 Rapidez: "A galera tá morrendo agora, sabe?"	109
3.3 Exatidão: "Putz, eles ganharam..."	116
3.4 Visibilidade: "Aquilo era uma escola."	122
3.5 Multiplicidade: "[...] a ocupação tirou muito a minha timidez."	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS.....	142
ANEXOS.....	149

INTRODUÇÃO

Final do ano de 2015. Na barulheira típica de fim de ano por conta das festas comemorativas e a doce sensação de poder começar tudo de novo, uma notícia aparece timidamente na mídia: estudantes secundaristas da rede pública de São Paulo ocupam suas escolas para protestar contra a reorganização imposta pelo ex-governador Geraldo Alckmin. Em pouquíssimo tempo, a fagulha já tinha criado condições para incendiar a pradaria: cerca de 200 escolas paulistas foram ocupadas, ganhando ampla cobertura na mídia alternativa e logo depois despertando atenção da grande imprensa, da opinião pública e do próprio governador.

A reorganização - cumprindo bem a cartilha eufemista do idioma neoliberal - de escolas consideradas ociosas pelo governo paulista acenava à otimização de espaços da cidade para satisfazer o interesse do mercado imobiliário e foi planejada sem qualquer consulta aos estudantes e aos seus familiares, as pessoas mais impactadas pela decisão. A repercussão das ocupações foi grande e a reorganização foi temporariamente cancelada.

São Paulo foi o ponto de partida da onda de ocupações dos secundaristas no Brasil. Os estudantes paulistas parecem ter apertado o gatilho das condições de possibilidade para esse tipo de protesto que, por sinergia, incentivou o movimento em outras cidades do país (mesmo com razões diferentes para realizá-lo).

No ano seguinte (primeiro semestre de 2016) ele chegou ao Rio de Janeiro com a ocupação de aproximadamente 80 escolas. Inicialmente como apoio à maior greve realizada pelos professores da rede estadual, o movimento ganhou autonomia com demandas em relação às estruturas físicas das escolas, aspectos administrativos e questões curriculares. Disseminado pelo país com a ajuda fundamental das redes sociais, o movimento culminou com a ocupação de cerca de 1.000 escolas no Paraná, no segundo semestre de 2016, motivado pela Medida Provisória nº 746 publicada pelo ex-presidente Michel Temer em setembro do mesmo ano e que trouxe profundas alterações no Ensino Médio no Brasil. O protesto também foi motivado pela aprovação da Emenda Constitucional nº 95 (conhecida como a “PEC do fim do mundo”) que limita por vinte anos os gastos públicos e pelo avanço do partidário projeto “Escola sem Partido”.

Reservadas as diferenças de localização, motivos e demandas, as ocupações foram marcadas pela autogestão dos estudantes através da criação de comissões organizadoras (como segurança, limpeza, cozinha, comunicação, atividades, finanças). Outras características

que merecem destaque são: o discurso de não associação do movimento com partidos políticos; horizontalidade na organização, sem o estabelecimento de lideranças personalizadas; atividades pensadas pelos próprios estudantes, traduzindo seus desejos em relação aos conteúdos da escola e intenso uso das redes sociais para organização, registros e visibilidades do movimento.

Desde então, as ocupações dos secundaristas vêm conquistando cada vez mais espaço como campo de pesquisa em diferentes áreas (como educação, sociologia, psicologia, comunicação, direito, entre outras). O tema é fértil e apresenta muitas possibilidades de análises que abarcam os aspectos diretamente relacionados à vida dos estudantes e alcançam questões mais amplas como a relação entre juventude e a política ou mesmo a relação com o tempo sob o relógio neoliberal.

Um pouco de percurso

Uma mistura de interesse pessoal e acadêmico me levou a uma ocupação. O ano era 2016, eu estava no Mestrado em Cultura e Territorialidades na Universidade Federal Fluminense e, de alguma forma que não consigo lembrar exatamente, a temática juventude despertou minha atenção, muito por conta das excelentes disciplinas que fiz com minha orientadora à época, Ana Enne, professora inspirada capaz de alterar nossas rotas.

Encerrado o bloco das disciplinas, eu procurava um modo de tornar real o tema da dissertação que me propus: pesquisar jovens ateus moradores das favelas do Rio de Janeiro. Queria investigar o que sustentava (em termos subjetivos) um jovem sem a crença em algo imaterial num território de intensas violências (tomando como premissa a densa relação entre religião e a periferia). Eu entendia que, de certa forma, isso representava uma resistência à hegemonia da religião enquanto crença fundante. Minha hipótese era que o consumo (na relação com a identidade) e os laços sociais poderiam ocupar esses lugares.

O semestre da qualificação chegou e eu simplesmente não encontrava jovens com esse perfil. Ao mesmo tempo, as ocupações começaram a despontar no horizonte e aguçaram muito meu interesse. Decidi, então, ir a uma delas para ajudar como voluntária: o Colégio Estadual Visconde de Cairu, no Meier, próximo da minha casa, uma das primeiras ocupações do Rio de Janeiro e um dos colégios mais antigos da cidade (ele completou 100 anos em 2018).

Fui com o intuito de ajudar porque os perfis das ocupações nas redes sociais estavam convidando as pessoas para levar doações e conhecer o que eles estavam fazendo na escola.

Pensei que lá eu poderia fazer uma pesquisa para ver se achava jovens com o perfil da minha investigação que tinha como pano de fundo juventude e resistência. Entrei na ocupação e o caminho (ou descaminho) se refez: aquilo era resistência em estado bruto e, naquele momento (faltando 3 meses para a qualificação), realinhei minha pesquisa causando um leve espanto na orientadora (que, aliás, estava de férias quando recebeu a notícia).

Assim, em 2017, as ocupações foram o tema da minha dissertação¹. O ponto de partida da pesquisa passou por uma revisão bibliográfica das teorias sobre juventude, acompanhada por discussões como a relação entre a rua, a juventude e suas apropriações, a *Rebelião dos Pinguins* (movimento dos secundaristas chilenos realizado em 2006 que inspirou os estudantes brasileiros através de um documentário feito sobre ele) e o jovem na cena política brasileira a partir da luta estudantil. Com isso, contextualizei as ocupações que estavam acontecendo, até então, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A ocupação do Colégio Estadual Visconde de Cairu que vivenciei e pesquisei por cerca de 4 meses ganhou corpo de três formas: a) na análise da relação entre o Cairu e o subúrbio, uma vez que o colégio acompanhou a expansão da cidade para além das fronteiras do centro (ligada também à expansão da linha férrea); b) a investigação do colégio em suas dimensões espaciais (seus impressionantes 14.000 m²) e simbólicas (seu histórico de mobilizações políticas, que vai da ditadura até anos recentes); c) a ocupação propriamente dita retratada através do meu diário de campo, trazendo o dia a dia da ocupação, sinalizando diversas questões, conflitos, singularidades e indicando grandes eixos temáticos convergentes. Esses eixos foram destacados através de hiperlinks e compuseram um painel que permitiu localizá-los facilmente na transcrição do diário de campo, permitindo uma navegação não linear pelo texto.

A dissertação contou ainda com a discussão de alguns temas tangentes às ocupações. Analisei a relação entre neoliberalismo, educação e cidades, o impacto das novas tecnologias e a mobilização em tempos de redes digitais (fundamentais para as ocupações). Falei também sobre representação e credibilidade política na perspectiva da juventude, questões caras aos estudantes que propuseram um movimento bastante marcado pela autogestão, pela horizontalidade e pela tentativa de dissociação de partidos políticos. Essa discussão ficou ainda mais oportuna por conta do momento em que estava sendo feita: 2016, ano do impeachment da ex-Presidenta Dilma Rousseff.

¹ Dissertação #OcupaCairu: juventude e luta política a partir da ocupação de uma escola no subúrbio do Rio de Janeiro (COSTA, 2017).

As observações feitas pela banca na defesa da dissertação combinaram com a minha vontade de seguir investigando o tema. Como eu escrevi no calor dos acontecimentos, havia ainda muita coisa para pensar sobre eles. Essa vontade ficou ainda maior com a tensão do cenário político brasileiro marcado por uma série de questões envolvendo os campos políticos e partidários. Entre elas, destaco: a crise nos partidos de esquerda, a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva e o avanço da extrema-direita que culminou com a eleição de Jair Bolsonaro para presidente da República.

Em torno dessas questões, a participação da juventude não era irrisória uma vez que todos esses acontecimentos estavam na esteira das movimentações de 2013 onde a juventude teve um papel muito relevante. Sobre este tema, especificamente, cabe dizer que as *Jornadas de Junho* não serão analisadas neste trabalho, mas serão mencionadas algumas vezes como contextualização temporal e política.

Considereei meu mestrado concluído quando organizei uma roda de conversa no Cairu para apresentar minha pesquisa. Assumi como compromisso a escrita de um trabalho que pudesse ser lido e compreendido pelos alunos secundaristas (compromisso que continuo mantendo). O evento aconteceu em 2018, dois anos após a ocupação, e era importante sua realização nesse ano para alcançar o maior número possível de estudantes que tinham participado do movimento porque havia pouquíssimos registros da ocupação na escola.² Convidei também outros pesquisadores das ocupações para apresentar seus trabalhos comigo e um fotógrafo que participou como voluntário da ocupação para mostrar uma parte dos registros que ele fez. Houve uma expressiva participação dos alunos na roda de conversa e foi um momento muito especial para mim.

A continuidade da pesquisa foi um misto de acontecimentos. A vivência da ocupação do Cairu, a prazerosa feitura da dissertação e do mestrado, a realização do evento para os estudantes, as relações que criei com as pessoas que conheci na ocupação, a troca com outros colegas de pesquisa foram somadas aos convites que recebi para falar da minha dissertação e participar de debates sobre o tema.

Eventos esses que estavam, em sua maioria, associados aos registros audiovisuais sobre as ocupações porque muitos documentários foram produzidos e começaram a circular, ampliando ainda mais a repercussão do movimento dos secundaristas. As ocupações de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná (houve em outros estados também, mas menos visíveis que

² Muitos estudantes que ocuparam o Cairu em 2016 pertenciam ao 1º ano do Ensino Médio. Em 2018, com eles no 3º ano, seria o último deles no colégio.

nesses três lugares)³ foram ganhando corpo e despertando interesse da academia, da mídia e da sociedade em geral em um período de muita ebulição política. Assim, fomos nascendo juntas: eu como pesquisadora e as ocupações como tema. O que me dá um orgulho danado.

Há um acontecimento nesse processo que, transcorrido o tempo, parece um detalhe, mas foi importante para um ajuste de rota que desemboca nesta tese. Ainda durante o mestrado, em 2016, escrevi um trabalho para apresentar num importante congresso da área cultural. Minha proposta foi aceita no grupo de trabalho sobre América Latina porque costurei as ocupações com a *Rebelião dos Pinguins* e propus um diálogo entre os movimentos do Brasil e do Chile.

Comecei a apresentação do meu trabalho comentando o fato de um parecerista ter avaliado que as ocupações não eram o tema do congresso e problematizei a complexidade que envolve o entendimento do termo cultura. Coincidentemente, uma das organizadoras do evento estava na minha apresentação e fizemos um ótimo debate a respeito das ideias de política cultural e cultura política.

A partir dessa conversa eu entendi um pequeno incômodo que eu já vinha sentindo: o desejo de aprofundar o olhar para as ocupações através de uma perspectiva um pouco mais política. Isso falou alto na hora de escolher o programa de doutorado. Tendo tudo isso em mente, a partir de 2018, com a admissão no programa de Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), continuei a pesquisar as ocupações dos secundaristas.

A tese – questões, escolhas e características

A grande questão que orienta esta tese é o entendimento das ocupações como uma experiência e algumas traduções desta experiência na forma de ecos e ressonâncias. Ou seja: uma vez encerradas enquanto um movimento pontual, o que ficou dele? E como ficou? Quais leituras, rupturas e continuidades ele nos indica? Há algumas discussões já levantadas pela dissertação (como a relação entre a juventude e a política) acompanhadas de novas interrogações e análises.

Ecos e ressonâncias, termos que compõem o título deste trabalho, podem soar como sinônimos, mas há uma razão para essa distinção. Partindo das suas definições, eco é entendido como algo mais pontual, mais da ordem da materialidade dos efeitos, das repetições. Por exemplo: uma escola que ficou pior depois da ocupação está mais para um

³ Vale destacar que esses três estados elegeram governadores de direita na última eleição.

eco. Ressonância traz a ideia de amplificação, transmissão de um movimento vibratório, transporte de energia. Por exemplo: uma ex-secundarista que ocupou sua escola e que por conta disso decidiu tornar-se professora e passar para seus alunos a experiência vivida, isso é mais da ordem da ressonância. Essa diferença não será aplicada no texto de forma exata. Ela está mais para uma orientação de leitura e para o reconhecimento de que os efeitos das ocupações são múltiplos.

A experiência trazida aqui é como um prisma: em torno das ocupações dos secundaristas há diferentes faces, camadas e pontos de vista. Vamos percorrer algumas delas. Há a minha experiência como pesquisadora, a experiência das pessoas que não viveram a ocupação, mas que tiveram contato com ela através de documentários, a experiência dos estudantes narrando um documentário sobre a experiência na ocupação, a ocupação enquanto experiência dialogando com a política, a experiência direta dos estudantes e professores com a ocupação. A experiência é, assim, o fio condutor desta tese. E o que pode ser lido a partir disso tudo compõe as possibilidades de contribuição desta pesquisa para outros estudos.

O destaque para a experiência também é feito em função da sua importância no campo de estudos que serve de base para esta tese: a grande área dos Estudos Culturais (BAPTISTA, 2009). A metodologia etnográfica aplicada nesta pesquisa tem como suporte a observação participante na ocupação que acompanhei (e nos eventos posteriores a ela) e a realização de entrevistas. Como suportes adicionais de investigação, há registros no audiovisual e no teatro, registros fotográficos, capas de revista, matérias veiculadas na mídia hegemônica e independente e alguns artigos acadêmicos. O aporte teórico propriamente dito é utilizado em profunda relação com a experiência em suas diferentes nuances.

Nesta escolha há uma implicação importante de registrar: o início do percurso desta pesquisa no mestrado trouxe a minha inquietação e o desejo de colocar mais política na análise cultural. Não que o olhar político já não estivesse presente. Obviamente, ele estava. É que desejar um filtro um pouco mais político no campo cultural me fez levemente dissidente.

De certa forma, resolvi essa questão levando as ocupações para um doutorado onde a política é central. Contudo, no percurso do doutorado, senti falta do debate cultural nas análises políticas. Notei algumas vezes um certo ar de desinteresse ao destacar, por exemplo, aspectos políticos de produtos culturais do entretenimento, como se o entretenimento não pudesse ser político. O que me fez um pouco dissidente, de novo, e reclamando mais uma vez: falta política na cultura, falta cultura na política.

Tudo isso para dizer que o campo dos Estudos Culturais é uma escolha de marco teórico para essa investigação, mas também é uma lente pela qual tendo a olhar para o mundo

de uma forma geral, em vários aspectos, onde cultura e política estão estreitamente relacionadas. É onde meu lado ranzinza deságua, onde aflora a produtora e pesquisadora implicante em formação e onde me sinto à vontade para elaborar diálogos pouco comuns. É por isso que esta tese tem filósofo francês boladão e tem Anitta. Tem Carta Capital e tem Big Brother Brasil. Tem documentário, tem literatura, tem poesia, tem música e tem política nisso tudo.

Outra informação relevante tem a ver com o recorte. Eu falo das ocupações de uma forma geral, enquanto um tipo de protesto semelhante onde os estudantes secundaristas - por vezes identificados como os “ocupas” - são protagonistas e onde as pautas levantadas falam de demandas de uma juventude como um todo. Neste sentido, a análise é um pouco panorâmica e vai alternar entre as ocupações de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Mas também estão presentes análises mais singulares de situações e experiências da ocupação que eu acompanhei. Os eventos e debates⁴ que participei e mediei me mostraram que é possível falar das ocupações nesse arranjo entre o panorâmico e o singular, haja vista a sinergia de diálogos.

Como estilo de texto, esta tese tem o ritmo de uma conversa, um bate papo. Por isso existe a alternância de vozes entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, dependendo do momento do texto, seguindo um fluxo quase intuitivo. Essa característica tem aparecido como marca pessoal nas minhas produções e há nisso um impacto muito importante da disciplina *A pesquisa e a escrita como construção de si* ofertada no doutorado pelos excelentes professores Estela Scheinvar e Luiz Antônio Saléh Amado. Disciplina que cursei no segundo semestre de 2019 e no primeiro trimestre da minha gravidez, com implicações emocionais muito fortes e bonitas.

Esta tese é dividida em três capítulos. O primeiro traz as reflexões sobre experiência pensadas por Jorge Larrosa e o que elas inspiram ao olharmos para os efeitos das ocupações na sociedade e na experiência direta dos estudantes, com o apoio de registros no audiovisual e no teatro. O segundo analisa a experiência das ocupações e o que elas podem indicar sobre juventude e política, aproximando os terrenos da estética e da política e promovendo o debate sobre credibilidade política. O terceiro está dedicado às pessoas que tiveram suas vidas afetadas pelas ocupações, o impacto dessa experiência em suas trajetórias e o que elas pensam sobre isso. Todas essas reflexões são feitas no diálogo entre experiência e os suportes teóricos

⁴ Cartazes de alguns eventos nos anexos desta tese.

(de intensidades diversas) de Pierre Dardot, Christian Laval, Comitê Invisível, Michel de Certeau, Walter Benjamin, Jacques Rancière, Peter Pál Pelbart e Ítalo Calvino, entre outros.

Há alguns destaques a serem feitos sobre Ítalo Calvino e o terceiro capítulo. Uma coincidência temporal combinou a minha leitura do livro *Seis propostas para o próximo milênio* (1990) com a realização das entrevistas para o que eu já imaginava ser o capítulo de encerramento desta tese.

As entrevistas e a leitura do livro (por um interesse absolutamente pessoal para desanuviar a cabeça das leituras acadêmicas) aconteceram sincronicamente. Os depoimentos foram gradativamente me sensibilizando na mesma medida que o livro. Aos poucos, comecei a associar um ao outro, enquanto pensava num formato interessante e possível de escrever diante de tanto cansaço da reta final de escrita de uma tese, somado ao cansaço dos meus acontecimentos pessoais do último ano do doutorado.

Ao mesmo tempo, eu também buscava um aliado que me ajudasse a preservar a intensidade, a beleza e a dureza das histórias que eu estava ouvindo (capacidade que tendo a identificar na literatura porque sou uma apaixonada por livros e tenho a leitura como um dos meus hábitos de autocuidado). Em algum momento que não lembro exatamente, escolhi alinhar histórias e livro porque percebi a sinergia entre os dois. Sabia que não seria fácil essa costura, mas, uma vez decidido, já não consegui mais imaginar de outro jeito.

Nas primeiras páginas do capítulo, me vi falando pelas pessoas entrevistadas. Decidi, então, trazer trechos com as suas próprias palavras para manter o meu compromisso com a intensidade e para tentar compartilhar, o máximo possível, os muitos sentimentos que as entrevistas me provocaram.

Eu tinha um receio de não conseguir fazer as entrevistas porque não conseguia avaliar o impacto das ocupações na vida das pessoas e a disposição delas em falar sobre o assunto depois de tanto tempo. Fiz um planejamento e um cronograma tentando imaginar minimamente quantas pessoas aceitariam conversar comigo. Não tive nenhuma resposta negativa, exatamente. Algumas pessoas simplesmente não retornaram meu contato (através das redes sociais) e não me deixaram perceber se foi só esquecimento em meio ao fluxo da vida ou se foi um incômodo sobre o assunto.

Das entrevistas que consegui fazer (metade do que eu tinha planejado), a disponibilidade e interesse foi imediata. A maior parte delas (entre ex-secundaristas e professores) foram pessoas com quem convivi no ano das ocupações (2016) e com quem mantive contatos esporádicos nos últimos anos, através das redes sociais e de eventos pontuais. Nossos contatos também aconteceram em função da entrega da minha dissertação

após a minha defesa. Para minha surpresa, consegui fazer as entrevistas num curto espaço de tempo. Em aproximadamente duas semanas do mês de agosto de 2023, fiz seis entrevistas: três presenciais e três online, com uma média de 1 hora de duração cada.

Decidi não identificar as pessoas, repetindo o que também fiz na dissertação por sugestão da minha orientadora. Embora o atual contexto político nacional tenha melhorado, felizmente, é sempre bom não perder de vista que as ocupações (e seus protagonistas) configuraram um movimento legítimo reconhecido positivamente por uma boa parte da sociedade, mas muito condenado por outra (inclusive por integrantes das escolas e das instâncias administrativas dos órgãos públicos que ainda fazem parte das equipes de gestão desses espaços).

Sendo assim, escolhi preservar as identidades das pessoas entrevistadas e destacar suas histórias. Os únicos ex-secundaristas identificados são aqueles que se tornaram figuras públicas (Ana Júlia Ribeiro, Lucas Koka Penteado e Eloiza Bernardino) e que, justamente por isso, não consegui entrevistar (as informações a respeito dele e delas foram coletadas a partir do que está disponível na mídia, nos registros audiovisuais e nas redes sociais).

Um pouco mais de percurso para encerrar

Quero situar só um pouco mais de onde falo. Afinal: quem sou eu nessa história? Dá para começar a responder pelos não: não estudei em escola pública, sequer ouvi falar de algo como Grêmio Estudantil durante minha formação no ensino básico em colégios particulares, não tive uma criação politizada, não moro e nunca morei na periferia, não sou filiada a nenhum partido político ou movimento social, não sou professora (ainda).

Sou formada em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense e por muito tempo atuei na área cultural como produtora, perpassando discussões e ações relacionadas à política cultural e à cultura como campo de transformação social, sem perder de vista o campo da cultura política.

O trocadilho dos termos - política cultural x cultura política - não é apenas da ordem lingüística. A inversão também não significa que esses dois campos não estejam relacionados. Como professora substituta na área cultural (no próprio curso em que me formei), acabei imprimindo a relação entre eles nas disciplinas que lecionei. O retorno positivo dos meus alunos e alunas me mostrou a potência da conexão entre os termos.

Acabei me tornando uma professora que transpôs o academicismo da formação em produção cultural sem receio de falar em dinheiro, empregabilidade e mercado

(materialidades muito negligenciadas pelo curso), mas sem perder de vista o necessário posicionamento crítico e político no campo cultural. Este também é meu posicionamento na licenciatura em Artes Visuais que estou cursando na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A pesquisadora que venho me tornando também habita esse interstício: tenho interesse na sinergia que brota de um movimento onde teoria e prática encontraram seus limites, mas também se reinventaram e que, justamente por conta disso, não cabem em leituras reducionistas, lineares e/ou produtivistas. As ocupações dos secundaristas pedem outras traduções. Meu esforço tenta recusar declarações do tipo “ah, ocuparam a escola e não deu em nada” ou “ocuparam a escola e o Bolsonaro foi eleito” ou ainda “ocupou escola e foi parar no Big Brother Brasil”. Uma das razões dessa pesquisa é combater esses argumentos simplificadores e inspirar um olhar para seus ecos e ressonâncias e as potências possíveis em torno disso.

Ao escrever esse texto, revisito algumas questões do meu percurso como produtora, professora e pesquisadora, identidades fluídas da vida adulta em construção. E a pessoa por trás disso que costurou esse caminho e que teve o olhar capturado pelas ocupações? O que tem de meu nisso? Por razões que não cabem citar aqui, dois valores são fundamentais na minha vida e guiam meu olhar para o mundo: equilíbrio e justiça. É em torno disso que eu orbito e isso está inscrito nas perguntas que faço e nas respostas que busco. Esta pesquisa também é uma tradução disso porque, como bem disse Adriana Facina na minha banca de defesa do mestrado, “escrita é carne”.

Um futuro de outros mundos possíveis sempre foi uma ideia cara para mim. Eu: mulher, produtora, pesquisadora, em breve professora, feminista. E feminismo para mim tem a ver com o futuro (assim como as ocupações). O que construí até aqui vem encontrando o que estou aprendendo a ser nos últimos tempos: mãe... e de uma menina.

Se as ocupações pleitearam outra ideia de futuro e teve uma mulherada linda nessa linha de frente, quero (e acredito) em uma sociedade melhor onde minha filha seja afeto e efeito. No Estado de Poesia⁵ em que me encontro e que traduz minha relação com a maternidade, nunca a ideia de futuro foi tão visceral. No fim das contas, é também sobre

⁵ *Estado de Poesia*, música e álbum de Chico César (CÉSAR, 2015). Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=krgPPze689Y> >

segurar a primavera nos dentes⁶ e sobre a manhã desejada⁷. Esta tese é apenas uma pequena forma de participar disso.

⁶ Trecho de *Primavera nos dentes*, de João Apolinário, poeta português, musicada pelo grupo Secos & Molhados (SECOS & MOLHADOS, 1973).

⁷ Trecho de *E vamos à luta*, música de Gonzaguinha (GONZAGUINHA, 1980).

1. OCUPAÇÕES E AS MÚLTIPLAS FACES DE UMA EXPERIÊNCIA

No transcorrer dos últimos oito anos, marco temporal do meu início na pós-graduação, teci minha identidade como pesquisadora junto ao meu tema porque essa conexão (pesquisador + objeto) parece formar uma espécie de sobrenome. “Oi, eu sou a Michelli e faço mestrado”... “Ah é? E qual é o *seu tema*?”. “Oi, sou a Michelli e agora estou no doutorado”... “Ah é? E o que *você pesquisa*?”. “Sabe a Michelli?”... “Qual? *Aquela* que pesquisa as *ocupações*?”... Conteí esse percurso na introdução e agora volto a uma fala um pouco mais pessoal para abrir as portas dessa conversa que é a costura entre o que sou, o que pesquiso, a minha experiência com o que pesquiso e a relação disso com alguns dos meus pontos de vista.

Minha experiência com pesquisa antes da pós-graduação se resumiu ao trabalho de conclusão de curso da graduação (em 2009) e depois disso a vida seguiu por outros caminhos que não eram no campo acadêmico. Anos depois, quando encontrei as ocupações dos secundaristas (em 2016), desconfiei se seria só puro interesse investigativo de alguém que sempre gostou de estudar, de observar, de ler e de escrever ou se era alguma coisa além do acaso. Não quero com isso entrar na polêmica discussão sobre destino porque aqui não é o espaço para esse tipo de debate. Cabe, contudo, falar de outras coisas como sinergias e afinidades. Essas sinergias e afinidades que a gente talvez não tenha consciência ou olhar atento o tempo todo, mas que estão nos nossos caminhos.

Não sei bem dizer o porquê, mas sou do time da estranha mania de ter fé na vida. E tudo que acena a isso, me toca, me emociona, me interessa, me convida, me convoca. Foi assim que cheguei à ocupação do Colégio Estadual Visconde de Cairu, em abril de 2016. Fui como cidadã curiosa e acabei saindo de lá como pesquisadora daquele movimento. Desde então, meu caminho na pesquisa tem sido trilhado junto a ele e aos ecos e ressonâncias que ele deixou.

Minha relação com as ocupações acontece de muitas formas. Ela é composta pela minha vivência do movimento em si e episódios pontuais depois do seu encerramento, pelo meu material de pesquisa, pela minha dissertação (COSTA, 2017), pela minha participação em eventos e debates. Além disso, há também o contato ao longo dos anos com ex-secundaristas e professores, os documentários que assisti sobre as ocupações em diferentes cidades do Brasil, o percurso como aluna do doutorado, os artigos produzidos e as coisas mais

miúdas em torno do tema. Nesse misto de relações, memórias e materialidades, a experiência das ocupações causa em mim uma pluralidade de sentimentos.

O primeiro deles é uma mistura de surpresa, alegria, orgulho e esperança. Lembro do momento em que pisei na ocupação e pensei onde aquela garotada toda tinha arrumado coragem para ocupar a escola, mesmo como tanto a desafiar? Falar de uma ideia *radical* com outras pessoas numa rede social é uma coisa. Realizá-la, é outra.

Provavelmente muitos de nós já aventamos ideias complexas para a resolução de um problema e a instalação de uma realidade alternativa (ainda que provisória). Materializar isso é algo completamente diferente que reúne coragem, disposição, iniciativa, possibilidade. No caso da ocupação do Cairu, esse conjunto de características se concentrou em estudantes com disponibilidade para chegar à escola de madrugada (o que não é simples em se tratando de Rio de Janeiro) e trocar os cadeados dos portões (o que também não é simples para uma escola de 14.000 m²) antes do horário de início das aulas para dar o pontapé inicial da ocupação.

Quero abrir aqui um breve parêntese sobre uma frase que acabei de escrever: ao pensar em inserir a palavra *radical* (e todos os desdobramentos que o termo implica), procurei sua definição no dicionário (MICHAELIS). Uma delas é: “Que é tão completo quanto possível”. Arrisco dizer que o contexto em torno das ocupações, mencionado na introdução, tenha fornecido todas as condições para que o movimento acontecesse. E, com isso, é possível imaginar as intenções e sentimentos que impulsionaram os estudantes. Mesmo assim, vale a auto-reflexão: quantos de nós têm coragem de fazer movimentos ousados mesmo quando todas as condições de possibilidades estão reunidas?

Na esteira dos sentimentos bons, uma alegria e um orgulho pela capacidade de organização e sustentação do movimento nas ocupações das escolas em São Paulo, no Cairu (e depois na sequência das ocupações no Rio) e no resto do país (com destaque para o Paraná). É claro que o apoio de pessoas mais familiarizadas com esse tipo de ação foi importante (professores sindicalizados, integrantes das alas jovens de partidos políticos, movimentos estudantis institucionalizados como União da Juventude Socialista/ UJS e União Brasileira dos Estudantes Secundaristas/ UBES), mesmo que este fato seja de natureza complexa na relação com a discussão sobre a autonomia do movimento.

Mas havia ali um contexto novo e algo além: muitos estudantes sem qualquer experiência e envolvimento prévio com o movimento estudantil, alguns deles com perfis muito passivos em sala de aula, como pude constatar nas entrevistas feitas com os professores e em vários outros relatos sobre as ocupações. Uma das frases memoráveis que ouvi de um

parente de aluno durante as entrevistas foi: “Esse menino é coroinha da igreja e tá aqui ocupando a escola”. Frase que revela outra singularidade: a presença de alguns familiares como pais, mães, avós, tios, junto aos estudantes, apoiando a ocupação do jeito que era possível para cada realidade, seja cozinhando, seja com vassouras ou apenas dormindo junto com os filhos dentro da escola.

Este meu sentimento de alegria e orgulho estava influenciado por um contexto que vale mencionar: no primeiro semestre de 2016 (por volta de abril e maio) já estavam em curso as ações prévias do golpe institucional que destituiu a ex-Presidenta Dilma Rousseff, no mês de agosto daquele ano. Era impossível para mim não compensar o embrulho no estômago com o sentimento oposto (que eu chamo de quentinho no coração) que pairava no ar com as ocupações. Pensei que eu tinha muita sorte em estar acompanhando aquele movimento justamente naquele momento. Assim, me permiti e precisei ter esperança no futuro onde esses jovens que estavam ocupando as escolas serão os adultos. Acreditei (e sigo acreditando) nessa geração.

Mas é preciso falar mais desse embrulho no estômago para compor a pluralidade de sentimentos que mencionei. Falo disso tendo como horizonte a realidade que espera essa juventude corajosa após o período escolar, pensando nessa fase quase como uma “licença poética” para poder sonhar em mudar o mundo (e agir nesse sentido). Escrevo isso e imediatamente me corrijo por deixar de considerar as durezas que eles já vivenciam como estudantes (e que corrobora um movimento como as ocupações, por exemplo).

O que quero tentar ilustrar é o cenário de possibilidades formado, em sua maior parte, por empregos precários, relações trabalhistas marcadas por assédio (isso se houver relação trabalhista), subalternidade, tempo escorrendo pelas mãos, a extrema dificuldade - e talvez impossibilidade - de pensar num projeto de vida e numa carreira profissional. A luta das classes populares desse país para conseguir manter pelo menos a cabeça fora da água e permanecer respirando. Além disso, o racismo. E as mulheres? Ah, as mulheres... Protagonistas desse movimento tão avassalador como as ocupações, mas não isentas do machismo estrutural que se fez presente inclusive ali (e por isso mesmo o assunto foi pauta interna das discussões nas ocupações)⁸.

⁸ Não é tema desta tese a relação entre as ocupações e a pauta feminista. Muitas pesquisadoras e pesquisadores já vêm fazendo isso de forma bastante competente porque o protagonismo feminino é um dos pontos fortes que saltaram das ocupações. Eu me identifico com meu gênero de nascimento, entendo feminismo como um movimento revolucionário e urgente para repensar classe, raça e gênero. Minha relação com este assunto está mais na dimensão da cidadania, da filosofia, da ética e não quis fazer dele um tema de pesquisa propriamente dito, embora ele perpassasse tudo que sou.

Dizendo de outra forma: a precariedade que denunciam com a ocupação, envolvendo diversos temas além da escola, é a mesma que os espera depois porque é a precariedade da própria vida, principalmente em tempos de neoliberalismo, como apontam Dardot e Laval (2016). Então, como denunciar isso? Como trocar os cadeados dos portões da vida? Como ocupar o mundo de outra maneira?

Os anos passaram e as ocupações dos secundaristas escreveram seu nome em uma das décadas mais fervilhantes da história recente do país: 2023, ano em que esta tese está sendo apresentada, é o aniversário de 10 anos das Jornadas de Junho.

Uma esteira de protestos que ganharam as ruas do Brasil em 2013 disparados, inicialmente, pelo questionamento das tarifas de ônibus em estados como Santa Catarina e São Paulo, promovido pelo Movimento Passe Livre. Na complexidade e diversidade de atores, meios e pautas, estão o protagonismo jovem, a organização via mídias sociais, a retomada da rua como arena de protesto, a disputa de narrativas, as ações policiais e o avanço de movimentos conservadores, como abordam muitos trabalhos em diversos campos de pesquisa.

E o que se viu no Brasil durante esse período foi de causar pesadelos até no Freddy Krueger, clássico personagem dos filmes de terror da década de 80. Após as Jornadas de Junho, a reeleição da Presidenta Dilma Rousseff foi cercada por uma insatisfação popular (espontânea e fabricada) gravitando em torno da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. Em 2015 e 2016, as ocupações e o golpe institucional. Em 2018, o assassinato da ex-vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, o incêndio do Museu Nacional e a eleição de Jair Bolsonaro.

Após os movimentos insurgentes liderados pela juventude em 2013, 2015 e 2016, a calorosa sensação progressista foi engolida por uma onda extremista ainda maior que culminou na eleição do primeiro governo de extrema direita do país, com um claro discurso de caça às manifestações de qualquer natureza. Fechando este cenário, veio 2020 e a pandemia global do coronavírus que causou 700 mil mortes⁹ no Brasil (situação agravada pela negligência intencional do então Presidente de extrema direita eleito).

Invento uma palavra para dizer que chegamos a 2023 “sobrevividos” desse período, de longuíssimos quatro anos de um mandato (findo, felizmente) absolutamente destrutivo. E sobrevivemos para eleger Luiz Inácio Lula da Silva Presidente do Brasil mais uma vez, com mais de 60 milhões de votos.

⁹ Uma delas foi a minha avó materna, Vó Lola, que não pôde conhecer sua primeira bisneta, Estela, minha filha.

Emergindo dessa breve reflexão sobre o contexto do país nos últimos 10 anos e 7 anos depois das ocupações, penso que sentimentos essa experiência como pesquisadora das ocupações me causam hoje? Esse movimento - plural, recortado, efervescente - de que forma ele ainda reverbera? Qual a atualidade disso que sinto? Infelizmente, ainda preciso preparar o estômago. Novamente, um misto de sentimentos.

Volta o nó nas entranhas: o Paraná, que teve o maior número de escolas ocupadas em 2016 (foram cerca de 1.000 escolas) no protesto que correu o país contra a Reforma do Ensino Médio é o mesmo onde o projeto de transformação das escolas públicas em escolas cívico-militares ganhou força e materialidade (cerca de três anos depois das ocupações) durante o governo do ex-Presidente Jair Bolsonaro. Com mais de 200 unidades nesta modalidade, foi o estado com o maior número de escolas desse tipo e caminha para um programa semelhante com recursos estaduais, uma vez que o programa do Governo Federal foi revogado pelo Presidente Lula¹⁰.

A ampliação das escolas cívico-militares foi um dos argumentos na área da educação da candidatura do Governador Carlos Massa Ratinho Junior, do Partido Social Democrático (PSD), reeleito em primeiro turno com impressionantes 69,64% dos votos válidos nas eleições de 2022 (o segundo governador mais votado do país, em números percentuais).¹¹ Em seu programa de governo, constava a informação de 207 escolas cívico-militares atendendo mais de 140 mil alunos da rede estadual¹². A relação entre a força das ocupações no Paraná e a concretização do projeto de escolas cívico-militares parece estar mais para ação e reação do que para mera coincidência.

Mais um sentimento de náusea surge ao ler relatos como este da cineasta Eliza Capai, diretora do documentário *Espero tua (re)volta* (2019), sobre as ocupações dos secundaristas (CAPAI, 2021):

O projeto do filme @espero_tua_revolta pesquisou e acompanhou jovens secundaristas que viveram a luta por uma educação pública de qualidade. Ainda muito jovens, com 15, 16, 17 anos, ocuparam suas escolas, se manifestaram, trancaram ruas e conseguiram cancelar um projeto do Governo do Estado que fecharia quase 100 escolas em São Paulo. O preço pela ousadia foi alto: a maioria dos jovens com quem falamos tiveram e têm transtornos causados pelas agressões sofridas pela polícia e pelo constante medo. Ainda hoje, muitos destes jovens a quem entrevistamos tem crises de ansiedade, pânico, sofrem com alcoolismo, drogas, e alguns até tentaram suicídio.

¹⁰ *Governo do PT acaba com programa de escolas cívico-militares*. Matéria do jornal Gazeta do Povo. 21 jul. 2023 (DEREVECKI, Raquel).

¹¹ *Veja quem são os governadores eleitos em 2022*. Matéria do portal Universo Online. 20 out. 2022 (UNIVERSO ONLINE).

¹² A informação constava no endereço eletrônico da sua campanha (<https://ratinhojunior.com.br/educacao/>), mas o link de acesso não está mais disponível. Acesso: 26 out. 2023

Persisto, contudo, na fé na vida e em suas insurgências, potências e resistências. Compenso o lamento do relato acima com a notícia da eleição da ex-estudante secundarista Ana Júlia Ribeiro para Deputada Estadual nas eleições de 2022. Seu rosto ficou conhecido ao discursar na Assembleia Legislativa do Paraná durante as ocupações de 2016. Ana Júlia participou da ocupação da escola em que estudava (e que posteriormente foi incluída na leva das escolas públicas transformadas em escola cívico-militar).

Atualmente estudante de Direito e Filosofia, ela foi eleita com 51.845 votos, pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Ana Júlia é a deputada mais jovem a exercer um mandato e, além disso, faz parte da maior bancada feminina da história do Paraná (com dez deputadas)¹³. Se o percentual de votos recebidos por Carlos Massa Ratinho Junior é digno de nota, a eleição da Ana Júlia também representa uma força (principalmente pelo Paraná ser um dos maiores redutos da extrema direita atual do país).

Ainda tenho brilho no olhar, esperança na alma e fé nesse país que, a todo momento relembro, é o país de Dandara dos Palmares, de Teresa de Benguela, de Luísa Mahin, de Carolina Maria de Jesus, de Mercedes Baptista, de Lélia Gonzalez, de Nise da Silveira, de Dona Ivone Lara, de Marielle Franco, de Elza Soares, de Diva Guimarães, de Conceição Evaristo, de Sueli Carneiro, de Jaqueline Goes de Jesus, de Rebeca Andrade. Isso, apesar de tudo e apesar de tanto. E também o país de Lima Barreto, de Cartola, de Pixinguinha, de Paulo Freire, de Darcy Ribeiro, de Jorge Amado, de Ariano Suassuna, de Josué de Castro, de Augusto Boal, de Milton Santos e Milton Nascimento, de Caetano Veloso, de Ailton Krenak, de Gilberto Gil, de Luiz Inácio Lula da Silva. Como não insistir no Brasil?

1.1 A experiência em Jorge Larrosa

O que está parecendo uma segunda introdução até aqui tem uma razão. Parto da minha experiência como pesquisadora das ocupações (e tudo que me atravessa em relação a isso) para perguntar: cabe falar de sentimentos numa pesquisa acadêmica? Acredito que sim e me sinto acolhida por Jorge Larrosa (2015) e pelo seu olhar para a proximidade entre experiência e vida. Uma proximidade tão intensa que “talvez seja preciso pensar a experiência como o que não se pode conceituar” (2015, p. 43). O autor acrescenta no mesmo trecho: “Pessoalmente, tentei fazer soar a palavra experiência perto da palavra vida, ou melhor, de um modo mais preciso, perto da palavra existência”.

¹³ Ela já tinha se candidatado a vereadora nas eleições municipais de 2020. Não foi eleita, mas recebeu 4.538 votos, ficando em 39º lugar no cômputo geral das 38 vagas disponíveis na Câmara dos Vereadores.

Larrosa denuncia a vulgarização da experiência mostrando como ela é cada vez mais inacessível na sociedade atual pelos excessos que a caracterizam: excesso de opinião, excesso de informação e excesso de trabalho. Tudo isso coroado com a sensação (comum a todos) da falta de tempo. Então, como conciliar tantos excessos em um tempo que é o mesmo? Numa sociedade cada vez mais regida pela velocidade, um dos efeitos desse contexto aparece no empobrecimento da experiência e na interdição da sua realização mais potente traduzida no par experiência/sentido proposto por Larrosa.

O autor contesta a dimensão cognitiva do atual estágio do neoliberalismo onde todos os apelos publicitários de consumo (seja de informação, de produto, de entretenimento, de formação profissional e etc) enfatizam a necessidade, o valor e o acúmulo da experiência. Tudo vale em nome dela. Qualquer comercial de carro, cerveja, banco e cartão de crédito hoje em dia ilustra isso muito bem.

Ou seja: quando tudo é experiência, seu esvaziamento já está aqui entre nós e há muito tempo, como apontou Walter Benjamin (2012) no início do século XIX¹⁴. Vem daí, na visão de Larrosa, as precauções em relação ao seu uso (2015, p. 45):

[...] A sexta e a última precaução consiste em tratar de fazer da palavra experiência uma palavra afiada, precisa, uma palavra inclusive difícil de utilizar, e isso para evitar que tudo se converta em experiência, que qualquer coisa seja experiência, para evitar que a palavra experiência fique completamente neutralizada e desativada. [...]

Larrosa provoca, ainda, uma reflexão sobre a produção de conhecimento no campo pedagógico e aponta a predominância dos pares ciência/técnica (das ciências aplicadas) e teoria/prática (da práxis reflexiva). A partir disso, ele sugere a necessidade de alternar ou complementar esses pares com o par experiência/sentido porque este também funda uma ordem epistemológica e uma ordem ética. Seu apelo acena na direção de “reivindicar tudo aquilo que tanto a filosofia como a ciência menosprezam e rechaçam: a subjetividade, a incerteza, a provisoriade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida...” (2015, p. 40).

Seu convite nos faz perceber que preservar-se do caos não é garantia de coisa alguma e nos faz viver mais uma vida estéril do que uma vida em sua plenitude porque evitar o caos é evitar a própria vida. E esta reflexão vale para o campo acadêmico e para a fruição da vida em si, nas suas diversas instâncias. A ideia trazida pelo autor orbita em torno da questão: como atravessar com tudo isso?

Larrosa parece nos chamar para perder o medo disso que ele mesmo declara ter dificuldade de definir (2015, p. 40): “A experiência tem algo da opacidade, da obscuridade e

¹⁴ Falaremos mais disso nas próximas páginas.

da confusão da vida, algo da desordem e da confusão da vida.” E como um bom e sábio amigo, daqueles que todos nós temos, parece dizer: “Está tudo bem. Se der medo, vai com medo mesmo”.

Meus sentimentos, minha experiência como pesquisadora e minha relação com o que pesquiso deságuam em outra provocação feita por Larrosa: a proximidade entre experiência, vida e paixão. Não a paixão exatamente em seu sentido romântico como é comumente conhecida, mas a paixão enquanto aquilo experimentado na carne, como o que há de mais profundo em nós, ainda mais além que o particular e o individual. O singular que nos constitui e de onde a experiência é inseparável. Diz ele (LARROSA, 2015, p. 68): “(...) A experiência é sempre do singular, não do individual ou do particular, mas do singular. E o singular é precisamente aquilo do que não pode haver ciência, mas sim paixão.”

E daí a importância do sentido que a experiência desperta na direção de fundar outras ordens. E, também por isso, a força da sua transmutação em uma linguagem (Ibidem):

[...] Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição. [...] Se a linguagem da crítica elabora a reflexão do sujeito sobre si mesmo a partir do ponto de vista da ação, a linguagem da experiência elabora a reflexão de cada um sobre si mesmo a partir do ponto de vista da paixão. [...]

A experiência como paixão e como linguagem será nossa ideia companheira ao longo de toda esta tese, percorrendo diferentes camadas. Paixão entendida como aquilo que toca, fere, movimenta, desloca, angustia, emociona, abre para nós perguntas sem respostas. Nós, no plural mesmo, enquanto espectro de singularidades: afetos e efeitos em mim, a pesquisadora, e nos demais sujeitos atravessados pelas ocupações.

Linguagem pelo que convida. E esse convite também é no plural, mas com outro desdobramento: o que convoca do outro. É aquele silêncio partilhado e o brilho no olhar dos grandes sentimentos humanos que só o irreduzível em nós é capaz de partilhar e incapaz de nominar como a Alegria (sim, com “A” maiúsculo) da chegada de um filho ou a Dor (sim, com “D” maiúsculo) da sua perda.

Ou a doce sensação de um jovem estudante com o futuro em suas mãos e a agonia nas entranhas ao descobrir que o mundo é um moinho, como bem avisou Cartola (1976). Afinal, onde encaixar a esperança e a coragem desses jovens que ocuparam as escolas desafiando outra ideia de futuro num país nada hospitaleiro à juventude das periferias (o público da escola pública), principalmente se fizermos o recorte de classe e raça num país extremamente violento com as juventudes negras desse país?

Desafio (não sem medo), os nós e os sentimentos que já citei, tentando mergulhar nessa pesquisa e descobrir no inferno o que não é inferno, para citar Ítalo Calvino (2003). Tenho mais uma vez a companhia de Larrosa, ao falar da ferida da realidade e da experiência como linguagem (LARROSA, 2015, p. 76):

[...] Então, com que cara vamos seguir adiante? Qual é a cara viva, estremecida, com a qual possamos afirmar a vida? Com que cara encarar o que nos acontece? Qual é a voz viva, trêmula, balbuciante que corresponde a essa cara, qual é a língua que lhe convém? [...]

Na ideia da experiência como linguagem, busco na memória algumas cenas que inspiraram uma espécie de tradução ou código. Não seqüenciado, não literal, mas elaborado de sentidos e símbolos (composto de palavras e de silêncios) que a experiência das ocupações proporcionou. Volto, então, ao silêncio partilhado que mencionei há pouco para falar de um momento memorável da ocupação do Cairu: uma tomada de decisão de um dos alunos na relação com a imprensa.

Após algumas semanas desde o início do movimento no Rio de Janeiro, as ocupações começaram a ganhar repercussão na mídia e, numa tarde, uma equipe foi ao Cairu para fazer uma reportagem. Estava ali a difícil dúvida sobre cumprir o acordo estabelecido coletivamente em Assembleia (de receber a imprensa apenas num horário específico, no turno da manhã) ou usar a oportunidade da mídia para impulsionar uma opinião pública favorável. Apesar de todas as críticas feitas à mídia hegemônica, todos ali sabiam o que significaria aparecer na Rede Globo e rapidamente a notícia se espalhou entre os alunos, voluntários e professores que estavam lá naquela tarde.

Enquanto todos eles caminhavam para o portão onde a equipe de reportagem esperava, o aluno (que fazia parte da comissão de comunicação) em silêncio buscou o olhar do professor (até porque tinham uma boa relação de amizade) parecendo buscar uma resposta ou um conselho. O professor devolveu o olhar com o mesmo silêncio. Larrosa parece traduzir bem essa cena (2015, p. 81):

[...] E por isso as aulas são, ou foram às vezes, ou poderiam ter sido, lugares da voz, porque nelas os alunos e os professores tinham que estar presentes. Tanto em suas palavras como em seus silêncios. Talvez sobretudo em seus silêncios. [...]

Entre os muitos deslocamentos promovidos pelas ocupações, estão o despertar de outro tipo de presença no espaço da escola, a subversão da ideia tradicional de aula e a mudança na relação aluno e professor. Ao respeitar a decisão do aluno naquele momento crucial, entendendo a suspensão da hierarquia e a relevância do protagonismo, o professor

ajudou a criar uma situação de aprendizado e autonomia que só uma experiência como a ocupação, ali naquele formato em que estava acontecendo, pôde proporcionar.

Para terminar de contar a história, o aluno permitiu que a equipe de reportagem entrasse para filmar a escola, desde que eles cumprissem o “combinado”: só filmassem as áreas que ele autorizasse. O combinado não aconteceu, a equipe quis filmar o banheiro e o aluno não permitiu (provavelmente porque o banheiro ainda não havia sido limpo até aquele momento). A equipe alegou que aquilo era “censura” e lembro bem do comentário do repórter (feito num tom discreto e debochado) porque eu estava ao lado dele nesse momento. Foi algo do tipo: já fiz reportagem em local de guerra, não vai ser um aluno em uma escola que irá me impedir de filmar. E, assim, eles filmaram o banheiro.

E o que andava um primor nos dias de ocupação (era o banheiro que eu mesma utilizava¹⁵ e tinha inclusive aquelas simpáticas caixinhas de doação de absorventes e remédios), especificamente naquele dia e naquele horário, estava como está um banheiro em qualquer lugar do planeta antes de ser limpo: sujo. A preocupação com a imagem do movimento (e conseqüente repercussão) era um dos receios da comissão de comunicação e, também por isso, eles haviam estipulado um horário fixo para atender a imprensa.

Dou um doce para você, que está lendo esse texto, se adivinhar qual foi um dos destaques das imagens da matéria que saiu sobre a ocupação¹⁶. A fala do aluno dizendo “Nós estamos aqui para cuidar da escola” e a imagem do banheiro sujo depois. Com tantas possibilidades para colocar em uma matéria rápida sobre o movimento dos estudantes, a equipe de reportagem elegeu a do banheiro sujo como uma imagem relevante. Nada que a gente já não saiba sobre a criação de narrativas dos meios hegemônicos e seus alinhamentos políticos, mas, ainda assim, dá vontade de reclamar sobre o porquê de determinadas escolhas.

E, para fechar a história, cumprindo o que parecia evidente: a decisão foi muito criticada pelos outros alunos que não estavam lá (e que não precisaram tomar a difícil decisão de permitir ou não a entrada da imprensa) e foi um motivo de muita discussão entre eles posteriormente. Esse é apenas um exemplo, entre muitos, da complexidade envolvendo as

¹⁵ Uma explicação sobre esse fato que chamo brevemente de “Sobre banheiros e aceitação”: Nos primeiros dias da ocupação, o comportamento em relação a minha presença apresentou diferentes nuances. No início fui bem recebida por alguns alunos, mas houve um certo estranhamento de alguns professores que desconfiaram das minhas motivações na ocupação por não saberem quem eu era. A desconfiança - absolutamente razoável - girava em torno da possibilidade de eu ser uma “infiltrada” da Secretaria de Educação (ou de algum outro órgão contrário ao movimento) e que estava ali para vigiar a escola de perto. Com o tempo, contudo, fui aceita pela comunidade da ocupação e pude até usar o banheiro dos professores (que eles me ofereceram), mas na grande parte das vezes usei o banheiro das alunas. Após alguns meses, quando todos já me conheciam, fui alçada à “etnógrafa da ocupação” por um dos professores e definida pelos alunos como “a moça que pesquisa a ocupação”.

¹⁶ A matéria não está mais disponível.

ações e tomadas de decisão dos estudantes durante a ocupação, e que fala também do encontro entre experiência e linguagem.

As muitas formas de olhar para a experiência abrem caminhos e possibilidades. Até aqui, a costura começou na minha própria experiência e encontrou as reflexões de Larrosa (2015) em algumas situações experimentadas e observadas na ocupação que acompanhei. É possível ampliar um pouco mais esse olhar ao pensar no diálogo que as ocupações criaram com a sociedade através dos registros feitos sobre elas. Vamos falar um pouco sobre isso.

1.2 Alguns diálogos das ocupações com a sociedade

Estendendo o debate para o que as ocupações expressaram da sociedade como um todo, é possível pensar nesse movimento como uma experiência de insurgência contra um modo de vida sufocado e anestesiado por diversas violações. Efeitos sentidos diretamente pelos estudantes e que também ecoam um pouco de todos nós, como uma espécie de ressonância do imaginário coletivo.

Esse sentimento coletivo (em que uma parcela da sociedade se viu representada pelos ocupas) ficou bem traduzido pela capa da edição nº 925 da revista Carta Capital: uma foto da Ana Júlia, a estudante que em 2016 ocupou o Colégio Estadual Senador Manoel Alencar Guimarães (Cesmag), localizado em Curitiba:

Figura 1: Capa da Revista Carta Capital de novembro de 2016



Fonte: Revista Carta Capital, São Paulo, ano XXII, n. 925, nov. 2016 (TRUFFI, 2016).

O subtítulo da reportagem de capa enfatiza: “Representante dos estudantes que ocupam mais de mil escolas no país, Ana Júlia Ribeiro prova que *ao menos uma porção importante da sociedade reage* ao estado de exceção” (TRUFFI, 2016, p. 18, grifo nosso). A chamada da capa é literal e representa bem a identificação de uma parte da sociedade com as ocupações. Vale destacar, contudo, que a denominação dela como “representante dos estudantes” foi feita pela revista e não pelo movimento (e nem mesmo ela se identificava assim).¹⁷

Outro aspecto do diálogo das ocupações com a sociedade é a pluralidade dos registros realizados (pelo e sobre) o movimento. O destaque é feito para a intensa produção de registros no audiovisual e para uma experiência de incursão das ocupações no teatro. Através das inúmeras pesquisas¹⁸ e da expressiva produção audiovisual feita pelos próprios estudantes

¹⁷ Uma menção à dificuldade de alguns atores políticos (à direita e à esquerda) de entenderem movimentos horizontais propostos pela juventude e que rejeitam lideranças personalizadas. Falaremos um pouco mais disso no capítulo 2.

¹⁸ Cito algumas pesquisas sobre as ocupações: FERNANDES, 2019; COSTA, GROppo, 2018; JANUÁRIO, MEDEIROS, MELO, 2019; BARBOSA, Fernanda. 2018; BORGES, SILVA, 2019; BARBOSA, Luiz Guilherme. 2018; DIOS, 2017; COSTA, PERUFFO, 2021.

e por pessoas de diversas áreas (profissionais, ativistas e voluntários), as ocupações continuam vivas, ressoando enquanto debate, reflexão, história, num misto de memória e possibilidade.

Sobre o registro audiovisual, sua intensidade está relacionada à popularização dos aparelhos celulares e às facilidades de produção e edição de imagens promovidas pelas tecnologias atuais, o que favorece especialmente os mídia-ativistas. Vale ressaltar que o registro das ocupações está profundamente ligado à memória de um movimento cujos discursos e narrativas foram (e ainda são) muito disputados. Além da relação com a memória, eles também cumprem um valioso papel no reconhecimento da importância desse movimento na vida escolar e política de quem participou dele.

E não só a memória é acionada nesse processo: seja como filme ou como peça de teatro, as ocupações criam (ou recriam) em quem assiste uma conexão com a experiência vivida pelos estudantes, ainda que esse espectador (jovem ou adulto) não tenha participado do movimento. Corroboram essa ideia os inúmeros debates que têm acontecido nos últimos anos, após exposições e performances sobre o tema, com plateias de perfis muito diferentes, em territórios diversos.

Arriscamos dizer que esse interesse pode vir do fato das ocupações representarem uma espécie de microcosmo da situação política mais ampla que abarca todos nós, enquanto corpos e subjetividades, de formas distintas. A reação das pessoas às cenas que mostram a ação da polícia contra os estudantes, dentro ou fora da escola, é um bom exemplo disso. Via imagem ou encenação, o espectador é sensibilizado e convocado a refletir inicialmente sobre uma série de pautas ligadas diretamente aos estudantes, mas que reverberam questões sociais mais amplas envolvendo assuntos como cidadania, direitos, o uso da cidade, a política e a ação policial.

Mesmo que esses registros sejam um impacto “apenas” na esfera da reflexão (observado no público presente em debates que assisti e mediei) e não um ato em si (não significa que assistir um filme ou uma peça sobre ocupação vá fazer alguém ocupar), é relevante o convite que essas produções fazem para pensar realidades distintas (ou mesmo parecidas). Torna-se ainda mais importante num cenário de intensa disputa de discursos, de ataque ao exercício do pensar crítico e em tempos de disseminação de notícias falsas que, cada vez mais, vêm assumindo status de “verdade”.

Retomando o exemplo da conduta policial, é bastante significativo que através de um curta com imagens que mostram a ação violenta da polícia para a retirada de estudantes de uma ocupação, o público de um debate consiga perceber semelhanças entre o comportamento

da polícia com os estudantes e com os moradores de uma das regiões mais violentadas pelo Estado como o Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro¹⁹. Através da temática da ocupação, foi possível debater assuntos como a atuação da polícia, a relação entre investimento em educação e violência urbana, os direitos negados às populações mais pobres (como acesso aos hospitais), eleições, entre outros temas.

Mais um exemplo do diálogo com a sociedade: ainda durante o mestrado na Universidade Federal Fluminense (UFF), meu estágio docente aconteceu na oferta de uma disciplina optativa chamada Mídia e Culturas Juvenis, da graduação em Estudos de Mídia. Nós (eu, outra colega de turma que também pesquisava juventude e nossa orientadora à época, Ana Lucia Enne) decidimos apresentar um painel de temas caros à juventude como consumo, sexualidade e política (entre outros).

Neste último painel, apresentei minha pesquisa sobre a ocupação do Cairu e levamos para o debate um grupo de estudantes secundaristas que realizou a ocupação do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), em São Domingos (Niterói). Lembro bem das expressões admiradas e comentários dos alunos universitários a respeito da postura e coragem dos secundaristas para realizar o movimento. Um comentário, em especial, achei memorável: um deles (um universitário) afirmou que sequer arrumava a própria cama antes de ir para a faculdade e estava impressionado com a postura, maturidade, visão de mundo e disponibilidade daqueles estudantes secundaristas, mais jovens que ele.

Neste sentido, é pouco pensar nas ocupações apenas como um movimento pontual marcado por um começo e um fim, tocado por um público específico (os estudantes), com foco em um espaço exclusivo (a escola), que teve ganhos diretos logo após seu acontecimento (como reforma das escolas, eleições, fim de avaliações, cancelamento de uma reorganização, entre outros). Se elas têm um potencial de diálogo tão intenso com pessoas que não vivenciaram diretamente o movimento, isso pode significar que sua ressonância vai além dos estudantes, além das escolas, além da ocupação propriamente dita.

Há mais a dizer sobre esse diálogo através do audiovisual e do teatro. Assumindo o papel que a arte tem no sentido de interpretar e afetar nosso olhar para a realidade, a

¹⁹ O evento – exibição de um curta seguido de debate – aconteceu em setembro de 2019, na unidade do Sesc Ramos, no Rio de Janeiro, um dos bairros que compõem a grande área conhecida como Complexo do Alemão. Fui convidada para falar da minha dissertação e, em seguida, conduzir o debate a partir do filme. O público era formado por estudantes do segmento Educação de Jovens e Adultos (EJA) das escolas públicas próximas ao Sesc e aconteceu dois dias antes do assassinato da menina Ágatha Félix, de 8 anos, praticado por um cabo da Polícia Militar numa das comunidades do complexo. O documentário exibido foi o “Secundas”, de Cacá Nazario (2017), compondo a programação da Semana da Juventude da unidade, cujo tema era Retratos de uma juventude em luta.

reprodução das ocupações através das expressões artísticas promove um diálogo sensível entre quem viveu a experiência e quem se vê minimamente representado por ela.

Enquanto campo notório de deságue e pulsações da vida, a arte aponta o que os outros campos não conseguem traduzir. E torna-se ainda mais necessária para um movimento marcado pela força do coletivo, por corpos insurgentes em luta, por atravessamentos que só a palavra não dá conta: é preciso tato, gestos, corpo, fluidos, imagem, sensações, num diálogo direto com o que Larrosa (2015) propõe sobre a disponibilidade para a experiência.

Além disso, não é demais destacar que a linguagem artística cumpre sua função social ao dar visibilidade explícita e sem rodeios à vida capturada pelo modo neoliberal, como bem apontam Dardot e Laval (2016). Através das expressões artísticas as ocupações dos secundaristas - encerradas enquanto materialidade - continuam ecoando como denúncia do que está e um anúncio do que se quer, num estreito diálogo com a sociedade.

1.3 As ocupações e a *pausa para existir...*

Em torno da experiência das ocupações, algumas palavras e ideias assumem uma posição muito relevante. Uma delas é a ideia de suspensão, podendo assumir leituras diversas como a interrupção do funcionamento normal da escola ou a paralisação do calendário escolar regular. Há também outra interrupção importante que merece ser observada. E é Larrosa, mais uma vez, que nos provoca (2015, p. 25): “A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção...”

Vamos pegar o gancho do gesto de interrupção proposto por Larrosa para pensar as ocupações dos secundaristas a partir da provocação que elas instigaram na relação com o poder, o fluxo e o tempo, dimensões estas que atravessam a vida de todos nós. Continuaremos utilizando os registros no audiovisual e no teatro como suporte para a discussão.

Trazendo agora alguns destaques, no audiovisual as ocupações têm aparecido em grande parte no gênero documentário (curta, média e longa duração). Citando alguns: *ACABOU A PAZ, Isso aqui vai virar o Chile!* (2015, 60 min) de Carlos Pronzato²⁰, *Lute como uma menina!* (2016, 76 min) de Flávio Colombini e Beatriz Alonso, *Secundas* (2017, 16 min) de Cacá Nazario e *Espero tua (re)volta* (2019, 93 min) de Eliza Capai, premiado em 2019 no Berlinale, o Festival Internacional de Cinema de Berlim. No gênero ficção, o longa *Rasga Coração*²¹ (2018, 115 min) de Jorge Furtado, atualiza e complexifica o conflito geracional entre pai e filho usando a resistência à ditadura e a ocupação de uma escola como instrumentos de luta política.

Espero tua (re)volta (2019) parte das manifestações de junho de 2013 para costurar as ocupações dos secundaristas em 2015 e 2016 junto ao cenário político brasileiro, terminando em 2018 com a eleição de Jair Bolsonaro. No meio desse caldo, composto de imagens próprias da diretora junto a outros registros de mídia-ativistas, estão pautas como a luta estudantil, a condição das escolas, os jovens da periferia, a cultura política, a polícia, a cidade, o capitalismo, os direitos e os debates identitários.

O documentário é apresentado e narrado a partir do ponto de vista de três estudantes que participaram das ocupações: Lucas Koka Penteado, Marcela Jesus e Nayara Souza. É a produção de maior visibilidade sobre as ocupações dos secundaristas, com diversos prêmios no Brasil e no exterior. Por esses e outros motivos, ele será bastante utilizado na reflexão que estamos propondo.

Outra produção que merece destaque, agora na linguagem do teatro, é a iniciativa da coletivA ocupação, grupo de teatro formado por estudantes (entre eles, Marcela Jesus), artistas e performers que se conheceram durante as ocupações das escolas de São Paulo (coletivA ocupação):

Do encontro entre rebelião e teatro, entre formação e criação, nasce a coletivA ocupação como um território de investigação de diferentes linguagens, gestos e narrativas a partir de levantes e combates urgentes de nosso tempo: corpos em revolta, que agora ocupam novos espaços.

O primeiro espetáculo da coletivA chama-se *Quando Quebra Queima* e é dirigido por Martha Kiss Perrone. A peça, nomeada uma “dança-luta”, revive, presentifica e expande a experiência dos secundaristas e tem feito um percurso de apresentações, residências e oficinas

²⁰ Carlos Pronzato é diretor do documentário *A Rebelião dos Pinguins* (2007) sobre a ocupação das escolas secundaristas no Chile, em 2006. O filme, disponível gratuitamente no YouTube, foi citado por diversos estudantes como inspiração para as ocupações das escolas no Brasil, de acordo com várias entrevistas (COSTA, 2017).

²¹ Adaptação para o cinema de peça homônima de Oduvaldo Vianna Filho, escrita em 1974.

nos principais festivais de teatro do Brasil (como o Festival de Curitiba) e em outro países. Sobre sua trajetória internacional, vale destacar (coletivA ocupação):

Na Europa, apresentou no Festival Transform em Leeds, Contact Theater em Manchester, Festival MEXE na cidade do Porto, Festival Panorama em Paris no Centre National de La Danse. Realizou uma residência e temporada no Battersea Arts Centre, em Londres, onde o espetáculo foi premiado por melhor direção - Martha Kiss Perrone - pelo The Stage Debut Awards, e indicado na categoria “IDEA Performance” pelo prêmio The Offies.

Pausa para existir é o nome da oficina de teatro promovida pela coletivA ocupação. O projeto foi premiado em 2020 pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e consistia na circulação de residências artísticas, rodas de conversa e apresentações gratuitas do espetáculo *Quando quebra queima* em escolas públicas, fábricas de cultura e centros culturais. Em 2022, teve um novo projeto contemplado pelo edital de fomento ao teatro da cidade de São Paulo (*FESTA E GUERRA: entre levantes*) e fez uma breve temporada da peça *Erupção: o levante ainda não terminou* no Sesc Paulista.

Retomando a proposta inicial deste tópico, vamos aproximar Larrosa (2015) e a coletivA ocupação para colocar em diálogo duas ideias afins que orbitam as ocupações como experiência: o gesto de interrupção e a *pausa para existir* (excelente título da oficina agora transformado em expressão). Nos vários caminhos que essa reflexão permite, escolhemos olhar para o que ela revela da relação entre poder, fluxo e tempo e queremos convidar para o debate mais uma perspectiva teórica: o Comitê Invisível (2016)²². Acionando uma (entre muitas) das suas provocações afiadas, eles afirmam (2016, p. 97): “O poder é logístico. Bloqueemos tudo!”. A sinergia entre essa ideia, o gesto de interrupção e a *pausa para existir* é muito potente. Vamos falar disso a partir de agora.

É possível pensar que a associação entre poder e fluxo se apoia na ideia da ordem para o movimento regular das engrenagens de diversas naturezas na normalidade da vida. O normal é o que segue, o que não enguiça, não paralisa, não contesta, seja isso um indivíduo, uma fábrica ou uma negociação. É a ironia da clássica expressão “As instituições estão funcionando normalmente” utilizada em situações de crise aguda.

²² O grupo anônimo de ativistas e pensadores sediados na França vem ganhando destaque nos últimos anos ao tratar do caráter movediço do poder na atualidade e a complexa rede de infraestruturas (físicas e narrativas) que o mantém. O grupo aparece publicamente pela primeira vez com a circulação de um folheto político francês (chamado *A insurreição que vem*) muito divulgado no ano de 2007 e acusado de terrorismo, pela polícia francesa, praticado pelos supostos autores da publicação. A ideia de insurreição e da convocação coletiva em prol do colapso do capitalismo é bastante trabalhada em suas reflexões. No Brasil, as publicações do grupo chegaram através da n-1 edições, editora de Peter Pál Pelbart, que se destaca pela proposta de livros-objeto transitando, enquanto conteúdo e estética, entre a filosofia, a clínica, a antropologia e a política.

É sintoma disso o constante apelo das autoridades para que tudo volte ao normal sempre que algo perturba a ordem. Também dá pra pensar nas camadas de significados envolvendo o lema “Ordem e progresso” ou mesmo na função da polícia para restaurar a ordem. O argumento da normalidade é com frequência utilizado em situações como as revoltas em presídios, as greves, as manifestações de rua, entre outros exemplos possíveis.

E foi assim também com as ocupações dos secundaristas, criticadas por atrapalharem o funcionamento normal das escolas, do ano letivo e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), instrumento de acesso às universidades federais do Brasil. Parece que para os tempos de hoje, o normal talvez seja a anestesia ilustrada no fluxo da marcha: em frente, sem olhar para os lados, comportamentos uniformes, obediência incontestável e desejos sublimados. “Lá fora faz um tempo confortável/a vigilância cuida do normal”, como bem ilustra Zé Ramalho (1979).

Voltando às ocupações, há cenas emblemáticas da relação com o fluxo no documentário *Espero tua (re)volta* (2019): fechando algumas vias importantes de São Paulo para protestar, os estudantes ouviam das pessoas paradas no trânsito frases do tipo “tudo bem vocês protestarem, mas me deixem seguir para trabalhar”. Em outro momento, uma mulher em seu carro tentando cruzar a Av. Paulista aparece dialogando com uma estudante para negociar sua passagem pela rua bloqueada com a mesma justificativa: ir trabalhar.

A narração de Nayara surge na cena explicando que muitas mulheres antes dela precisaram ir para as ruas protestar por direitos e melhores condições de trabalho para as mulheres. Ou seja: se naquele momento a mulher seguia para seu trabalho, foi justamente pela luta histórica de mulheres que a antecederam. Nayara também chama a atenção para o fato do protesto ter mesmo que incomodar o cotidiano das pessoas.

Mais argumentos amparados na necessidade do trabalho e da normalidade aparecem na ação truculenta da polícia com os estudantes justificada por razões de “liberação do tráfego”. Há muitas cenas desse tipo no documentário. Interromper o fluxo de uma megalópole como São Paulo para protestar por uma escola melhor dá a dimensão das forças em jogo nesse movimento: estudantes desafiando uma decisão do governo, ocupando um espaço até então preservado de manifestações diretas dentro das suas estruturas e indo para as ruas enfrentar a temida polícia de São Paulo que, já em 2013, tinha deixado claro qual era sua

conduta com quem participa de manifestação²³. Situação que nos faz pensar no quanto de querer existe na força de um movimento disposto a causar isso.

O Comitê Invisível traduz essa ideia de fluxo e poder em diversas passagens do seu texto quando assume que o poder não está mais nas instituições e sim na manutenção da ordem da vida: “[...] a verdadeira estrutura do poder é a organização material, tecnológica, física deste mundo” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 102). Há um reforço dessa reflexão em outros trechos do mesmo capítulo:

[...] Uma ordem cuja constituição política é sua constituição material. Uma ordem que se revela menos nas palavras do presidente do que no silêncio do seu funcionamento ótimo. [...] Atacar o cenário da vida cotidiana se tornou de fato um sacrilégio, algo como violar a Constituição. [...] A ordem muda e inquestionável que materializa a existência de um Airbus infelizmente não jaz em pedaços quando este se despedaça (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 103).

As ocupações dos secundaristas dialogam com esses pensamentos quando olhamos para suas implicações materiais e subjetivas. Pela materialidade, entendemos: a interferência na estrutura física das escolas e a interrupção de seu fluxo ou seu funcionamento normal²⁴. Como já mencionado, a surpresa causada pelas ocupações veio da novidade trazida pelo movimento ao se instalar dentro da escola e estabelecer uma gestão do espaço conduzida pelos próprios alunos. Espaço este cuja concretude é fundamental para o discurso de manutenção da ordem proferido pelo Estado.

Quando os estudantes ocupam os espaços físicos das escolas, há duas mensagens²⁵: insatisfação com a ordem e o bloqueio do seu funcionamento para instaurar outra dinâmica, ou seja, *pausa para existir...* através de um gesto de interrupção carregado de múltiplas camadas, retomando Larrosa (2015). Uma das características mais marcantes do movimento – e que criou uma sinuca no argumento dos diversos agentes do Estado – era como explicar que os secundaristas ocuparam as escolas públicas para cuidar delas. Esse pode ter sido um dos pontos fortes para que as ocupações ganhassem a simpatia da sociedade, da mídia e de uma parte considerável dos partidos políticos, principalmente os de esquerda (COSTA, 2017).

Afinal, é muito bem-sucedida a ideia que responsabiliza os estudantes pela depredação das escolas públicas. Evidente que falamos aqui de senso comum e que afirmações desse tipo talvez nem devessem estar numa pesquisa, mas a ideia existe e cabe

²³ O documentário traz algumas imagens dos estudantes desafiando a polícia no momento de suas prisões cantando músicas do tipo: “Ah/que ruim que deve ser/prender estudante pra ter o que comer”, “Ah/vou estudar/pra não virar polícia militar”.

²⁴ O termo “interrupção do fluxo” pode ter várias interpretações: houve uma interrupção de uma determinada forma de experiência na escola (o funcionamento padrão) que foi substituída pela experiência de autogestão dos alunos, o que também é um fluxo, mas com outros contornos. Neste momento do texto é a primeira interpretação - a do funcionamento padrão - que destacamos.

²⁵ Há várias mensagens, na verdade. Por ora, elegemos essas duas.

perguntar²⁶: se eles destroem a escola, por que então ocupar para cuidar? Qual seria o sentido disso?

Por isso foi muito importante que as ocupações e toda sua dinâmica tenham sido registradas pelos mais diversos meios e tenham repercutido amplamente nas redes sociais. Além dos registros, a abertura das escolas para que as pessoas de fora pudessem ver as ocupações pessoalmente também foi uma ideia bastante perspicaz (Ibidem). Aposto alto que quem visitou uma escola ocupada, não saiu do mesmo jeito. Quase impossível não se afetar. Então, se o poder está nas estruturas, como sugere o Comitê Invisível, uma estrutura precarizada pode revelar de forma nítida os interesses a seu respeito.

O bloqueio do fluxo das escolas públicas feito pelas ocupações teve como um dos efeitos a exposição da realidade de suas estruturas físicas. Nem todas as escolas ocupadas possuíam problemas em relação à estrutura, mas, de toda forma, as ocupações chamaram a atenção da sociedade para as características do funcionamento normal das escolas, usando as imagens e a experiência dos visitantes para disputar outras narrativas.

Isso sem falar em outra ideia bastante cristalizada no senso comum de que a juventude hoje em dia não quer saber de nada, é individualista, inconsequente, consumista e tantos outros “adjetivos” aguçados ainda mais quando se fala na juventude das periferias, o público da escola pública. Quando essa mesma juventude protagoniza um dos movimentos políticos insurgentes de maior fôlego num cenário político altamente inflamado, onde entra essa ideia de que o jovem “não quer nada”? (Ibidem).

Além da materialidade traduzida nas ações diretas em suas estruturas físicas, é preciso falar também do que chamamos de implicações subjetivas trazidas pelas ocupações. Cabe dentro disso o estar junto, o partilhar, a experiência coletiva indicando uma outra relação com o tempo (de novo... *pausa para existir*). O Comitê Invisível chama a atenção para a existência de uma intuição coletiva atenta ao esfacelamento do estar junto que a ordem da vida atual tem instaurado.

As várias ocupações vistas nos últimos anos em diferentes formatos pelo mundo (praças, avenidas, fábricas, escolas...) são uma resposta coletiva a isso. Simbolizam uma tentativa de recuperar a experiência coletiva fragilizada por uma vida suspensa, artificial, individualista, organizada em frações e funções que desintegram fingindo articular, corroborando as críticas de Larrosa (2015) a respeito da vulgarização da experiência na sociedade atual.

²⁶ Não negamos que existam casos da falta de cuidado dos estudantes com a escola. A intenção aqui é rebater a imagem de que a situação estrutural das escolas públicas é produto **exclusivo** da ação dos estudantes.

No contexto das ocupações das escolas, isso pode ser traduzido na substituição da fábrica de competências e conteúdos por um espaço de convivência de outras naturezas como o dormir, cozinhar, dançar, discutir. Uma *pausa para existir* (mais uma vez...) de outra forma dentro desse espaço, vivendo outra temporalidade e provocando o debate sobre conviver. Num mundo produtivista que de forma cínica elogia cada vez mais os autômatos, *parar para existir* é uma insurgência.

O acionamento do coletivo praticado pelas ocupações dos secundaristas é uma das formas de resgate da potência do viver em comum e inspiram a reescrita de outra experiência com a escola, ainda que tenha sido um evento pontual. O Comitê Invisível traduz esse olhar muito bem quando fala das ocupações como resposta à organização artificial imposta da vida cotidiana que tem como resultado um deserto e anemia existencial (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 105):

Daí provém, inversamente, a alegria palpável que extravasava das praças ocupadas da Puerta Del Sol, de Tahrir, de Gezi, ou a atração exercida, apesar da lama infernal dos campos de Nantes, pela ocupação de terras em Notre-Dames-des-Landes. Daí a alegria que se agarra a qualquer comuna. Repentinamente, a vida deixa de estar recortada em pedaços conectados. Dormir, lutar, comer, cuidar, festejar, conspirar, debater provém de um mesmo movimento vital. Nada está organizado, tudo se organiza. A diferença é notável. Um apela à gestão, o outro à atenção – disposições em todos os pontos incompatíveis

Podemos pensar que a problematização dessas duas categorias (gestão e atenção) também está relacionada com a ideia do fluxo: o controle dele (gestão) x deixar fluir (atenção). Esta última inspira um estar no tempo presente, observando o sentido das conexões, o cuidado, a escuta, em suma: um estar inteiro na experiência que a noção de progresso interdita.

Na nova razão do mundo que se instalou, trazendo novamente Dardot e Laval (2016), a produtividade da empresa é encarnada no indivíduo em sua relação com todas as instâncias da vida e a sua relação com o tempo deve ser sempre a mais produtiva possível. “Sempre em frente, não temos tempo a perder”, como provocou Renato Russo (1986). Progresso, velocidade, novidade, competitividade são valores bem vistos numa sociedade cujo tempo parece uma carcaça a se despedaçar e cuja coletividade é intoxicada e sequestrada para dar lugar à lógica da concorrência em todas as relações.

E neste sentido o poder sobre o fluxo é também o poder sobre o tempo, pois onde tudo tem que correr, insistir em parar também é uma resistência, literal e simbólica, e daí mais uma vez a provocação da expressão *pausa para existir*. Principalmente quando ela se refere à

vida de estudantes de escolas públicas moradores da periferia. Antonio Candido (SUY, 2022, p. 61) também traduz essa ideia:

Acho que uma das coisas mais sinistras da história da civilização ocidental é o famoso dito atribuído a Benjamim Franklin, “tempo é dinheiro”. Isso é uma monstruosidade. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo. Esse tempo pertence a meus afetos. É para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis. Isso é o tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo como universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: “eu quero aproveitar meu tempo de forma que eu me humanize” [...].

Dá pra esmiuçar um pouco mais e abrir outra possibilidade de reflexão: a prerrogativa de quem pode mandar parar (ou mesmo fazer recuar) algum fluxo está diretamente associada ao grau de poder hoje em dia²⁷. Quando essas ações partem de sujeitos que não estão em lugares tradicionais de comando e de poder, provocam fissuras importantes²⁸.

No caso dos estudantes das ocupações, não importa que a escola tenha sérios problemas estruturais, que o ar-condicionado não funcione no verão do Rio de Janeiro, que haja apenas três vigias (um para cada turno) para um colégio de quase 14.000 m² e 3.000 alunos, que as turmas estejam lotadas, que não tenha papel higiênico no banheiro (COSTA, 2017). Da mesma forma, pouco interessa que uma reorganização imposta às escolas afete diretamente a vida de muitos estudantes e suas famílias, complicando ainda mais um cotidiano já recheado de dificuldades.

Para a engrenagem da vida normal, o importante é terminar o ensino médio, passar no ENEM, entrar numa faculdade para conseguir um emprego, ou seja, seguir o fluxo para garantir a mão de obra produtiva para as engrenagens do sistema. Não vamos negar a importância do estudo e do emprego para a materialidade da vida, obviamente. A reflexão posta aqui é no sentido de pensar que o tempo parece não pertencer ao indivíduo, seja ele um estudante ou mesmo um adulto.

A *pausa para existir* ganha um ar ainda mais dramático (e necessário e urgente) quando pensamos na relação insana estabelecida com o tempo para aqueles cujo tempo não é um “privilegio”: que nome dar a uma sociedade onde sujeitos esquecem filhos pequenos

²⁷ Basta pensar o impacto avassalador que a China provoca atualmente quando resolve parar ou retardar seus fluxos.

²⁸ Não é o tema da nossa discussão, mas vale mencionar que a greve dos caminhoneiros realizada em 2018 também é um excelente exemplo para pensar essas questões.

dentro dos carros por conta da pressa de seguirem para o trabalho? Qual o limite da crueldade de uma relação com o tempo?

Pensando ainda um pouco mais sobre a relação com o tempo, cabe trazer brevemente Michel de Certeau (2014) e suas reflexões sobre o cotidiano. Certeau vê o cotidiano como um espaço marcado por estratégias e táticas²⁹ acionadas a todo momento pelos sujeitos, de acordo com as situações. Ele associa estratégia à ideia de propriedade, seja ela espacial (lugares ou espaços físicos) ou o instituído como poder (discursos, enunciados, a escrita ou mesmo o olhar panóptico, em diálogo com Michel Foucault). As estratégias estão ligadas a uma noção de propriedade também sobre os sujeitos e ele cita a escola como um exemplo (entre outros) disso: ela é um lugar de propriedade exercida sobre indivíduos através de práticas panópticas.

Para aqueles sujeitos que não gozam da propriedade como recurso, o autor associa o uso do tempo à ideia de tática (as noções de proprietário e inquilino ajudam a compreender a diferença que ele faz nos conceitos de estratégia e tática). Nisso estão presentes as manobras, os golpes (“no campo do inimigo”, pensando na metáfora da guerra), os usos astutos que são empreendidos na ausência do olhar panóptico³⁰. Certeau (2014) também usa a escola como uma possibilidade de entendimento disso ao analisar as práticas culturais dessa instituição e defender a necessidade de não estigmatizar alunos e professores. Para o autor, estes sujeitos estão sob estratégias, mas recriam suas ações com o uso de inúmeras táticas.

Quando os estudantes bloqueiam a escola, assumem a gestão do espaço e realinham atividades e interesses que não são contemplados pelo currículo tradicional, eles evidenciam a insatisfação com um ensino desconectado da sua realidade³¹ e ajustam a nau em direção ao que eles desejam. A ocupação funciona então como uma tática na relação com o espaço e com o tempo, instalando outro fluxo e outra vivência nessa engrenagem, fazendo valer - ainda que de forma momentânea - seus quereres.

Vale destacar que esses estudantes, marcados pela comunicação em redes sociais, sinalizam os efeitos de tanta conexão de múltiplas formas (COSTA, 2017) que reverberam tanto na quantidade quanto na qualidade das suas conexões (reais e virtuais). Se, por um lado,

²⁹ O uso metafórico dessas duas categorias dialoga com os conflitos políticos (e, por extensão, sociais e culturais) que marcam o contexto da produção de Certeau (como a Guerra do Vietnã, nos anos 70).

³⁰ Cito outro exemplo para ilustrar essa ideia de tática. Em *O Auto da Compadecida*, a adaptação para o cinema do brilhante texto de Ariano Suassuna, Nossa Senhora – a Compadecida – ao interceder em defesa da absolvição dos crimes de João Grilo, um cidadão paupérrimo que vive de golpes para sobreviver, profere a seguinte frase: “A esperteza é a coragem do pobre.” (ARRAES, 2000)

³¹ Importante sublinhar que a ideia aqui não é entender a escola pública como uma instituição homogênea (sabemos que este é um espaço de diversas lutas também), nem assumir que a educação possa prescindir dessa instituição e que a juventude poderia abrir mão dela. O destaque é feito no texto como indicação a uma ideia geral de um descompasso entre a educação formal e as demandas da juventude.

o tempo parece comprimir várias instâncias da vida, por outro, essa juventude nascida na era digital também sabe jogar, de certa forma, com o tempo a seu favor.

Assumimos nossas (muitas) críticas às redes sociais e ao domínio que exercem sobre nossas vidas atualmente, principalmente entre os mais jovens, mas quando olhamos para as ocupações e a sua viabilidade através de redes como Facebook e WhatsApp, percebemos a possibilidade de conversão das brechas em táticas, como mostraram os secundaristas.

Voltamos a citar o Comitê Invisível e trazemos Walter Benjamin (2012) para mais uma reflexão importante sobre a questão do tempo e da experiência (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 112-113):

Nessa mania de tudo bloquear, que de agora em diante acompanhará cada movimento de amplitude, é preciso ler uma clara reviravolta na relação com o tempo. Olhamos para o futuro da mesma forma como o “anjo da história” de Walter Benjamin olhava para o passado. [...] Dessa forma, é preciso ver cada tentativa de bloquear o sistema global, cada movimento, cada revolta, cada levante, como uma tentativa vertical de parar o tempo e de bifurcá-lo numa direção menos fatal

Há uma relação deste trecho com a percepção de Benjamin (2012, p. 213) da crise da narrativa como uma crise da experiência do coletivo (*Erfahrung*) imposta pela sociedade capitalista. A banalização da experiência (principalmente dos mais jovens) e o fracasso da arte de contar são vistas pelo autor como efeitos da desagregação e esfacelamento do social no mundo contemporâneo (2012, p. 9). Na sociedade capitalista a experiência comum é impossibilitada pelo ritmo de vida e pela “ausência” de tempo. Com isso, memória e tradição já não existem mais e a comunidade da experiência é sublimada pelo isolamento do indivíduo (*Erlebnis*).

Nesta discussão, há diálogo entre a crítica de Walter Benjamin (2012) e de Larrosa (2015) sobre a vulgarização da experiência na relação com o tempo, mas eles diferem no olhar para a experiência individual. Larrosa percebe a experiência do indivíduo como uma possibilidade a partir de outros contornos (como a paixão e linguagem que mencionamos no início deste capítulo) e para Benjamin, a experiência individual não tem sentido.

Recuperando o tema das redes sociais mencionadas há pouco, Maria Rita Kehl acende outro debate. Em seu texto *Temporalidade e experiência* (KEHL, 2009, p. 153), a autora também escreve sobre Walter Benjamin (2012) e seus ensaios *O Narrador* e *Experiência e pobreza*, destacando (entre outros pontos) a perda da possibilidade de transmitir experiências como um dos sinais da decomposição do convívio social.

A autora avança na hipótese de Benjamin a respeito da imposição da técnica como uma “nova forma de miséria” e na corrosão avassaladora do tecido social provocada pela banalização da experiência que representa, como horizonte ampliado, a banalização da própria

vida. No último parágrafo do seu texto, ela destaca (KEHL, 2009, p. 168): “O que tem um adolescente a transmitir depois de passar uma tarde inteira treinando sua capacidade de reagir rapidamente a estímulos, com o único objetivo de bombardear inimigos virtuais nos jogos de videogame?”

Assumindo um ponto de vista não tão crítico ao uso de games e redes sociais para a juventude atual³², a discussão trazida por Kehl na análise dos escritos de Benjamin permite repensar e atualizar uma questão: se novos meios técnicos impõem outra relação com o tempo e implicam no esvaziamento do sentido de compartilhar uma experiência, o que pensar se novos (outros) meios técnicos viabilizam uma organização coletiva muito singular (que talvez nem pudesse ser feita sem esses meios) e que traz como um dos seus questionamentos justamente a relação com o tempo? E mais: uma das grandes forças desse movimento reside na possibilidade de compartilhar oferecida por esses meios, proporcionando, assim, uma experiência absolutamente sensível e criadora de elos, especialmente porque pôde ser profundamente partilhada.

Evidentemente (e talvez óbvio) que a crítica de Walter Benjamin, endossada por Kehl (2015), está situada dentro do seu recorte histórico e que o lapso temporal precisa ser considerado (se bem que, arrisco dizer, acho que ele estaria um tanto espantado se pudesse observar a relação doentia das pessoas hoje em dia com as redes sociais, o que eu concordaria, inclusive). Contudo, a provocação aqui proposta é no sentido de olhar para as ocupações e perceber que o atravessamento da tecnologia em nossas vidas atuais apresenta múltiplos efeitos. A crítica aos jovens hiper conectados³³ é válida e oportuna, por diversas razões, mas não deve perder de vista os usos astutos e as artimanhas dos sujeitos, citando Certeau de novo.

A *pausa para existir* provocada pelas ocupações inspirou outra vivência em outra temporalidade, instalando uma reação (ainda que pontual) à ideia de que não há tempo suficiente, utilizando os avanços tecnológicos que, justamente, parecem comprimir nossa relação com o tempo. E essa ironia é mais complexa do que parece.

Numa forma de vida coletiva que se instalou por algumas semanas ou meses nas escolas, houve tempo para inversões de papéis, para conhecer pessoas com mais qualidade de interação, para organizar atividades, para debater assuntos caros à juventude e para pensar com mais calma no futuro. Claro que isso aconteceu paralelo a diversos conflitos e

³² Muitos trabalhos apontam o lado benéfico de tecnologia, como as pesquisas conduzidas pela professora Eloiza da Silva Gomes de Oliveira, da Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, programa ao qual pertence. Destaco especialmente seu artigo *Jogos eletrônicos e educação: adolescentes e jovens diante de novas formas de construção da subjetividade e do conhecimento*. (OLIVEIRA, OLIVEIRA, AMADO, 2019, p. 351)

³³ Não só os jovens. Somos uma sociedade inteira hiper conectada.

atravessamentos, ilustrando bem o que Larrosa (2015) diz sobre a experiência carregar um tanto da própria desordem e confusão da vida.

Entre os muitos efeitos das ocupações passíveis de análise, elas aparecem como repulsa a um modo de viver que preza acima de tudo o indivíduo. A natureza coletiva é citada com frequência em várias entrevistas sobre o tema e em diversos registros audiovisuais. Em tempos de elogio à individualidade e enfraquecimento da noção de solidariedade e empatia, assumir a coletividade acaba se transmutando num movimento insurgente.

Em uma das entrevistas realizadas (COSTA, 2017), uma frase de um aluno destacou o fato da ocupação ter feito os alunos perceberem o “ser humano que existia por trás da figura do professor”. Não só por exemplos cômicos como o fato de descobrirem que o professor ronca ao dormir, mas também pela aproximação às questões mais gerais sobre sentimentos, problemas pessoais, opiniões políticas. Essa outra forma de convivência em um espaço com relações tão marcadas (como a figura do aluno e do professor, por exemplo) ilustra bem como as ocupações ressignificaram a experiência com a escola para todos os envolvidos e mostraram que outra escola é possível.

E mais: a provocação que inspiraram na reflexão sobre as ideias de poder, fluxo e tempo, adicionando a isso a importante questão da coletividade, acena para um horizonte maior apontado por Dardot e Laval (2016), para quem as possibilidades de enfrentamento para instalação de uma racionalidade mais justa passam por relações mais colaborativas e coletivas. Neste sentido, as ocupações dos secundaristas, alinhadas a outros movimentos semelhantes, estão sintonizadas com uma intuição coletiva e ensaiaram, ainda que pontualmente, outra possibilidade do conviver provocada pela *pausa para existir*.

E enquanto experiência repleta de possibilidades, continuamos a pensar nos deslocamentos ensaiados pelas ocupações para fazer outro exercício teórico a partir do próximo item.

1.4 Walter Benjamin e *Espero tua (re)volta* – ocupações como ponte entre narração e experiência

Voltamos a destacar as ocupações, seus desdobramentos diversos e sua relevância enquanto experiência para pensar temas como educação, juventude, luta política, neoliberalismo, entre outros. A multiplicidade de forças acionadas pelo movimento inspira

muitas reflexões e queremos insistir na reverberação dele através da arte como um dos campos de seus ecos e ressonâncias.

Vale mencionar novamente a iniciativa da coletiva ocupação que transformou a experiência das ocupações em metodologia para o teatro. Em 2018, o grupo ocupou a Casa do Povo, em São Paulo, um centro cultural que propõe pensar a arte como instrumento de transformação social. A programação contou com a estreia de *Quando Quebra Queima* e outras atividades (oficinas e rodas de conversa abertas ao público).

A peça também foi apresentada em diversos espaços como o Teatro Oficina, a USP e a Escola Nacional Florestan Fernandes MST. Participou ainda do Festival Verão Sem Censura promovido pela Prefeitura de São Paulo, em 2019, na gestão de Bruno Covas, com produções culturais vetadas pelo Governo Federal. Nesse mesmo ano, foi convidada pela curadoria para participar do Festival de Teatro de Curitiba (um dos mais importantes da América Latina), convite que corrobora a relevância do trabalho desenvolvido pelo grupo, além de inscrever as ocupações num circuito muito relevante do debate entre a arte e a política.

Citando mais uma vez o documentário *Espero tua (re)volta* (2019) ele é a produção de maior visibilidade sobre as ocupações dos secundaristas porque fez um importante percurso de exibição comercial (salas de exibição) e não comercial (festivais e exibições comunitárias). O documentário inspira outra reflexão: as escolhas narrativas e as características que envolvem a produção permitem uma boa conversa com o texto *O Narrador*, de Walter Benjamin (2012), escrito em 1936 e que mencionamos há pouco para falar da relação entre crise na narração e crise da experiência.

Vamos começar apresentando um ao outro, lembrando que *Espero tua (re)volta* é narrado a partir do ponto de vista de três estudantes que participaram das ocupações. Repetimos essa informação para dizer que isso deixa de ser um detalhe e assume a centralidade da discussão que iremos fazer daqui a pouco.

O Narrador é um diagnóstico social através da análise de dois gêneros literários: as narrativas orais e o romance. Assumindo que cada sociedade tem uma forma narrativa correspondente, Benjamin vai dizer que a crise das narrativas orais e a perda de espaço para o romance representam uma mudança mais ampla de valores causada pelo advento da sociedade moderna.

Cabe esmiuçar o texto um pouco mais. Benjamin vê o narrador e as narrativas orais como expressões de um tempo marcado pela história de vida dos sujeitos, em que a memória e experiência se transmitem na sabedoria transmitida pelas histórias (o famoso “moral da história”). O ato de narrar e de ouvir são característicos de uma temporalidade menos

acelerada, um ritmo de vida em consonância com os ofícios artesanais, uma disposição da escuta e uma harmonia com a natureza. Além disso, as narrativas envolvem uma experiência coletiva marcada pela oralidade e pela comunhão entre os ouvintes. Assim as narrativas aparecem como exercícios de sabedoria conquistada pelo acúmulo de experiências e se traduzem em filosofia para explicar os desafios da vida.

Benjamin aponta que a narrativa oral perde espaço para o gênero literário típico da sociedade moderna: o romance. Em oposição às narrativas orais, o romance é um gênero caracterizado pela explicação das histórias (não mais uma moral transmitida, mas sim um sentido da vida, uma finalidade). A memória e a experiência cedem lugar a um tipo de reminiscência apoiada na informação e na ciência. Na defesa da narração e na crítica à informação, ele afirma (BENJAMIN, 2012, p. 219):

[...] Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação tem uma participação decisiva nesse declínio. [...] A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. [...] O extraordinário, o miraculoso é narrado com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação.

Tendo a escrita como veículo (e não mais a oralidade), o romance elege o protagonismo do herói solitário e de sua experiência individual. O romance traz um indivíduo fragmentado, cujo ritmo de vida é ditado pelas máquinas, desconectado da natureza, num compilado de informações que visam uma explicação. Benjamin vai dizer que o romance é, assim, a cara da sociedade moderna: capitalista, industrial e acelerada. Acima de tudo, um indivíduo atingido pelos efeitos das tecnologias que para Benjamin marcam profundamente a relação do homem moderno com o tempo e a experiência.

Podemos voltar agora ao diálogo entre documentário e texto. A leitura de *O Narrador* inspira reflexões sobre *Espero tua (re)volta* porque é possível perceber sinergias entre eles, através da atualização de algumas categorias e reservadas, obviamente, as devidas leituras temporais e diferenças de gêneros narrativos. Há no documentário uma série de características (tanto em seu enredo como em sua produção) que nos remetem à análise de Benjamin sobre as questões da narração, da coletividade, da experiência, da memória.

Antes disso, uma pausa para pensar no próprio gênero documentário. Se Benjamin vai identificar no romance a expressão narrativa da sociedade moderna, é possível pensar no documentário como um dos gêneros típicos dos nossos tempos: uma sociedade hiper audiovisual, de câmeras na mão o tempo inteiro, disputando com a ficção a narrativa do real. Nossa marca atual é a de uma realidade sempre suscetível a ser filmada e compartilhada por qualquer indivíduo, pleiteando assim um status de verdade. De certa forma, a disputa pela

descrição da realidade e pelo registro na memória inscreve o documentário na árvore genealógica discursiva da qual as narrativas orais também fizeram parte.

Voltando ao documentário em si, uma curiosidade sobre o título. “Espero tua (re)volta” é a frase de um cartaz feito pelo artista visual Leto William, integrante da plataforma par(ent)esis, uma plataforma independente, de pesquisa, produção e publicação de projetos artísticos e curatoriais em formato impresso:

Figura 2: Cartaz do artista visual Leto William



Fonte: Perfil pessoal no Instagram. (WILLIAM, 2018)

A criação artística pertence a uma série chamada “Escritório”³⁴. Leto William criou esse cartaz no calor dos acontecimentos políticos de abril de 2016 (impeachment da Presidenta Dilma Rousseff). Eliza Capai contou em entrevista para o canal da Revista Fórum (2019) no YouTube que ao pensarem sobre o título para o documentário, em algum momento esse cartaz foi visto na rua e a equipe de produção achou o nome excelente para ilustrar o que eles estavam propondo. O trocadilho caiu perfeito para nomear um documentário sobre as ocupações dos secundaristas.

Ela conta ainda que Leto William cedeu sem custo de direito autoral a frase para o título do filme. Há nisso uma profunda noção de coletividade quando se leva em conta as enormes dificuldades orçamentárias para produção de documentários independentes no Brasil e o baixo retorno de bilheteria. Neste cenário, qualquer economia de custos é bem vinda.

³⁴ A plataforma é um desdobramento das atividades de pesquisadora e professora de Regina Melim, na graduação e na pós-graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC). A criação de Leto William fez parte da HAY 5, publicação ocasional produzida a partir de seminários das disciplinas que Regina Melim coordena e que tem o propósito de discutir a relação entre arte e política. O semelhança sonora entre HAY 5 e AI 5 é proposital, com intenção de combate e repúdio (PLATAFORMA PARENTESIS).

Espero tua (re)volta traz outras referências à coletividade: paralela à distribuição comercial nas salas de cinema³⁵, o documentário teve uma distribuição social. Os produtores disponibilizaram gratuitamente o filme numa plataforma independente de audiovisual chamada Tamanduá³⁶. Sem custo algum, era possível fazer o download do filme e promover sessões sociais em qualquer lugar (estratégia rara na área do cinema). Com isso, o filme teve um longo percurso de exibição e realização de debates em espaço bastante plurais (escolas, universidades, livrarias, centros comunitários) no Brasil inteiro.

Essa decisão da produção cumpre uma função coletiva e política relevante porque fez o documentário chegar a um público muito maior e diverso em um país onde o cinema é inacessível (seja pelo valor do ingresso, seja pela distribuição das salas) para a maior parte da população (principalmente o público jovem das periferias). E o efeito mais importante disso é o incremento da continuidade da repercussão das ocupações, ampliando cada vez mais a visibilidade e debate sobre o tema na sociedade.

Essa questão tem um desdobramento territorial significativo (que acaba sendo político também): sua exibição não ficou restrita ao circuito comercial das regiões mais abastadas das cidades (as mesmas que concentram as salas de cinema), nem ao eixo Rio-São Paulo (que também responde pela mesma concentração em termos de país).

Presenciei duas dessas sessões sociais. Uma num cinema da zona sul do Rio de Janeiro, como espectadora, num projeto social de exibição com ingressos simbólicos a R\$ 5,00, numa sessão realizada às 9h da manhã de um domingo chuvoso (e a plateia estava cheia). Após a sessão, foi realizado um debate com a presença de uma pesquisadora, uma estudante que ocupou sua escola e o deputado estadual Marcelo Freixo.

Participei de outra exibição seguida de debate no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), campus Nilópolis, em 2019, onde fui uma das debatedoras. Dividi a mesa com o professor de história do IFRJ, Affonso Pereira, e o presidente do Grêmio Estudantil, Gabriel Tavares, um dos alunos que ocupou o instituto em 2016. A atividade foi realizada pelo Cineclube Ankito, ligado à Coordenação de Extensão (Coex) da instituição, e teve a proposta de debater o movimento estudantil e a repercussão das ocupações nas escolas.

³⁵ A inserção nesse circuito é importante para a visibilidade e para cobrir custos de produção com a arrecadação da bilheteria. A desproporção entre seus números comerciais e sua premiação é enorme. O filme ficou em cartaz durante 3 meses, com renda total de R\$ 6.441,00 e público de 581 espectadores (FILME B BOX OFFICE BRASIL). O filme já recebeu cerca de 20 prêmios no Brasil e no exterior (TAMANDUÁ TV).

³⁶ Após a distribuição gratuita, o documentário continua disponível na plataforma Tamanduá e também está disponível no GloboPlay.

Abrindo aqui um breve parêntese na discussão, é importante falar da realização desse evento do IFRJ como mais um desdobramento da experiência. Se as ocupações dos alunos propõem, entre outras demandas, debater questões internas da própria escola, é possível pensar na resistência que as instituições oferecem para escutar as críticas e estarem disponíveis para esse diálogo. No caso do IFRJ, a realização do evento e a participação de um dos alunos no debate é um sinal de reconhecimento da importância da ocupação na vida dos estudantes e da própria instituição.

Retornando ao documentário, há mais uma informação que deve ser mencionada: ele foi realizado com política pública, através de lei de incentivo ao audiovisual, via Agência Nacional do Cinema, contando com recursos da GloboFilmes e do Canal Curta. Não é a intenção aqui discutir o assunto, mas vale pontuar o paradoxo desse fato, típico do cenário cultural brasileiro: o braço para o cinema de um dos maiores conglomerados de mídia do mundo (a Rede Globo) injetando recursos numa produção independente altamente crítica, crítica inclusive à própria mídia, como demonstram várias cenas do documentário.³⁷ Isso também pode ser pensado, como debate ampliado, na capacidade de metamorfose do capitalismo absorvendo a crítica a ele mesmo para continuar se reproduzindo e nas forças engendradas pelas disputas que penetram no sistema através das brechas que ele mesmo abre, configurando um grande jogo de narrativas.

Espero tua (re)volta acena também para dois aspectos capitais apontados por Benjamin (2012) no que diz respeito à figura do narrador. Citando novamente essa questão, ele descreve o narrador como uma figura dotada de sabedoria proporcionada pela vida e essa experiência é colocada em prol da coletividade quando as histórias possuem um efeito de transmitir uma moral, uma filosofia para o viver. A conexão entre narração e experiência é direta.

No romance como tradução da sociedade moderna, ele vai apontar a cisão dessas duas instâncias. O narrador pode participar ou não da história, história essa que não mira mais um grupo e sim o indivíduo. Dessa forma, uma moral da história (uma sabedoria transmitida) dá lugar a um ensinamento para o sentido da vida (como uma finalidade), expressa pelas muitas jornadas heróicas individuais dos personagens.

Na transmutação das categorias que estamos fazendo, *Espero tua (re)volta* traz a narração dos fatos retratados pelo documentário a partir do ponto de vista de três estudantes

³⁷ O destaque também é feito pela necessidade de marcar a importância da política pública de incentivo ao audiovisual brasileiro através da Agência Nacional do Cinema, órgão profundamente atacado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em seu combate à cultura brasileira.

que participaram das ocupações, como já foi mencionado. Dessa forma, narração e experiência estão profundamente conectadas no filme. No elo que existe entre isso e as narrativas orais, construir a condução da história a partir das vozes desses estudantes torna o documentário ainda mais potente.

Traz ainda como “bônus” uma provocação delicada ao próprio meio cinematográfico quando abre mão do olhar do diretor como o protagonista da narração para contar a história³⁸, algo raro no mundo egocêntrico dos diretores de cinema e mérito da escolha narrativa feita por Eliza Capai. Certamente, o documentário não teria a mesma força se Nayara, Marcela e Lucas aparecessem apenas como entrevistados no filme. Colocá-los como narradores da sua própria história é também outra forma de ocupação.

Há ainda outro desdobramento. É evidente que a representatividade está colocada quando a narração é feita pelos estudantes, todos da periferia de São Paulo, mas essa questão ganha mais uma camada no momento em que a própria narração é questionada por eles. O começo do filme tem Lucas Penteado, o Koka, narrando as cenas no diálogo com a Nayara Souza e a Marcela Jesus. As imagens mostram as manifestações de 2013 e os três estudantes debatem sobre esse assunto, na costura com os fatos que antecederam as ocupações. Koka acaba assumindo um pouco o protagonismo inicial da narração, quando é interrompido por Nayara com o seguinte comentário:

Espera aí. Tem um negócio que está me incomodando muito assim nessa situação toda. É que esse documentário ele aconteceu numa época em que nós elegemos a primeira mulher presidenta da república, onde as principais lideranças do Movimento Estudantil eram mulheres, onde na tag das ocupações era #lutecomoumamenina, e é um homem que vai narrar essa história?! Isso está muito errado! (informação verbal).³⁹

Nayara então assume a narração, contando sua história como líder estudantil na Presidência da União Estadual dos Estudantes de São Paulo. A pauta da representatividade assume assim outra camada porque adentra a questão de gênero, tema super presente nas ocupações. E vai mais além. Nayara, estudante branca, se empolga na problematização da militância estudantil e é interrompida por Marcela:

Eu não fui pra esse congresso aí todo bacana. Aqueles que rasgam a Venezuela. Um monte de gente jovem falando que nem uma pessoa velha. Sabe aqueles velhões lá, chato pra caralho? E como todos os filmes quem vai contar essa história é uma pessoa branca? Gente, pelo amor de Deus, chega. Quem vai contar essa história sou eu! Eu não aguento mais a militância... (informação verbal)⁴⁰

³⁸ Ainda que esse olhar continue presente, obviamente, na edição (e em outros aspectos do filme). Cabe destacar, contudo, que os estudantes também participaram desse processo.

³⁹ Trecho extraído do documentário *Espero tua (re)volta* (2019).

⁴⁰ Trecho extraído do documentário *Espero tua (re)volta* (2019).

Marcela conduz a narração entrelaçando com a sua história de vida as questões do corpo, do cabelo, da identidade e os aspectos políticos disso tudo na relação com as ocupações. Afinal, falar das ocupações é pensar sobre juventude no Brasil. Mais especificamente sobre ser um jovem da periferia e sobre o que há de macro e micro político nisso (entendendo aqui esses dois aspectos não como categorias fixas e sim como processualidades).

Espero tua (re)volta reverbera aquilo que os aproxima, como estudantes de escola pública e moradores da periferia de São Paulo partilhando condições materiais de existência semelhantes, mas também acena para suas pautas particulares envolvendo machismo e racismo. No fim das contas, os três estudantes se alternam o tempo todo na narração como uma conversa entre eles. O destaque está sendo feito para a atualização da relação entre narração e experiência, desdobradas nas pautas de gênero e de identidade, temas caros à juventude. A metalinguagem presente na narração do documentário acentua ainda mais o debate político que ele retrata.

Seguindo no diálogo com Benjamin, podemos olhar para mais um aspecto. Caso fosse possível convidá-lo para observar a sociedade nos dias de hoje, o narrador oral elogiado por ele encontra uma atualização no Slam, a batalha de poesias autorais faladas surgida nos EUA nos anos 80. Há alguns anos essa modalidade vem ganhando muito espaço entre jovens da periferia no Brasil, retratando sua realidade. Muitos jovens têm se destacado nesse cenário em que a poesia e a rua se combinam para retratar a vida nas periferias⁴¹. Lucas Koka é um poeta conhecido nas rodas de Slam do centro da cidade de São Paulo e já quase no final de *Espero tua (re)volta*, ele aparece em uma batalha apresentando o seguinte poema:

Senhor!
 Calma senhor! Calma!
 Senhor, não atira, eu não sou bandido.
 Eu sou artista, poeta, cantor.
 E a dona Maria ainda sente dor toda vez que lava sem ser usado o meu
 cobertor.
 Foi com ele que ela me enrolou, quando me encontrou.
 No testemunho, o fardado disse que me desarmou.
 Não, senhor! Eu ainda tô armado até os dentes.
 Me tiraram a paciência, a consciência, sua bala me deu deficiência, mas
 eu ainda sou linha de frente,
 Você não viu? Você não viu?
 Duvidaram mas ele conseguiu.
 Gol do Brasil.
 Coronel Ustra com a camisa 13 fez um gol de bicicleta enquanto

⁴¹ Dois destaques: 1) Existem circuitos de campeonatos de Slams (estaduais e nacional), com premiações que podem representar uma renda importante para os poetas competidores. 2) Inicialmente ligados ao território, hoje existem Slams com outras temáticas como Slam das Minas (só para mulheres), Slam Marginália (travestis, trans e gênero-dissidentes), Slam do Corpo e Slam de Surdes (para surdos). *O que é SLAM? Poesia, educação e protesto*. 19 nov. 2022 (LUZ, 2019)

sodomizava uma mulher com o fuzil.
 Vai pra pátria que pariu!
 E lá você para, já que meu cabelo é bombril, eu vou lavar essa vergonha
 na sua cara e penetrar na sua mente com as minhas palavras
 até você gritar “Para”, já que várias delas gritavam e não adiantava.
 Pá! pra iluminar, vou tacar fogo na sua bancada religiosa da bala.
 Porque hoje a minha metralhadora está carregada, mas eu já disse é de
 palavras.
 Vou vir tipo Dandara, porque Zumbi, se ele ia se corromper, para jáo,
 não confunde a resposta do oprimido como opressão.
 E o aviso, era o toque de recolher e se encolher dentro de casa.
 Mas se não desse, pá!.. a revolução nem será televisionada, até porque,
 você tem que entender o poder da quebrada,
 pois, se é eles quem se redimem, eu quero vê quando os menor se
 conscientizar e usar a peça pra revolucionar.
 Aí sim vai ser um crime.
 Vai ser AK, KB2, ponto 40, ponto 50, só assim pra fazer entender como é
 que o baile da favela do direito esquenta.
 Foi tão bom? Tão bom assim, homem branco, rico e hétero.
 Foi bravo? Hã.. de verdade?
 Bravo você vai ficar quando eu pegar o seu lugar na faculdade.
 Agora presta atenção.
 Presta atenção! Presta atenção, que meu povo já perdeu a linha.
 Aqui ninguém vai voltar pra senzala, pro armário ou pra cozinha.
 Avisa aí, que o dia de hoje vai ser lembrado como revolução.
 Aê deputado! Faz um feriado denominado carapuça e avisa pra esses
 bandos de cuzão,
 que quando o meu povo entender o que é união, eles não passarão! (informação verbal)⁴²

O elo entre narração, experiência, memória e coletivo é umbilical. Essa relação é ainda mais forte quando pensada na conexão com a realidade atual porque este narrador, o Koka, poeta, estudante de escola pública, representa o cidadão que mais morre no país: o jovem negro morador da periferia das grandes cidades. Ocupar sua escola é a reivindicação de um direito negado, entre muitos, como bem retrata o documentário. Tê-lo como narrador, seja em que instância for, é também um direito, uma vez que sua voz é frequentemente capturada pela polícia, pela mídia ou pelos “cidadãos de bem” desse país.

Há outra informação que incrementa a figura de Koka como narrador: em janeiro de 2021, ele participou do Big Brother Brasil, dentro do novo formato do programa da Rede Globo que separa os participantes em dois grupos chamados de Camarote (pessoas famosas)⁴³

⁴² Trecho extraído do documentário *Espero tua (re)volta* (2019). Disponível também em < <https://www.youtube.com/watch?v=11houQiqgal> > (RIBEIRO, 2020). A transcrição escrita não dá conta da potência do texto falado por Koka e da reação do público. Recomendo assistir. Acesso em: 13 dez. 2022.

⁴³ Koka ganhou projeção nacional ao integrar o elenco de *Malhação – Viva a diferença*, da Rede Globo, em 2017. Criada pelo cineasta Cao Hamburger e com uma equipe de roteiristas bastante diversa, a temporada foi ambientada em duas escolas vizinhas (uma particular, Colégio Grupo, e uma pública, Cora Coralina) na cidade de São Paulo. Esta edição rompeu com as narrativas das temporadas anteriores ao retratar diversas questões sociais vividas pela juventude (como desigualdade social, racismo, machismo, transtornos psíquicos, diversidade sexual, violência, entre outras). Koka interpretou Fio, um dançarino de funk e MC morador da periferia e aluno da Cora Coralina. A série teve entre seus capítulos um episódio de ocupação da escola e Fio apresenta um clipe

e Pipoca (anônimos). Uma série de brigas, intrigas e informações truncadas entre os participantes, típicas do programa, levaram Koka a pedir para sair na segunda semana de exibição.

Sua saída aconteceu no dia seguinte a uma festa onde ele beijou outro participante (Gilberto) e assumiu publicamente sua bissexualidade, sendo julgado por isso e acusado por alguns integrantes (também bissexuais) de forjar sua orientação sexual para angariar a simpatia e os votos do público gay.⁴⁴ Koka e Gilberto protagonizaram o primeiro beijo gay da história do programa.

Sobre a participação de Koka no programa, transcrevo mais um trecho do depoimento de Eliza Capai (CAPAI, 2021):

[...] Falamos com dezenas de estudantes incríveis, mas quando conhecemos o Lucas Koka Penteado não tivemos dúvidas que ele deveria ser um dos protagonistas do filme pelo seu carisma, e pela forma em que transforma suas lutas e dores em arte. Víamos dentro dele um imã, um artista, uma força. A cena que abre e fecha o filme é de Lucas frente ao slam. Não há quem não assista, ao vivo ou na tela, e não se emocione com o poder de sua poesia e declamação. Ali, a intensidade de Lucas sai em seu melhor. Mas para além da luz de artista, esteve sempre ali, e quanto mais convivíamos mais enxergávamos, as sombras que acompanham tudo que brilha. [...] Neste momento, gostaríamos de abraçar Lucas pela generosidade com a qual dividiu sua história, e pelo talento que ajudou Espero tua (re)volta a rodar mais de 100 festivais, ganhando dezenas de prêmios. Esperamos que dentro da casa BBB, Lucas não tenha medo de seu brilho, e consiga ser o jovem carismático, respeitoso e talentoso que conhecemos e retratamos. [...]

Jovem, ex-estudante secundarista de escola pública, poeta, ativista, negro, ator, bissexual, ex-BBB. Koka, no interstício de fronteiras delicadas que se forma entre as ideias ultrapassadas de “periferia” e “centro”, representa bastante a juventude e sua pluralidade de narrativas. Retomando Benjamin em *O Narrador*, ao continuar a defesa da narrativa e a crítica ao romance, ele vai dizer (2012, p. 220) que “a informação só tem valor no momento em que é nova” e que a narrativa é muito diferente porque “[...] Ela não se esgota jamais. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramentos”.

Abrem-se muitas possibilidades quando aproximamos a narrativa enquanto gênero literário (e todas as características levantadas por Benjamin) e a narrativa nos termos que usamos hoje, no plural, como construção de discursos dos outros e de si mesmo. A transposição de categorias e o jogo de palavras envolvendo a ideia de narrativa permitem extensas abordagens justamente porque não se esgotam.

Também há um salto quântico que pode ser feito ao olharmos para um pensamento do tipo “Ocupou escola e agora está no BBB, o que adiantou?”, como se não pudesse haver

em prol do ensino público. A temporada foi indicada a diversas premiações e, em 2019, recebeu o Emmy Internacional como melhor série para o público jovem.

⁴⁴ *Lucas sai do BBB após festa que teve beijo em Gil e discussão generalizada*. 07 fev. 2021 (O GLOBO)

relação entre os fatos na realidade de forças múltiplas que vivemos. Ou como se o entretenimento não fosse político e como se a política não flertasse com o entretenimento. De possibilidades a saltos, transpomos e atualizamos o que disse Benjamin e nos dedicaremos a pensar a partir de agora: que forças e desdobramentos as ocupações dos secundaristas inspiram para pensar juventude e política hoje?

2. AFETOS E EFEITOS POLÍTICOS: ALGUMAS LEITURAS

Há muitas coisas para debater quando a proposta é desdobrar um movimento estudantil e pensar em seus aspectos políticos além das leituras mais evidentes. Uma análise inicial ancorada na ideia de discutir se as ocupações das escolas foram partidárias ou não (discussão que não nos interessa) ganha outros contornos quando assumimos que pleitear uma outra escola e protestar contra uma medida provisória é tão político quanto falar de feminismo, identidade, racismo, cabelo, transporte coletivo, homofobia, funk, comida.

Assim como também é político ocupar um espaço, imprimir outro tipo de gestão, propor outras atividades, outros usos, outras discussões que podem ser acompanhadas por dança, diversão, cuidado, humor, cozinhar, pertencer, estar junto. Já falamos em outro momento que num modo de vida conduzido para a competição e o individualismo, o estar junto é ato político. E dentro do partilhar, da leveza e dos sonhos, também cabem os medos, a insegurança, a incerteza, o impulso, o erro, os desagradados.

Se há juventude envolvida nesses processos todos, tudo isso ainda encontra as redes sociais e o papel preponderante que ocupam atualmente nas nossas vidas. Cabe, então, pensar: de quantas políticas estamos falando quando pensamos em política? O termo política pode ser entendido como substantivo feminino e como adjetivo e dá uma breve noção da pluralidade do seu significado. A pluralidade gramatical encontra a intensidade que o termo assumiu desde que as redes sociais configuraram uma extensão das identidades (individuais e coletivas) nos últimos anos.

Considerando essa diversidade de sentidos, enquanto narrativas as ocupações foram marcadas por dramas, humor, contradições, suspense e outras nuances que se alternaram o tempo todo, como é próprio dos movimentos de forças múltiplas. Podem ser lidas, inclusive, como metáfora da política (no entendimento mais comum do termo) onde alguns aspectos se destacam e ilustram o que é a política no Brasil ou o que tem sido a política no Brasil dos últimos anos.

Sem querer simplificar demais o debate, um desses aspectos é a ironia. Pelo tanto de “intenção” que existe em nossa classe política na “defesa da nossa democracia”, não deveríamos ter metade dos problemas que temos. A “preocupação” das autoridades com a “segurança” dos estudantes dentro das ocupações e o uso da força policial para recuperação de posse do espaço foi digno de nota (enquanto argumento). Enfim, eu poderia apresentar um grande tratado sobre isso, com uma extensa e cansativa revisão bibliográfica sobre os

termos política e ironia, mas escolhi falar disso através de fatos e contextos ligados às ocupações.

Ao escrever esta tese, recorro ao material pessoal coletado (diário de campo, anotações, entrevistas, fotos) e a quantidade enorme de informações disponíveis na internet sobre as ocupações das escolas no Brasil, principalmente sobre as ocupações em São Paulo, precursoras do movimento. Em grande parte das matérias jornalísticas e documentários feitos sobre o tema na capital paulista, a figura do Geraldo Alckmin, governador de São Paulo no período das ocupações, aparece como o grande “inimigo” a ser enfrentado e derrotado⁴⁵. Algumas fotos dos protestos mostram isso de forma bem clara:

Figura 3: Protesto dos estudantes secundaristas em São Paulo em dezembro de 2015



Fonte: Site do PSTU (CRUZ, 2015)

⁴⁵ Importante destacar que Geraldo Alckmin governou o estado de São Paulo entre 2001 e 2006 e novamente entre 2011 e 2018. Juntando os dois mandatos, são 12 anos como governador.

Figura 4: Protesto dos estudantes secundaristas em São Paulo em dezembro de 2015



Fonte: Site da Rede Brasil Atual (DAVID; FERNANDES; 2016)

Já falamos sobre isso no primeiro capítulo: está na conta de Alckmin a reorganização das escolas feitas sem consulta pública à comunidade escolar, fato que desencadeou as ocupações dos estudantes e inspirou movimentos semelhantes pelo resto do país (com destaque para as ocupações de quase 1000 escolas no Paraná, em 2016, como protesto contra a Medida Provisória nº 746 que reformou o Ensino Médio). Também estava sob sua responsabilidade a ação truculenta da polícia com os estudantes, seja nos protestos das ruas ou nas ações de reintegração dentro das escolas.

Essas ações de reintegração são um fato curioso (para dizer o mínimo) e inspiram nosso pensamento na direção de mais uma ironia: o uso da força policial do Estado para “recuperar” um espaço ocupado pelos cidadãos (menores de idade!). Se a ocupação representou uma estratégia de impulsionar a atenção e o debate para a melhoria desse espaço, com propostas de novos usos, de outras possibilidades de gestão e de abertura para outros diálogos (ou seja, o espaço estava sendo utilizado e cuidado pelo público para o qual ele foi pensado), o que há de ser reintegrado? O espaço ou o controle? ⁴⁶

⁴⁶ A respeito deste tema, Bianca Tavorlari (TAVOLARI, 2021) faz uma análise das decisões judiciais nas ações de reintegração de posse das escolas ocupadas no Paraná. Segundo a autora, as decisões seguiram três variações de interpretação: (1) conceber o conflito como uma oposição entre dois direitos (“posse” x “manifestação”); (2) recusar interpretar o conflito como questão possessória, sendo apenas uma demanda pelo direito à manifestação; (3) conceber o conflito como oposição entre dois direitos, sendo o possessório em segundo plano, enfatizando a oposição entre o direito à manifestação e os direitos sociais à educação e ao trabalho.

Nas matérias jornalísticas e nos registros audiovisuais sobre as ocupações de São Paulo, a “vitória” do movimento culmina com a declaração amplamente divulgada de Geraldo Alckmin sobre o cancelamento temporário da reorganização das escolas. É possível pensar que a decisão tenha sofrido uma influência relevante da repercussão que as ocupações alcançaram na mídia, incrementada com a visibilidade também crescente da repressão policial nos protestos dos estudantes, fazendo com que o movimento conquistasse a opinião pública favorável de uma parcela significativa da sociedade. A preocupação de Geraldo Alckmin com sua imagem tinha um horizonte próximo: sua candidatura à eleição presidencial de 2018.

Nesta narrativa, o inimigo foi “derrotado”, os estudantes saíram “vitoriosos” e o impacto do movimento (junto a outros fatores) foi expressivo: Geraldo Alckmin ficou em 4º lugar, com apenas 5% de intenções dos votos para presidente (o pior resultado eleitoral do seu partido, na época, Partido da Social Democracia Brasileira/PSDB). E esse resultado chama mais atenção ainda se considerarmos o peso político desse partido na história da política brasileira pós-ditadura. Ou seja: parecia que o melhor que poderia acontecer, aconteceu. O “inimigo”, além de derrotado, parecia ter caminhado para o apagamento ou esquecimento.

Saltamos para 2022 e para a disputa presidencial mais acirrada da história do Brasil, em que Geraldo Alckmin é vice-presidente do então candidato Lula. Algo impensável se considerarmos a histórica oposição entre os dois e suas posições políticas. O exemplo mais ilustrativo disso: Alckmin e Lula foram adversários na eleição presidencial de 2006, em que Lula foi reeleito com cerca de 60% dos votos para seu segundo mandato.

Em 2022 lá fomos nós votar em Lula e, por tabela, em Alckmin. E o que é ainda mais interessante: certamente, muitos jovens paulistas que ocuparam as escolas em 2015 e 2016 se viram obrigados a votar (ou engolir) o “inimigo” de outrora para evitar algo muito pior: a reeleição de Jair Bolsonaro. Apenas 7 anos (o período de 2015 a 2022) separam as ocupações das escolas da eleição presidencial da chapa Lula/Alckmin. Para mim, que revisito o tempo todo as imagens das ocupações, é no mínimo estranho perceber a mudança de posição de Alckmin. Também soou muito esquisito a ideia de usar um adesivo do Lula associado ao nome de Alckmin durante a campanha presidencial de 2022. E, por isso, não usei.

Mas essas ironias de Brasil não são coisa nova e tenho dúvida se devemos chamar de ironia mesmo ou dar outro nome que explique as singularidades da nossa história política. José Murilo de Carvalho (2019), em sua análise sobre a construção da cidadania no Brasil, aborda essa questão.

Ao mencionar o autor que desenvolveu a distinção entre as várias dimensões da cidadania⁴⁷, o sociólogo britânico Thomas Humphrey Marshall, Carvalho (2019, p. 16) comenta que o desenvolvimento da cidadania na Inglaterra⁴⁸ seguiu uma sequência cronológica e lógica que começou no exercício dos direitos civis (século XVIII), seguindo para a reivindicação dos direitos políticos (século XIX) e culminando com os direitos sociais (século XX).

Carvalho (2019, p. 17) pontua que o desenvolvimento do modelo inglês é apenas um exemplo entre outros possíveis e que ele não se aplica ao Brasil porque, assim como em outros países (França, Alemanha, Estados Unidos), cada lugar teve seu percurso próprio na construção da cidadania. A menção ao modelo inglês é feita apenas para exercício de comparação por contraste, e ele ressalta que o Brasil apresenta duas diferenças importantes: a ênfase em um dos direitos (o social) e a alteração na sequência em que os direitos foram adquiridos (2019, p. 18).

A singularidade do conflituoso processo de construção da cidadania no Brasil, permeado de profundas desigualdades históricas, Carvalho (2019, p.219-220) indica em:

Uma das razões para nossas dificuldades pode ter a ver com a natureza do percurso que descrevemos. A cronologia e a lógica da sequência descrita por Marshall foram invertidas no Brasil. Aqui, primeiro vieram os direitos sociais, implantados em período de supressão dos direitos políticos e de redução dos direitos civis por um ditador que se tornou popular. Depois vieram os direitos políticos, de maneira também bizarra. A maior expansão do direito do voto deu-se em outro período ditatorial, em que os órgãos de representação política foram transformados em peça decorativa do regime. Finalmente, ainda hoje muitos direitos civis, a base da sequência de Marshall, continuam inacessíveis à maioria da população. A pirâmide dos direitos foi colocada de cabeça para baixo.

Então, quando estamos falando de Brasil, é necessário sempre ter como horizonte a ideia de uma história política que flutua entre a ironia, o drama e a tragédia, contando ainda com toques cômicos e algumas jornadas heróicas. Não é a intenção aqui apresentar uma análise da política brasileira porque nem é esse o caminho que queremos percorrer.

A mudança de posição de Alckmin⁴⁹, tendo em vista o que ele representou para um dos protestos mais insurgentes dos anos recentes do país e, impossível não citar, também os

⁴⁷ São elas (CARVALHO, 2019, p. 15-16): direitos civis (fundamentais à vida, à liberdade, à igualdade perante a lei, entre outros), direitos políticos (em geral, o direito ao voto) e direitos sociais (a garantia da participação na riqueza coletiva como o direito à educação, à saúde, ao salário justo, entre outros).

⁴⁸ Tomada como base para Marshall por conta da Revolução Industrial.

⁴⁹ Outro movimento de Alckmin que vale destacar : para a composição na chapa com Lula, ele saiu do PSDB (seu partido durante 33 anos) e foi para o Partido Socialista Brasileiro (PSB). A lista de ironias é infinita: Geraldo Alckmin, representante do “puro suco” da elite paulista, conseguiu seu cargo de maior destaque na carreira política como vice de (seu outrora adversário) Lula, após migrar para um partido socialista. Outra ironia (essa mais novelesca): Alckmin foi para o partido que, até 2014, teve Ariano Suassuna como presidente de Honra.

movimentos de Lula, acenam para a complexidade do cenário político brasileiro. Considerando o que essas duas figuras políticas significam na história do Brasil, seus movimentos (outrora adversários e agora convergentes) servem como uma ilustração ou um dos muitos retratos possíveis do país.

2.1 Um circuito de visibilidades – visualidade, pensamento e política das ocupações

Está nas ideias de ilustração, retrato, narração (e afins) alguns diálogos que queremos explorar na intenção de desdobrar as ocupações além dos aspectos políticos mais evidentes e, assim, conseguir alcançar outras camadas de suas ressonâncias. Dentro dessa proposta, existem vários caminhos possíveis. Um deles foi inspirado nas reflexões a respeito de estética e política feitas por Jacques Rancière em seu livro *A partilha do sensível* (2005). Acionando sua ideia sobre a *estética*, ele diz (2005, p.13):

Isto é, em primeiro lugar elaborar o sentido mesmo do que é designado pelo termo *estética*: não a teoria da arte em geral ou uma teoria da arte que remeteria a seus efeitos sobre a sensibilidade, mas um regime específico de identificação e pensamento das artes: um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada ideia da efetividade do pensamento.

Transpomos o que Rancière traz nas artes para pensar o político: em quantas visibilidades conseguimos pensar quando falamos das ocupações e o que elas nos inspiram a refletir? De que forma elas se articulam e implicam na ressonância do movimento? Como elas continuam funcionando como eco, mesmo que não exista mais escola ocupada? De que maneira visibilidades e discursos do movimento se inscrevem como efetividade de pensamento? Para isso, elegeremos algumas visibilidades que representam efeitos constituintes de um rastro ressonante com gradações entre o efêmero e o perene.

Há nesse conjunto de indagações uma palavra crucial para o que queremos pensar: visibilidade. Para nossos tempos atuais, absolutamente atravessados pelas redes sociais, visibilidade é um conceito chave e uma qualidade quase “obrigatória”. Tendo em vista sua relevância, seu status é mais que estético, é político⁵⁰. Talvez, arriscamos dizer, a gente esteja no ápice de um regime visual enquanto sociedade. Sua importância enquanto registro concorre com seu efeito na inscrição do real assumindo, assim, uma função cada vez mais política.

⁵⁰ Ana Lucia Pardo (PARDO, 2018) faz uma análise desse tema em sua tese de doutorado “Ética-estética dos protestos: atores e personagens na cena política”, defendida no mesmo programa desta tese.

E o que Rancière chama de maneiras de fazer pode ser pensado como a própria dinâmica das ocupações, já citada em outros momentos desta tese: organização via redes sociais, ocupação dos espaços físicos das escolas, gestão do espaço através de comissões específicas por área, realização de atividades pensadas pelos alunos, outro habitar do espaço. De certa forma, parece simples, e é. Enquanto tática, como já vimos com Certeau (2014), essa maneira de fazer das ocupações foi possível e acessível. Talvez venha disso sua pulverização tão potente enquanto movimento: o precário transformado em força.

Voltando às ocupações, há muitas possibilidades de pensá-las em termos de visualidade. Mesmo que o movimento tenha sido plural (em relação ao período, momento, cidades e motivos) existem elementos visuais comuns que permitem explorar um pouco mais o assunto dentro da ideia de ressonância e nos termos da estética pensada por Rancière. São eles os cartazes e os registros audiovisuais. Há ainda outro, materializado enquanto processo: a transformação e permanência das ocupações como linguagem, metodologia e performance teatral, realizado pela coletivA ocupação. Já falamos disso no primeiro capítulo e falaremos um pouco mais à frente, sob outra perspectiva.

Retomando o que começamos a discutir, se pudéssemos eleger um elemento visual que representasse um ícone das ocupações seriam os cartazes feitos pelos estudantes. Onde teve ocupação, teve cartaz. Funcionando quase como uma bandeira ou uma marca colocada em territórios conquistados. Uma rápida busca por imagens do movimento no Google traz vários exemplos:

Figura 5: Cartazes em escola ocupada



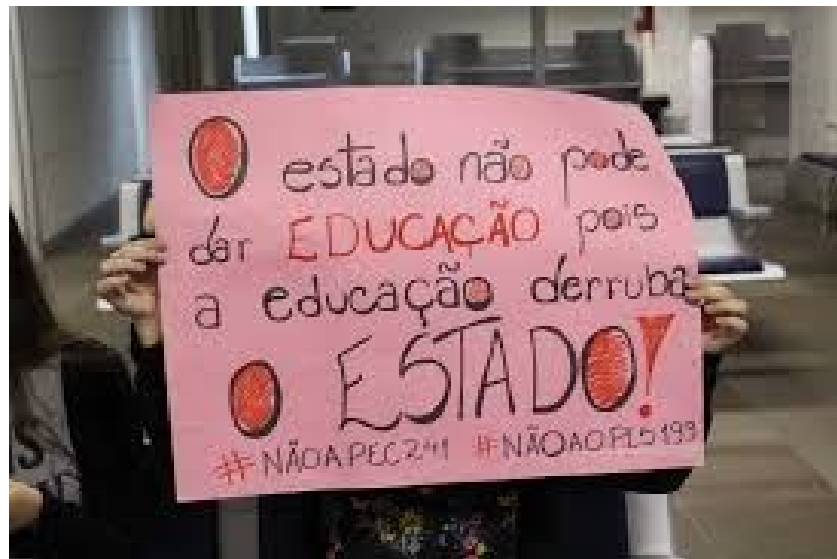
Fonte: Brasil de Fato (2016)

Figura 6: Cartazes em escola ocupada



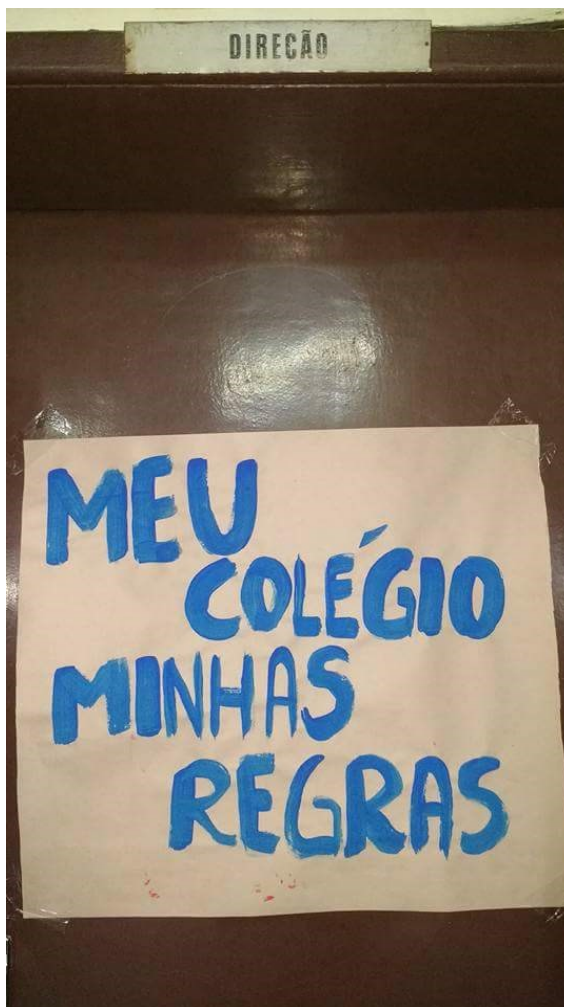
Fonte: Jornalistas Livres (SATO, 2016)

Figura 7: Cartaz em escola ocupada



Fonte: Intercept Brasil (GONÇALVES, 2016)

Figura 8: Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu



Fonte: A autora, 2016 (COSTA, 2016)

Há elementos interessantes para pensar sobre os cartazes. Representando o oposto de toda a atualidade tecnológica, os cartazes produzidos pelos estudantes e que viraram uma espécie de marca das ocupações são a inscrição – literal e simbólica – do movimento. Escritos à mão, num diálogo com o artesanal, constituem uma metáfora do próprio movimento, também “feito à mão” no sentido de não haver experiência anterior e ter sido fruto de uma intuição, uma inventividade, uma vontade, um aprender fazendo.

O que, de certa forma, toca num aspecto importante do movimento, causador de espanto para uns e desconfiança para outros: as ocupações foram espontâneas, realmente protagonizadas pelos estudantes, ou foram “financiadas” por algum partido ou organização política? O flerte de partidos e organizações estudantis de esquerda com o movimento, bem como a recusa dos estudantes à associação com alguma bandeira partidária, dão o tom desse espanto.

Muito associados aos trabalhos escolares, os cartazes são um material de baixo custo. Suas cores suaves, seus tons pastéis, sua paleta de cores infantil, seus escritos com tintas coloridas e a grafia irregular são elementos gráficos e visuais que nos remetem à infância e à juventude, num misto de representação e memória afetiva, quase brincando com uma inocência. Além disso, feitos de papelão ou cartolina, são efêmeros e se desfazem fácil ao primeiro contato com a água.

Neste exercício tocamos de forma tangente no engenhoso campo dos estudos da representação e sua capacidade de produção de significados. A reflexão que estamos fazendo é apenas um exemplo miúdo da partilha de significados que nos amarra enquanto sociedade. Significados que participam de forma contundente daquilo que entendemos sobre o outro e sobre o que (ou o que cada um) definimos como real. Em tempos de fake news e de pós-verdade, esse debate assume uma necessidade urgente.

Ao pensar em estudos de representação, cabe citar brevemente Stuart Hall. Em *Cultura e Representação* (2016), o autor examina as questões de representação, especialmente nos meios midiáticos, apontando como uma série de elementos constitui as construções narrativas e vão formando nossa visão de mundo, corroborando, inventando, deslocando ou questionando lugares de poder. Perpassa também a relação entre visibilidade e política ao refletir como as imagens midiáticas são peças chave desse circuito e, por isso, seu questionamento é fundamental. O foco da sua observação está voltado para o debate racial, mas suas interpretações e análises são extensíveis a temas diversos.

Inspiradas por suas provocações, voltamos aos cartazes feitos pelos estudantes nas ocupações e à relação entre visibilidade e política. As associações que citamos há pouco, relacionadas à infância e à juventude, podem ter como um dos efeitos um não levar “a sério” o movimento. Como se ele fosse “coisa de jovem” ou a “típica rebeldia juvenil” da “licença poética” dessa faixa etária, com poucas implicações “sérias”. Afinal, quem tem medo de um cartaz escolar? Qual o “perigo” que isso oferece? Brincando com a representação, é quase a diferença que existe entre a arma (o revólver) e um inofensivo brinquedo colorido em forma de arma que lança água no carnaval.

Diferentes dos registros audiovisuais, por razões óbvias, os cartazes não têm o recurso da montagem. Não há ali uma narrativa construída a partir de uma manipulação induzindo uma leitura. Ele é um bilhete, uma mensagem rápida e certa, um recado explícito, um anúncio direto não muito elaborado (visualmente falando), mas, mesmo assim, um símbolo portador de significados.

É claro que há uma boa dose de senso comum nessa associação entre juventude e inocência. O que queremos destacar é a força das ideias vinculadas a essa representação. Às vezes (ou muitas) podemos inclusive abrir mão das palavras porque os sentidos e significados da representação configuram outros idiomas não verbais.

Retomando o exercício de associação entre os significados em torno dos cartazes das ocupações, a seriedade do movimento⁵¹ e as ideias de “inocência” e “perigo”, há uma cena emblemática que ilustra bem essa fusão de questões: o vídeo do discurso de Ana Júlia, que já mencionamos no primeiro capítulo, na Assembleia Legislativa do Paraná durante as ocupações de 2016.

O vídeo⁵² com cerca de 10 minutos alterna entre a estudante discursando e as expressões dos deputados que estão assistindo. Os semblantes variam entre atenção e descaso. No minuto 06:51 do vídeo, Ana Júlia cita o estudante Lucas, morto na ocupação, seguida da frase “As mãos de vocês estão sujas com sangue do Lucas”. A parcela de desatentos ao discurso dá a impressão de ter diminuído e ter sido despertada pela intervenção do Presidente da casa (minuto 07:10), pedindo respeito aos deputados e ameaçando cortar a palavra dela e encerrar a sessão.

Ana Júlia se desculpa com a seguinte frase: “Eu peço desculpas, mas o ECA nos diz que a responsabilidade pelos nossos adolescentes e nossos estudantes é da sociedade, da família e do Estado”. E segue para o fim da sua fala após muitos aplausos dos estudantes que assistiam ao discurso. Através das reações vistas no vídeo, parece ter havido uma inflexão no posicionamento de alguns deputados. Sua fala migrou de um discurso “inofensivo” de uma estudante para uma afronta à “honra” de alguns ali presentes. E com a honra não se brinca, né?

Voltando aos cartazes, eles também representam uma inflexão diante dessas leituras que sugerimos há pouco. Nas frases estampadas e escritas pelos estudantes, o tom das mensagens contrasta com qualquer ideia que se possa fazer sobre “inocência”. Frases como “*Meu colégio, minhas regras*” aludindo a uma frase atual bastante difundida pelo movimento feminista (“*Meu corpo, minhas regras*”), “*Um povo sem voz é um povo sem futuro*”, “*Respeita as minas*”, “*Pense! Organize-se! Autonomia! Resistência! Luta! Tesão!*”, “*Quem*

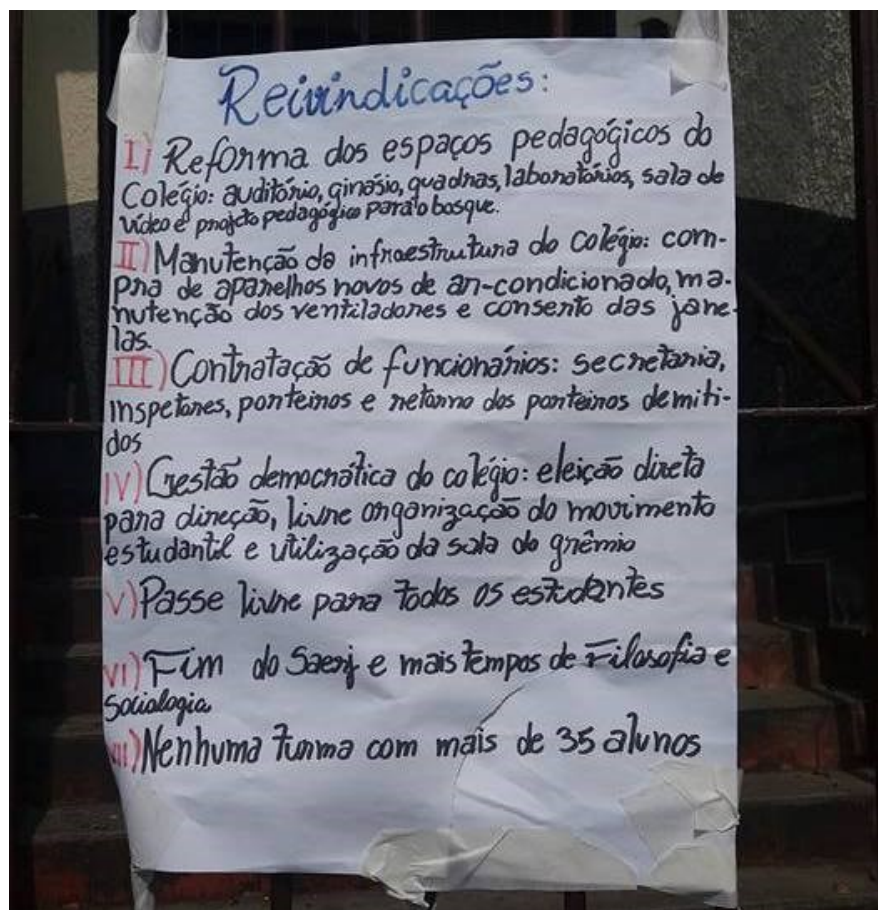
⁵¹ Não na perspectiva dos estudantes, obviamente. O destaque é feito para as muitas leituras da opinião pública sobre o movimento.

⁵² Vídeo disponível na página da Mídia Ninja no Facebook (MÍDIA NINJA, 2016). Disponível em < <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/videos/secundaristas-ana-júlia-na-alep/748279895330158/> > Acesso em: 11 jul. 2023

luta, educa!" ilustram a articulação entre a visibilidade e a efetividade do(s) pensamento(s) presentes no movimento.

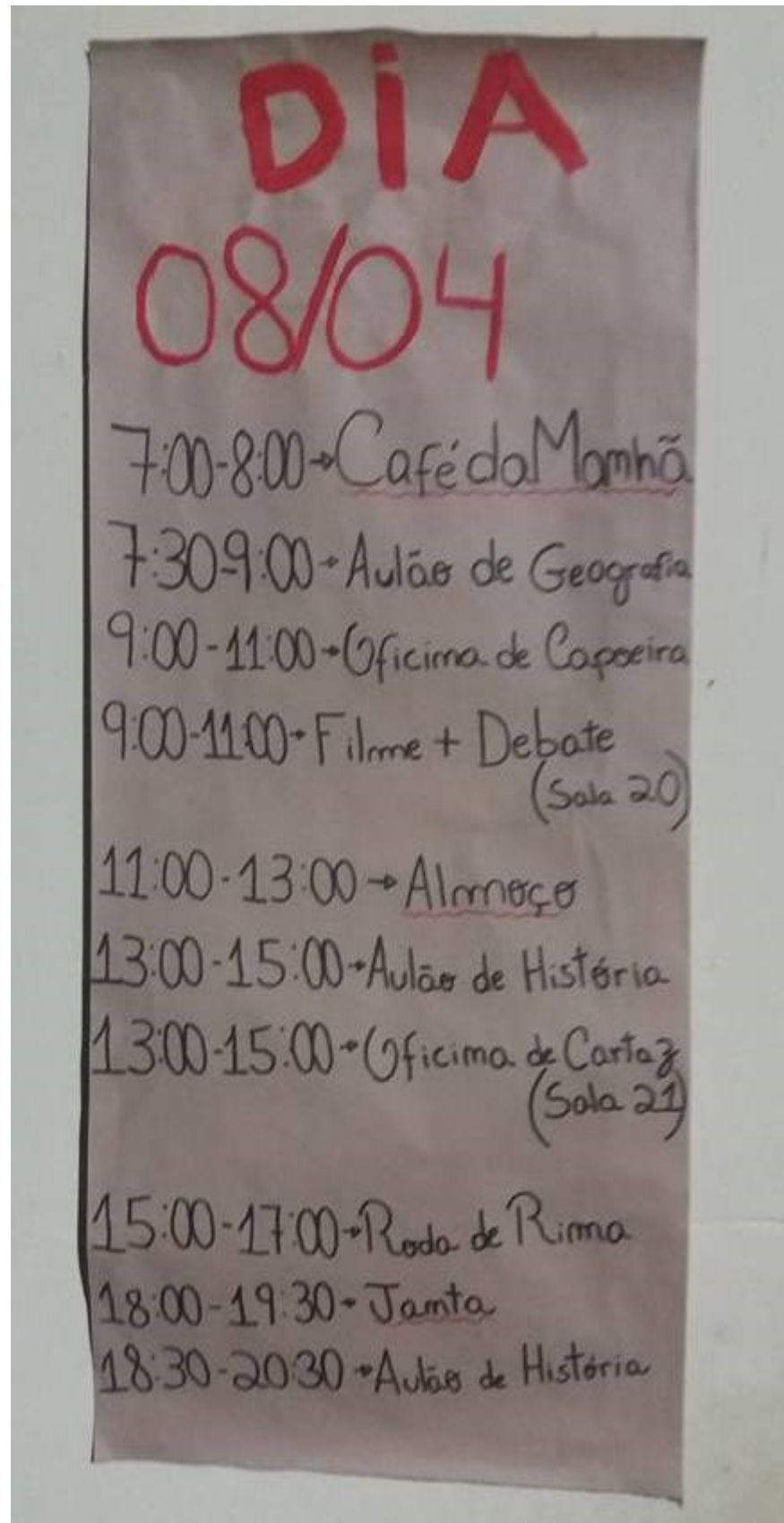
No caso do Cairu, os cartazes ainda tiveram três outras importantes funções: registrar as reivindicações do movimento, informar a programação do dia-a-dia da ocupação (indicando o planejamento e articulação dos estudantes) e representar um memorial no período pós-ocupação e volta do funcionamento regular da escola. Memorial este que cumpriu um importante papel de memória e afirmação após o encerramento da ocupação.

Figura 9: Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu



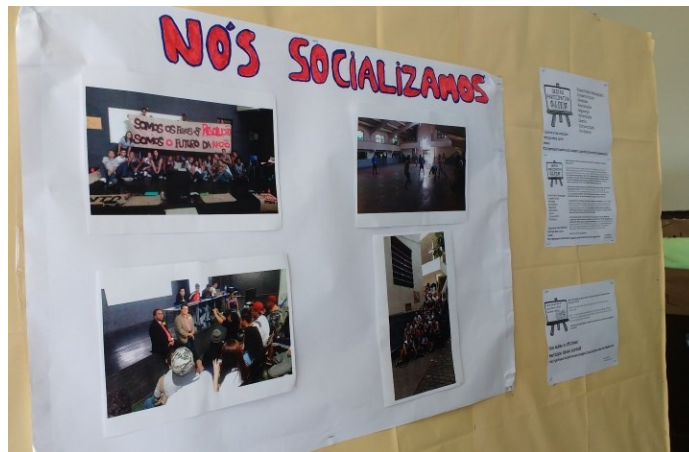
Fonte: A autora, 2016 (COSTA, 2016)

Figura 10: Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu



Fonte: A autora, 2016 (COSTA, 2016)

Figura 11: Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu



Fonte: A autora, 2016 (COSTA, 2016)

Figura 12: Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu



Fonte: A autora, 2016 (COSTA, 2016)

Figura 13: Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu



Fonte: A autora, 2016 (COSTA, 2016)

Figura 14: Cartaz na ocupação do C.E. Visconde de Cairu



Fonte: A autora, 2016 (COSTA, 2016)

Para ilustrar um pouco mais esse ponto de inflexão que comentamos, convidamos mais uma vez Jorge Larrosa. O contraste entre os sentidos atribuídos aos cartazes escolares e seus dizeres dialoga com o que Larrosa afirma sobre a questão das palavras (LARROSA, 2015, p. 75):

[...] Porque as palavras, algumas palavras, antes que se desgastem ou se fossilizem para nós, [...], ainda podem conter um gesto de rebeldia, um não, e ainda podem ser perguntas, aberturas, inícios, janelas abertas, modos de continuar vivos, de prosseguir, caminhos de vida, possibilidades do que não se sabe, talvez. [...]

Daí a importância dos cartazes como a efetividade do pensamento de quem fez as ocupações. De quantas palavras é feita uma ocupação? As palavras enquanto visibilidades que inscrevem e demarcam inclusive lutas contemporâneas: não é mero acaso que muitos cartazes tenham a ver com a luta feminista. A palavra é uma arena de disputa, haja vista todo o movimento atual de adequação da linguagem aos gêneros.

Ou, esticando ainda mais a corda: não é coincidência que uma atividade muito proposta na ocupação do Cairu tenha sido a oficina de rimas e que um estilo musical bastante ouvido entre os estudantes tenha sido o RAP, cuja marca é a luta através da palavra. Vale destacar que o RAP é muito ouvido pelo público jovem das periferias e tem uma conexão direta com o SLAM que já mencionamos no primeiro capítulo.

Também não é aleatório que o SLAM seja tão popular entre os jovens. A relação entre a palavra e juventude é direta. Ela pode, sim, representar discursos não comprometidos com alguma questão social, mas ocupam um espaço fundamental na visibilidade de desejos, modos de pensar o mundo, desabafos, angústias. O que nos leva a pensar na atualidade do termo “Ocupa” e na força das várias ocupações que temos visto nos últimos anos. Afinal, falar de ocupação é falar de palavras e mais uma vez encontramos eco no que traz Larrosa (2015, p. 102):

[...] o importante não seja averiguar o que está por trás das palavras... [...] mas sim que há adiante, até onde se dirigem, de que maneira podem encarnar em nós (que somos carne de palavras, também de palavras apodrecidas), o que é que podem mover ou mobilizar ou incitar ou suscitar em nós. [...]

As ideias a respeito dos cartazes escolares e as mensagens escritas neles representam uma possibilidade de “quebra” de sentido, cumprindo o papel de demarcação de diferentes intenções do movimento e desenhando uma espécie de circuito onde visualidade e efetividade de pensamento se articulam, dialogando com o que Rancière (2005) diz sobre estética e com o que Larrosa (2015) sugere sobre inscrições e anunciações políticas de mundo através das palavras.

Participando disso que estamos chamando de circuito de visibilidade e pensamento, partimos do analógico e saltamos ao digital para falarmos dos registros audiovisuais, a marca dos nossos tempos. Já abordamos esse tema no primeiro capítulo ao mencionar as diversas produções audiovisuais sobre as ocupações e iniciar algumas discussões inspiradas pelo filme *Espero tua (re)volta*. Voltamos a mencionar para propor outra análise.

Começando pelo óbvio a respeito da facilidade de produção de registros: atualmente, as funções de imagem dos telefones celulares são tão ou mais importantes que a sua função de comunicação. Na prática, temos câmeras na mão que fazem chamadas telefônicas. A imagem que ao longo da história assume diversas roupagens na sua função social, carrega nos dias de hoje um pesado teor político porque nosso regime de visibilidade passa pela produção da imagem. A imagem como testemunha dos acontecimentos assume aura de “verdade” e as mídias alimentam-se disso. Como se já não fosse complicado o suficiente, a inteligência artificial está chegando com força para implodir ainda mais a relação entre imagem e verdade.

Uma pausa para falar da intensidade da relação entre tecnologia e política porque vivemos o ápice da interface entre os dois termos, tanto pelo que carregam de poder na produção de imagens, narrativas e comunicação, como pela possibilidade de mobilização que oferecem (nunca será demais repetir que as ocupações foram organizadas através das redes sociais).

A força disso pode ser vista em alguns breves números: Mark Zuckerberg, um dos fundadores da rede social Facebook e, também, proprietário do Instagram e do WhatsApp é uma das pessoas mais ricas do mundo, com uma fortuna estimada em US\$ 85 bilhões de dólares. Estima-se que essas três redes sociais possuam cerca de 3 bilhões de usuários em todo o planeta. A Meta, empresa proprietária dessas redes e mais algumas, é uma das principais empresas de tecnologia da atualidade (WIKIPEDIA).

Na grandiosidade desses números, algo em comum: a imagem ocupa um dos papéis centrais. E, considerando a influência atual disso tudo, a existência política dos sujeitos está muito atrelada à imagem. A ponta da corda dessa discussão são as inúmeras campanhas contra as chamadas *fake news* envolvendo imagens e narrativas. As eleições mais recentes no Brasil foram um indício do que estamos discutindo e, a julgar pelos resultados, o país provavelmente participará do núcleo das experiências com inteligência artificial.

No momento que escrevo essas linhas, dois episódios recentes de ampla repercussão na mídia falam disso: um grupo formado pelas principais empresas internacionais da área de tecnologia lançou um manifesto para pedir a paralisação do desenvolvimento de pesquisas

com inteligência artificial por 6 meses. O grupo alegou que é preciso desenvolver a regulação sobre o assunto, temendo o “impacto disso em nossa sociedade e em nossas democracias” (REUTERS, 2023). Especialistas afirmam que o “alerta” feito em tom catastrófico pelos magnatas da tecnologia é uma estratégia para desviar a atenção de questões urgentes que já estão em curso (como o uso de dados pessoais e interferências em eleições) e uma forma de inserir suas empresas (através da venda de seus produtos) na elaboração de políticas públicas para regulação do setor (DEUTSCHE WELLE, 2023).

O segundo episódio é referente a uma propaganda da Volkswagen com o uso da imagem da cantora Elis Regina recriada através de inteligência artificial interagindo com sua filha, a também cantora Maria Rita. A propaganda gerou polêmica porque Elis Regina era declaradamente contrária à ditadura e a fabricante de veículos, apoiadora do regime. Pelo posicionamento político de Elis, seria pouco provável que ela associasse sua imagem à empresa. Após reclamações de consumidores, o Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (Conar) instaurou um processo ético para investigar o anúncio (BERGAMO, 2023). No pano de fundo do debate está a discussão sobre os limites da inteligência artificial e a sua interferência na realidade.

O breve passeio pelo mundo da tecnologia foi feito para pontuar que é neste intrincado regime de visibilidade que se encontram os inúmeros registros das ocupações. Participar desse regime não é apenas uma questão de memória e de estética. Há também um profundo efeito político nisso porque o futuro de um movimento tem a ver com as narrativas que seu rastro deixou.

Voltamos a citar os amigos do Comitê Invisível que traduzem isso muito bem (2016, p. 176): “[...] Um movimento só vive pela série de deslocamentos que opera ao longo do tempo. Ele é a todo o momento, portanto, certa distância entre o seu estado e o seu potencial [...]”. É o adiante das palavras, como disse Larrosa (2015, p. 76) ou mesmo sua tradução em carne, pensada em termos de materialidade. É enquanto carne das palavras que o governo de extrema direita de Bolsonaro investiu fortemente no projeto de militarização das escolas públicas nos anos posteriores às ocupações. Também é enquanto carne que, na semana em que escrevo esse trecho, o governo Lula acaba de extinguir esse projeto.

Voltamos a pensar na relação entre política e imagem. Num mundo audiovisual onde a relevância tem sua tradução em imagem (produzindo também muitas imagens irrelevantes que podem ganhar uma notoriedade intencionalmente fabricada para chamar e/ou desviar a atenção), movimentos como a ocupação dos secundaristas estão imersos nesse sistema. A

visibilidade assume uma função política porque demarca, pontua e aponta para visões de mundo num intenso cenário de disputas de narrativas onde o elo entre visibilidade e efetividade do pensamento é muito forte.

Cabe ainda destacar outra ressonância das ocupações: sua transmutação em linguagem para o teatro. Já falamos da coletivA ocupação e voltamos a citar o grupo para reforçar a ideia de que a ocupação como metodologia do teatro representa a permanência do movimento através de outro formato e segue outros caminhos de profundos contornos poético-políticos.

Há mais um diálogo sobre isso: a estreia da coletivA aconteceu na Casa do Povo, em São Paulo. De origem judaica, a Casa do Povo é um espaço multidisciplinar que fomenta o debate do papel político das instituições artísticas. Essa é uma discussão do campo da arte e da institucionalização que vem ganhando muita força e que pode ser ilustrada pelo caráter cada vez mais político dos grandes eventos de arte nos últimos anos (como a Bienal de São Paulo, a Bienal de Veneza, e a Documenta de Kassel)⁵³. A ressonância das ocupações no campo artístico está profundamente alinhada ao debate atual (e urgente) sobre a relação entre arte e política.

Cartazes, registros audiovisuais, metodologia para o teatro. Cada um, a seu modo, ajuda a costurar uma espécie de circuito das ocupações, onde maneiras de fazer e visibilidades se articulam, indicando uma efetividade de pensamento e aproximando os terrenos da estética e da política como propôs Rancière.

2.2 Breves considerações sobre horizontalidade, liderança e reconhecimento

Rancière oferece ainda mais uma possibilidade de exercício a partir do seu pensamento sobre a *estética na base da política*. Ao justificar a elaboração do seu livro, situando-o dentro de um longo trabalho que visa restabelecer as condições de inteligibilidade de um debate, o autor afirma (2005, p.16-p.17): “É um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência.”

⁵³ Mais informações sobre a Casa do Povo em <https://casadopovo.org.br/>. Mais informações sobre a Documenta de Kassel em <https://select.art.br/documenta-15-repensa-a-arte-por-meio-da-coletividade/>. Sobre a Documenta de Kassel, destaco (NUNES, 2022): “Práticas educacionais, modelos econômicos regenerativos e o papel da arte na mobilização social são os pilares que o ruangrupa – coletivo indonésio à frente da direção artística nesta edição – mobiliza tanto na exposição, em seu formato tradicional, como em atividades em escolas, universidades, bancos e hospitais de Kassel, além de promover programas públicos com enfoque social”.

Tempo e espaço, visível e invisível, palavra e ruído. Ao falar da política como forma de experiência, Rancière se aproxima de Larrosa (2015) e das considerações que já trouxemos a respeito do encontro entre ato estético e ato político assumindo novas interfaces. Uma delas é exatamente enquanto forma e Peter Pál Pelbart (2019) é mais um autor que pode auxiliar nessa discussão.

Sobre este tema, Pelbart é *assombrosamente*⁵⁴ certo quando afirma (2019, p. 117, grifo nosso): “É claro que a natureza dos protestos aponta para uma nova gramática política, na qual a *forma* é já parte do sentido. A horizontalidade e a ausência de centro ou comando nas manifestações dramatizaram outra geografia do poder”. Pelbart faz esse comentário tendo as Jornadas de Junho como horizonte, mas é plenamente possível estendê-lo até as ocupações dos secundaristas, haja vista o diálogo entre os dois movimentos e sua proximidade temporal.

Nesta nova geografia, um território inóspito a explorar dentro da gramática política: a questão do protagonismo. As ocupações acirraram o debate sobre quem são (ou podem ser) os novos protagonistas da cena política através de uma equação difícil de entender para alguns: a recusa das lideranças ou a diminuição da importância que isso tem. Característica atendida aos movimentos coletivos semelhantes acontecendo no mundo inteiro (a relação com o global) e de efeitos singulares (a relação com o local) se pensarmos como a política no Brasil é amparada em personalidades de longuíssima carreira (as famílias historicamente envolvidas na política, os chamados “caciques” e etc...).

Peter também toca nesse assunto ao destacar em seu artigo a busca dos repórteres para identificar os manifestantes do Movimento Passe Livre (MPL) e a resposta recebida de uma militante: “Anota aí, eu sou ninguém” (p.119), uma declaração sintética e muito simbólica. O mesmo posicionamento foi visto na postura dos estudantes das ocupações, onde a ênfase no coletivo se sobrepunha à identificação personalizada, ao apontamento de lideranças e à associação com bandeiras partidárias.

Como desdobramento desse debate, também vem a ideia sobre quem está “autorizado” a fazer e falar de política atualmente porque as ocupações trouxeram para o centro do movimento uma juventude sem experiência de militância, sem leitura dos clássicos, sem domínio dos termos da cartilha militante a respeito do socialismo, comunismo, anarquia. Algo que os quadros mais tradicionais da luta política de esquerda (partidos e movimentos estudantis institucionalizados) também não souberam entender, já que, historicamente, a *expertise* sobre isso costuma(va) ser deles. Daí um certo espanto e um certo ciúme.

⁵⁴ Destaque do termo para fazer uma brincadeira com o título de seu livro *Ensaio do Assombro* (2019).

Um bom observador com leve tom de deboche talvez perguntasse: pode participar dessa brincadeira sem ter lido Marx e sem apresentar o certificado de participação em congresso estudantil? Mais uma vez retomamos Larrosa (2015) para apontar que a experiência vivida desses estudantes com suas escolas e todos seus atravessamentos (a família, o mundo do trabalho, a cidade, a violência urbana e toda a precariedade em torno disso) configuram um repertório suficientemente político, uma vez que, como já apontamos, o político é múltiplo.

Este parece ser mais um dos efeitos da relação entre as ocupações e as redes sociais. Fernanda Castilho e Richard Romancini (CASTILHO, ROMANCINI, 2017) abordam o tema no artigo *“Como ocupar uma escola? Pesquisa na Internet!”: Política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil*. Os autores investigam o papel das mídias como espaço de mobilização da juventude e destacam a intersecção entre cultura popular, engajamento afetivo e luta política na análise do conteúdo produzido pelos estudantes das ocupações e publicado no Facebook.

Interessante pensar na pluralidade dessa intersecção. Se as redes sociais partem principalmente da ideia do indivíduo (sua identidade, interesses, forma de expressão, lugares freqüentados, preferências) e mecanismos de reforço e recompensa em torno da individualidade (o sucesso de alguém traduzido em números de *curtidas* e *seguidores*), é esse mesmo ecossistema que cria condições para o surgimento de alguns movimentos onde a coletividade (e não a pessoa) é a protagonista. E seguimos pensando: o que essa recusa ao protagonismo quer dizer?

Não estamos dizendo que o protagonismo e a liderança (ou o desejo por ela) estão mortos nos movimentos políticos. Embora as manifestações de 2013 tenham instaurado uma crise de representatividade em diversos setores políticos, as eleições recentes no Brasil são um retrato forte de que isso está mais aquecido do que nunca permitindo, inclusive, a ascensão de muitos novatos e aventureiros. Nosso destaque aqui é para o fato da coletividade existir enquanto força política, materialidade, amplitude e visibilidade, onde as ocupações figuram como um excelente exemplo. Outro efeito disso, ainda pequeno, mas importante, é o crescimento de candidaturas coletivas nas eleições.

Retomando outro aspecto já mencionado, há a dificuldade – vinda de outros grupos tradicionais da política - de entender um movimento sem lideranças. Surge, então, a necessidade de nomeá-las, e Pelbart fala disso ao continuar o comentário sobre o MPL (2019, p. 119):

[...]“Anota aí, eu sou ninguém”, dizia uma das militantes do grupo, com a malícia de Odisseu, mostrando como certa dessubjetivação é uma condição para a política hoje – Agamben já o dizia, os poderes não sabem o que fazer com a “singularidade qualquer”, com aqueles que mal têm um nome, por exemplo, aquele homem solitário e anônimo que interrompeu uma fileira de tanques na praça Tiananmen anos atrás: quem era ele, quem ele representava, como lutar contra o risco de que qualquer um possa virar um insurgente? (Daí a pressa em encaixar os manifestantes em uma categoria.) [...]

Temos dois exemplos bastante ilustrativos dessa pressa. Juntando o que não sabemos dizer se foi incapacidade, falta de vontade ou intenção deliberada de parecer não compreender os novos movimentos protagonizados pela juventude e mais a recusa da recusa à liderança, as revistas *Veja* e *Carta Capital*, embora representem (teoricamente⁵⁵) ideologias políticas distintas, estavam juntas na necessidade de apontar seus “rostos”, como podemos ver e rever nas capas abaixo:

Figura 15: Capa da Revista *Veja* de fevereiro de 2014



Fonte: *Veja*, 2014.

Figura 16: Capa da Revista *Carta Capital* de novembro de 2016

⁵⁵ Destaque para o termo *teoricamente* porque, apesar de suas posturas políticas distintas (conservadorismo x progressismo), sob outros pontos de vista podem estar bastante alinhadas. A Revista *Carta Capital*, por exemplo, não hesitou em usar termos machistas ao se referir à figura da advogada e ex-deputada federal Janaina Paschoal.



Fonte: Revista Carta Capital, São Paulo, ano XXII, n. 925, nov. 2016 (TRUFFI, 2016).

A ativista Elisa Quadros, mais conhecida como “Sininho” graças à visibilidade da Revista Veja (2014), foi catapultada à “liderança” dos black blocs nas manifestações de 2013. Há um debate no qual não entraremos, mas que vale mencionar: é tênue o limite entre seu desejo pessoal de um protagonismo nas manifestações de 2013 (obviamente, sem imaginar seus desdobramentos) e a fabricação da personagem de uma narrativa midiática interessada e interesseira da principal revista do país. Uma matéria do Observatório da Imprensa intitulada *Sininho, criadores e criatura*, de Rafael Cazé (CAZÉ, 2014), aborda bem o tema.

O quanto do desejo de Elisa em ocupar esse lugar não é possível (nem necessário) precisar. Seja de que tamanho for, talvez ele nem existisse se ela soubesse dos seus impactos. A jovem produtora de classe média, formada em Cinema, viu sua vida desmoronar após sua popularidade extrapolar o estrelato político e virar uma perseguição jurídica, policial e psicológica, vivendo à sombra de ser condenada por crime político, fruto de muitos interesses (entre eles, o midiático) em definir a narrativa das manifestações de 2013 e 2014.

Enredo que piorou muito com a morte do cinegrafista Santiago Andrade em fevereiro de 2014 e que forneceu o álibi perfeito para a sanha midiática em associar, simplificando, as manifestações à depredação, vandalismo e violência. O assunto se transformou num tsunami midiático que não poupou nem a então Presidenta Dilma Rousseff.

Elisa não estava envolvida diretamente na situação em que Santiago foi atingido por um rojão, mas, como se transformou na “cara” das manifestações e ofereceu ajuda jurídica aos dois jovens envolvidos na situação (Fabio Raposo Barbosa e Caio Silva de Souza⁵⁶), sentiu fortemente seus efeitos. Em 2014 ela foi presa durante um protesto e enquadrada na lei referente ao crime organizado. Posta em liberdade em agosto do mesmo ano, desapareceu da vida pública e lidou com as sequelas psicológicas da perseguição política feita a ela⁵⁷.

Em 2023, Elisa voltou a ser notícia com o apelido que a projetou. Trabalhando com marcenaria, ela vivia em Lumiar (região serrana do Rio de Janeiro) com Luiz Carlos Rendeiro Junior (mais conhecido como o ativista Game Over que ela conheceu na época das manifestações) e seus três filhos (dois do casamento anterior dele e um biológico). Elisa foi surpreendida pelo suicídio do companheiro em março deste ano e voltou a ser citada pelos jornais. Em sua página do Instagram (@elisaquadros) ela fala um pouco da sua vida, das memórias, das dores do luto e da força que vem do seu filho, recebendo mensagens de apoio de alguns amigos. Além disso, ela lida também com os comentários que ainda recebe do seu tempo de militância⁵⁸.

Cerca de 2 anos depois, Ana Júlia também foi alçada à liderança de um movimento por uma revista. Seu percurso, contudo, seguiu um caminho bem diferente como já falamos algumas vezes e voltaremos a falar mais adiante. Os efeitos de ter seu rosto estampado e apontado como a “cara” de um movimento não impactaram sua reputação de forma negativa. Pelo contrário: a capa da Carta Capital (e o tom da chamada e da matéria) incrementou uma trajetória formada por muitos elementos que culmina na eleição de Ana Júlia para um cargo político e representa uma forte ressonância, entre outras, das ocupações dos secundaristas.

Os dois exemplos das capas e das figuras e trajetórias de Elisa e Ana Júlia se encaixam na reflexão que estamos fazendo sobre querer ou recusar um lugar de protagonismo de movimentos cuja bandeira é o coletivo, a horizontalidade e a ausência de lideranças. É claro que não podemos deixar de considerar que entre o discurso e o fato existem distâncias. A bandeira da ausência de lideranças, muito presente no discurso dos ocupas, está mais para a reconfiguração da ideia de liderança (talvez mais descentralizada ou praticada de forma mais coletiva) do que uma ausência de lideranças propriamente dita. Afinal, é bastante difícil

⁵⁶ Sobre a atualidade do julgamento, foi marcado para dezembro deste ano o júri popular sobre o caso.

⁵⁷ Entrevista de Elisa para o site Outras Palavras disponível em: < <https://outraspalavras.net/entrevistas/meu-nome-nao-e-sininho/> > Acesso em: 20. mar. 2023.

⁵⁸ Na postagem no Instagram em que Elisa comunica a morte do companheiro, Vanessa Andrade, filha do cinegrafista Santiago Andrade, comenta: “E viva seu companheiro. No final, tudo valeu de que, não é mesmo? Nove anos depois, se vai seu grande amor. E vc será só mais uma viúva, como minha mãe também é. Meus sentimentos.”

imaginar as ocupações sem pessoas ou grupos que tenham capitaneado o movimento. E sobre o protagonismo e seu aspecto íntimo, só podemos especular: jamais conseguiremos saber se no fundo há sim um desejo de querer ocupar esse lugar e o quanto desse desejo individual é sublimado por um discurso coletivo que nega essa posição⁵⁹.

Todavia, no momento em que duas revistas de projeção nacional transformam a dúvida em fato - por seu próprio interesse em dominar a narrativa - esse é um efeito que escapa do indivíduo e assume outras proporções. A dimensão disso está diretamente associada ao poder de impacto desses veículos midiáticos na opinião pública de diferentes correntes políticas. O que, no caso de *Veja* e *Carta Capital*, é muito grande. Um poder que passa a fazer parte do circuito de visibilidade do movimento e o retroalimenta, influenciando (junto a outros fatores) suas direções, sua narrativa, sua memória e sua inscrição na história.

A observação das duas capas levanta questionamentos difíceis de responder. A ideia não é assemelhar os dois movimentos (as manifestações de 2013 e as ocupações de 2016), mas sim pensá-los enquanto integrantes de uma nova safra de movimentos políticos capitaneados pela juventude e inscrevendo outra geografia do poder, como disse Peter Pál Pelbart (2019).

Pensamos algumas coisas: será que a diferença entre as mensagens das duas capas (representadas pela foto, pelo enquadramento, pela frase de efeito, pelo subtítulo, tudo detalhadamente escolhido – como sabemos que é feito – para induzir uma leitura) se resume apenas à distinção entre suas filiações políticas?

Há uma grande diferença de faixa etária entre as duas “eleitas” (Elisa, 29 anos, e Ana Júlia, 16). Parece uma informação boba, mas ela está aqui para pensar se a “aura” em torno de um movimento político protagonizado por uma juventude tão precoce o coloca como mais “admirável”, mais “puro”, mais “legítimo” (ou mais “inofensivo”⁶⁰, para retomar a discussão que fizemos sobre os cartazes).

Características que, estendidas, podem levar a pensar se isso justificaria uma maior “simpatia” pelas ocupações dos secundaristas e explicaria, em parte, o tom acusatório da capa da *Veja* e o tom autorizante da capa da *Carta Capital* (reforçados pela diferença das

⁵⁹ Complexifica esse debate o fato de Ana Júlia que, durante as ocupações, corroborava o discurso de ausência de lideranças e em seu site pessoal (referente ao seu atual mandato como deputada estadual) descrever-se da seguinte forma: “Ei, lembra de mim? Em 2016, fui uma das **líderes** da ‘Primavera Secundarista’, o movimento que ocupou mais de 850 escolas do Paraná para protestar contra o sucateamento do Ensino Médio. Na época, encarei pela primeira vez os deputados da Assembleia Legislativa, fazendo um discurso que rodou o país e o mundo”. (ANA JULIA RIBEIRO, 2023).

⁶⁰ Percebam que na foto da *Carta Capital*, Ana Júlia está de uniforme escolar e que a chamada da capa se refere a ela como “menina”, numa referência direta a sua idade.

expressões faciais na foto de cada uma)? Ou será que pode ter havido, de fato, uma mudança geral de interpretação sobre os movimentos no pequeno transcorrer de tempo que os separa e que coincide com um período de intensa efervescência do cenário político no Brasil?

Não vamos nos alongar muito nessa análise porque as nuances dela são muitas. O que queremos destacar com esse exercício é que um novo modo de fazer política surgiu em um contexto de engrenagens muito complexas e de muitos atravessamentos, aproximando elementos aparentemente contraditórios e distanciando categorias tradicionalmente afins, compondo um cenário de difícil leitura e de interpretações apressadas.

Na composição desses novos arranjos, a vibração de 2013 percorreu caminhos e descaminhos que, de alguma forma, desembocaram nas ocupações. Num intrincado jogo de combinações entre acasos e intenção, tempo e espaço, visível e invisível, palavra e ruído, os secundaristas elevaram a complexidade do debate provocado por Rancière (2005) e Larrosa (2015) sobre o que está em jogo na política como forma de experiência e quais são as leituras possíveis diante disso. Seguiremos por mais algumas delas a partir de agora.

2.3 Ocupações como relatos de espaço e lugar praticado

Como já dissemos algumas vezes, as ocupações estão na esteira da irradiação das manifestações de 2013. Amplamente divulgadas nas mais diversas mídias, das hegemônicas ao circuito independente, a imensa visibilidade das Jornadas de Junho de 2013 certamente não passou despercebida pelos espectadores jovens que viriam a ser os secundaristas ocupando as escolas 2 ou 3 anos depois (em 2015 e 2016). A proximidade temporal entre os dois movimentos é pequena e o “gigante” que “acordou” era grande o suficiente para ter deixado alguma lembrança na sala da casa de muitas famílias.

A menção a junho de 2013, como em outros momentos desta tese, vem para destacar mais uma característica relevante na nossa discussão, em torno da ideia de espaço: enquanto as chamadas Jornadas de Junho retomaram a pauta da rua como arena de protesto, as ocupações dos secundaristas tiveram como foco outro espaço: as escolas públicas. Rua e escola foram espaços complementares de uma forma de protesto até então inédito no Brasil.⁶¹

⁶¹ Destacando aqui que o ineditismo tem a ver com a combinação dos dois elementos e com o perfil do público envolvido. As ocupações são uma forma de protesto bastante comum no Brasil e, especificamente na pauta da educação, estavam associadas em sua maioria (até então) à ocupação dos espaços das universidades públicas por estudantes de uma faixa etária maior. Essa questão foi abordada na dissertação (COSTA, 2017).

É neste sentido que pensar o espaço assume diversas camadas de importância e inspira uma série de reflexões.

É mais uma vez Michel de Certeau *inventando o cotidiano* (2014) que nos provoca, agora com as suas considerações sobre relatos de espaço e sua constituição em um lugar praticado através dos usos. Não nos interessa tanto a diferença entre espaço e lugar, distinção que costuma aparecer nos debates da geografia, nem a definição e caracterização exata das duas categorias. O que queremos destacar é a relação entre este espaço, seus sujeitos, suas práticas e alguns efeitos da experiência das ocupações nisso tudo.

Vamos começar por algumas coisas que Certeau, bom observador do cotidiano e investigador curioso do não óbvio, nos diz. Ele parte das experiências lingüísticas do cotidiano para apresentar as ideias de mapas, percursos e relatos, entendendo que estruturas narrativas têm valor de sintaxes espaciais (CERTEAU, 2014, p. 182) e que as ações narrativas configuram práticas organizadoras de espaço (CERTEAU, 2014, p. 184). Certeau diferencia as formas de narrar um espaço através das categorias mapas e itinerários, associando à primeira as ideias de estabilidade, de posições demarcadas, fixas, de ordem, de uma “descrição redutora totalizante das observações” (CERTEAU, 2014, p. 187).

Podemos narrar uma escola como um mapa⁶²: as salas de aulas e o formato de sua organização, os laboratórios, as salas dos professores, os banheiros dos alunos, os banheiros dos professores, os refeitórios de cada grupo, o auditório, as quadras esportivas, a biblioteca. Cada coisa tendo o seu lugar fixo e uma espacialidade determinada por lógicas de hierarquia.

Diz Certeau que “todo poder é toponímico e instaura a sua ordem de lugares dando nomes” (CERTEAU, 2014, p. 198). Uma escola é um ótimo exemplo para observar uma série de permissões e interdições espaciais que marcam bem as posições hierárquicas porque “[...] não existe espacialidade que não organize a determinação de fronteiras” (CERTEAU, 2014, p. 191).

Em oposição ao mapa, Certeau apresenta o relato como uma forma narrativa associada à ideia de itinerário ou percurso. Diz ele: “onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia” (CERTEAU, 2014, p. 197). Entendendo o itinerário como uma série discursiva de operações, ele afirma “[...] os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço.” (CERTEAU, 2014, p. 189).

Certeau faz uma recuperação histórica de práticas sociais de demarcação e estabelecimento de fronteiras e pontes onde o relato sobre determinado espaço cumpre um

⁶² Trabalhei com essa ideia na dissertação (COSTA, 2017). Através de uma foto aérea do Cairu, criei uma espécie de mapa para apresentar de forma espacial seus 14.000m². Retomo a ideia para aprofundar a discussão.

papel de fundação ou autorização. Ele cita também tradições da Índia antiga e de Roma que consistiam em operações narrativas figurativas antes de ações como tomadas de território ou conflitos militares: “A ação ritual se efetua antes de toda ação civil ou militar porque se destina a criar o campo necessário para as atividades políticas ou bélicas” (CERTEAU, 2014, p. 192).

Esta operação representaria, então, uma espécie de base mística que asseguraria o sucesso da ação efetiva. E acrescenta: "Eis aí precisamente o primeiro papel do relato. Abre um teatro de legitimidade a ações efetivas. Cria um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes". (CERTEAU, 2014, p. 192)

Certeau (2014, p. 192) analisa também algumas características da evolução desse processo no decorrer do tempo: o relato como base fundadora de uma apropriação vai se constituindo numa forma disseminada (deixa de lado um formato único e se caracteriza pela diversificação dos meios sociais e pela heterogeneidade de “referências autorizantes” no estabelecimento de demarcações ou iniciativas), miniaturizada (de ação não mais nacional e sim localizada em grupos sociais) e polivalente (variando de acordo com os usos dos grupos sociais).

A partir disso, ficamos inspirados a olhar para as ocupações também como narrações organizadoras de (outro) espaço, onde o relato assume seu papel de travessia e a escola aparece como um (outro) lugar praticado. Brincando com as definições de mapa e itinerário propostas por Certeau (2014), o movimento dos alunos desafia posições e papéis sociais cristalizados e propõe o atravessamento dos modos de fazer que constituem a escola (e dos quais, muitas vezes, eles não participam).

Durante a ocupação, a organização da escola foi transformada pelos estudantes através da mudança das funções dos espaços e da subversão das autorizações de acesso. Salas de aula viraram dormitórios e a “sagrada” e inacessível sala dos professores transformou-se num espaço coletivo de reunião de todos os participantes do movimento (no caso do Cairu, por exemplo). A cozinha teve a função mantida, mas o que mudou foram seus protagonistas: os próprios estudantes preparando a comida de todos, num importante exercício de coletividade provavelmente inédito até então.

A ocupação reconfigurou a escola como um outro lugar praticado através de ações e relatos de seus estudantes e das pessoas que foram visitá-la (e que tiveram a oportunidade de conhecer e confrontar essa experiência com a imagem do movimento divulgada pela mídia).

Experiência que serviu também para estimular outros relatos e dar visibilidade às demandas dos estudantes.

Há mais para pensar: numa ocupação que reorganiza a escola, fronteiras são transpostas. Isso assume um desdobramento político porque coloca em perspectiva os limites e os atores que possuem a prerrogativa sobre a organização desse espaço tão caro às juventudes por tudo que ele representa em sua formação. Levantam o debate sobre autoridade(s) e deixam, assim, extravasar uma contingência relacionada ao papel do estudante nesse espaço. Ficamos com a pergunta: será que a escola atual (e a educação como um todo) pode seguir deixando o aluno no lugar tradicional que ele ocupa?

A atuação dos estudantes, naquilo que trazem de contingência de outras práticas na escola, dialoga com o que Certeau (2014, p. 193) vai apontar do relato como uma fundação de uma nova base: “[...] existem relatos que “marcham” à frente das práticas sociais para lhes abrir um campo”. Podemos pensar a partir disso como as ocupações funcionaram como uma grande onda de relatos propagados. Recuperamos dois elementos fundamentais desse processo (já citados anteriormente), relacionados ao meio digital e de amplo acesso aos estudantes: o material do coletivo *O Mal Educado* (GRÊMIO LIVRE, 2015) sobre como ocupar uma escola e o documentário *A Rebelião dos Pinguins* (2007), de Carlos Pronzato.

Neste sentido, tanto esses dois materiais que precederam e estimularam as ocupações (de acordo com inúmeros relatos e entrevistas feitas com os estudantes), como os inúmeros registros sobre elas que já mencionamos configuram uma espécie de ecossistema de relatos se retroalimentando o tempo todo. Os registros, especialmente, são relatos contingentes que continuam afetando fronteiras por onde passam.

A força dos relatos nesse movimento, incrementada pela possibilidade de compartilhamento oferecida pelas redes sociais, nas quais a juventude (e a sociedade como um todo) está imersa, engrossam a marcha a qual Certeau se refere. Marcha no sentido de direção, de força, de deslocamento de fronteiras e de provocação de um novo campo.

Pensar as ocupações através das reflexões de Certeau sobre relatos e espaço aponta para as muitas imbricações entre juventude, tecnologia e política que são características da contemporaneidade, e também remetem ao olhar de Rancière para a política (2005, p.16-17): “A política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo”.

As ocupações das escolas foram movimentos também de força espacial, no sentido mesmo de espaço organizado e da narratividade sobre ele, realizadas em uma conjuntura de forças políticas que se apresentaram como o possível do tempo, mostrando, assim, mais uma proximidade entre Certeau (2014) e Ranciere (2005). Esse protagonismo assumido pelos estudantes traz uma série de interpretações que estamos investigando e também permite aprofundar a discussão sobre credibilidades políticas que vamos propor em breve.

Antes disso, porém, Certeau é incansável e aceitamos mais uma provocação. No entendimento do relato como travessia está também presente a ideia de movimento, de deslocamento. Se o relato fala de itinerários e de percursos, está junto a isso o fato dele alterar limites e promover um entrelugar (o limite entre o “novo” e o “antigo”), num brincar de fronteiras próprio do que se move e que Certeau chamará de forma delinquente (2014, p. 198):

Se o delinquente só existe deslocando-se, se tem por especificidade viver não à margem, mas nos interstícios dos códigos que desmancha e desloca, se ele se caracteriza pelo privilégio do *percurso* sobre o *estado*, o relato é delinquente. A delinquência social consistiria em tomar o relato ao pé da letra, tomá-lo como o princípio da existência física onde uma sociedade não oferece mais saídas simbólicas e expectativas de espaços a pessoas ou grupos, onde não há mais outra alternativa a não ser o alinhamento disciplinar e o desvio ilegal, ou seja, uma forma ou outra de prisão e a errância do lado de fora. Reciprocamente, o relato é uma delinquência em reserva, mantida, ela mesma deslocada no entanto e compatível, nas sociedades tradicionais (antigas, medievais etc.) com uma ordem firmemente estabelecida mas suficientemente flexível para deixar proliferar essa mobilidade contestadora, desrespeitosa dos lugares, sucessivamente obediente e ameaçadora, que se estende das formas microbianas da narração cotidiana até as antigas manifestações carnavalescas.

Penso nisso que Certeau traz e nos usos do senso comum para a ideia de delinquência (e da sua costumeira associação à juventude, geralmente praticada pela mídia hegemônica). Uma curiosidade: uma pesquisa rápida de imagens no Google para o termo delinquente apresenta como resposta várias matérias associadas à educação dos filhos do tipo “o que fazer para não ter um filho delinquente” ou, o contrário disso, “como tornar seu filho um delinquente” (para a surpresa de ninguém, uma página religiosa dá como dica não oferecer educação religiosa até os 21 anos).

Percebo a atualidade dessas reflexões trazidas por Certeau ao lembrar algumas fotos icônicas das ocupações de São Paulo. Uma estudante disputando com a polícia uma cadeira da escola e a transformação de uma faixa de pedestres em “sala de aula”. O tanto de mobilidade contestadora, desrespeitosa, obediente (em algum momento, há a necessidade de obedecer à polícia, não tem jeito...) e ameaçadora que há nessas imagens. Vale de novo a reflexão: quem tem a disposição para interromper o fluxo de avenidas de uma cidade como São Paulo e

enfrentar a polícia para isso (como já mencionamos no primeiro capítulo), é movido por qual espécie de energia?

Figura 17: Protesto dos estudantes secundaristas em São Paulo



Fonte: Comitê para a abolição das dívidas ilegítimas (BIVAR, CARMO, 2016)

Figura 18: Protesto dos estudantes secundaristas em São Paulo



Fonte: El País (BETIM, ROSSI, 2015)

Recordo também, neste momento, as músicas cantadas pelos estudantes presos que aparecem no documentário *Espero tua (re)volta*, também já citadas. A força de todos esses relatos e o tanto que carregam de travessia e de mobilidade nos faz pensar que se esses estudantes ocuparem o futuro como ocuparam as escolas, há uma delinquência maravilhosa despontando no horizonte.

2.4 Novas referências e credibilidades políticas

Seguimos com Certeau, recuperando um termo usado há alguns parágrafos para transmutá-lo e relacioná-lo a outro. Ao tratar das questões das ações efetivas praticadas pelos grupos sociais, cujo relato é parte fundante, uma das características apontadas por ele diz respeito a sua forma disseminada (e não mais única). Uma legitimidade antes fortemente apoiada na ideia de espaço nacional sofreu o impacto de uma diversificação dos meios sociais e teve, como efeito, o aparecimento de outras “referências autorizantes” para os relatos. Ou seja, um circuito de legitimidade e credibilidade foi afetado.

É sobre essas referências autorizantes e credibilidades políticas que queremos falar um pouco mais a partir de agora, com o intuito de incrementar as condições de inteligibilidade de um debate, recuperando a proposta de Rancière (2005). Insistimos no tema porque acreditamos, como já afirmamos em outra parte deste capítulo, que uma das questões trazidas pelas ocupações, e uma das suas forças enquanto relato e narração organizadora, tem a ver com as condições e desejos de um outro tipo de protagonismo político (e a órbita em torno disso).

Começamos falando um pouco sobre a questão da credibilidade. No capítulo sobre esse tema, Certeau (2014) vai fazer uma breve análise de um processo histórico onde crenças centrais deixaram de organizar práticas com a mesma força de antes. Tomando a igreja e a política como foco, ele diz que por muito tempo houve uma ideia de reservas de crenças, ou seja: as crenças existiriam por si mesmas, como recurso inesgotável, apoiadas em grandes estruturas de um simulacro de credibilidade onde religião e política se alternaram no decorrer dos tempos numa espécie de tráfego (e, por que não, tráfico?) entre as duas. Diz ele (CERTEAU, 2014, p. 252-253):

Essas “conversões” consistiam em captar a energia crente transportando-a. Aquilo que não era transportável, ou ainda não fora transportado, para as novas regiões do progresso era visto como “superstição”; o que era utilizável pela ordem vigente ganhava o valor de “convicção”. O reservatório era tão rico que, explorando-o, esquecia-se da necessidade de analisá-lo. Campanhas e cruzadas consistiam em “colocar” a energia do crer num lugar bom e em objetos bons (de crer).

Num longo processo de esgotamento (da forma como era até então), o efeito deste vai e vem, de acordo com Certeau, foi a individualização das crenças (com os quadros de referências se fragmentando em “opiniões” ou convicções pessoais) e sua pulverização numa

rede diversificada de objetos possíveis⁶³. E, como efeito desse processo, uma espécie de disputa entre quem (ou qual instituição) poderia falar em nome do real.

Atualizando o debate, Certeau vai apresentar a ideia da mídia como a “fiadora” da realidade, munida de uma overdose de informações sobre o real. Diz ele que o “real tagarela” (2014, p. 259) e que todo aparato midiático se esforça para fabricar um “real” produzindo o inverso da equação: se antes era preciso ver para crer, a engrenagem atual fabrica o crer de saída. Estão aí nessa esteira também a publicidade e a representação política. Certeau escreveu isso na década de 80 parecendo antecipar a força das redes sociais e seus efeitos em diversos aspectos na vida da sociedade atual. Um princípio do debate que hoje culmina nas fake news e na inteligência artificial, como já mencionamos.

Talvez não fosse possível prever porque, obviamente, um cenário de forças múltiplas é antecipável por fragmentos (e não na sua completude), a complexa relação entre redes sociais, disputas narrativas, movimentos políticos de extrema direita culminando num reaquecimento colossal da religião nesse processo em várias partes do mundo. A força que a religião evangélica assumiu nos últimos anos, principalmente no Brasil, associada à sua excelente performance na política mostra como há ainda um potente reservatório de crenças a ser explorado e (re)aquecido num contexto que não é nada simples de explicar.

Voltando ao debate que propomos, vamos retomar as ideias de referências autorizantes e credibilidades políticas para falar das ocupações dos secundaristas no que elas carregam da relação entre tecnologia, juventude e política. Um movimento como as ocupações, no formato e força com que ocorreram, mostra a relevância dessa associação. E essa relevância apresenta muitas dimensões.

Atualmente é quase uma relação direta: juventude e tecnologia. Significa dizer que um movimento político em que o jovem é protagonista provavelmente passará por essa associação, tornando difícil o rastreamento de causas e efeitos. Temos dificuldade em apontar se a juventude faz uso da tecnologia para potencializar seus movimentos políticos ou se a comunicação que temos hoje, via redes sociais, é que impulsiona os movimentos.

É um exercício interessante pensar qual gatilho teria disparado as ocupações se os estudantes não tivessem a facilidade de acesso ao documentário de uma revolta estudantil de amplas proporções no Chile e a um documento com instruções sobre como ocupar uma escola. Não que esse acesso tenha sido determinante e/ou fundamental, mas sua influência é

⁶³ Também abordei esse assunto de forma breve na dissertação (COSTA, 2017), fazendo referência à ênfase dos estudantes em não associar às ocupações aos partidos políticos.

inquestionável. Talvez mais importante que identificar quem influencia quem, seja admitir que esses efeitos se retroalimentam o tempo todo.

É por meio desse debate que pensamos nas redes sociais (e todo seu aparato de acesso, visibilidade, influência e alcance) como uma referência autorizante dos tempos atuais. E, como deságue desse processo, outros afluentes de credibilidade política surgem nesse cenário. Estão nisso o posicionamento de algumas figuras públicas, a relação da política com a cultura pop, a construção de alguns “personagens” políticos e algumas características de todo esse ecossistema.

Vamos falar disso um pouco começando pelo apoio importante que as ocupações receberam da classe artística. Nomes como Tico Santa Cruz (do grupo de rock Detonautas), Clarice Falcão (cantora e atriz), Teresa Cristina (cantora), Leandra Leal (atriz) e Paolla Carosella (chef de cozinha) foram algumas figuras públicas, entre muitas, que manifestaram apoio visitando as escolas ocupadas ou usando suas redes sociais para apoiar o movimento.

Na ocupação do Cairu, Tico Santa Cruz, Teresa Cristina e Clarice Falcão participaram de um festival cultural organizado pelos alunos e por produtores musicais favoráveis à ocupação. Clarice Falcão, muito popular entre os jovens, causou um alvoroço nos estudantes que quase não acreditaram na presença da cantora no pátio de uma escola da zona norte do Rio de Janeiro. Além da relação entre artista e fã, a presença dessas figuras públicas, como claro sinal de apoio, engrossou o caldo da legitimidade do movimento na perspectiva dos estudantes. Assim como os muitos registros e desdobramentos artísticos que já mencionamos em outro momento.

Paolla Carosella, especialmente, causou um efeito midiático intenso ao cozinhar para os estudantes da escola Fernão Dias Paes, em São Paulo, no bairro Pinheiros (uma ocupação de alta visibilidade localizada num bairro de classe média alta). Uma matéria do site Globo.com⁶⁴ destacou o efeito de sua visita na página da ocupação no Facebook: em cerca de 12 horas, a imagem tinha mais de 25 mil curtidas e 7 mil compartilhamentos.⁶⁵

Numa sociedade em que curtidas e compartilhamentos se transformaram numa das principais métricas, alcançar um desempenho numérico satisfatório inscreve qualquer movimento (aqui no caso, as ocupações) num grande circuito de visibilidade e legitimidade. É o tal do famoso termo “engajamento” (espontâneo ou não) perseguido por quem deseja se destacar nas redes sociais. É a moeda da vez.

⁶⁴ *Paolla Carosella cozinha em escola ocupada por estudantes em São Paulo* (MASELLI, 2015).

⁶⁵ Vale destacar que em 2015, o Facebook ainda era a rede social mais usada no Brasil.

Estendendo um pouco mais o assunto, pensar as ocupações e as referências autorizantes levanta uma questão de amplitude maior que ficou bastante visível nos anos mais recentes, pós-ocupações (especialmente no ano de 2022, marcado pelas eleições): a relação entre a política e o mundo pop. Nos muitos desdobramentos que esse debate pode assumir, voltamos a Rancière (2005) para falar de “quem tem competência para ver e qualidade para dizer”. Ou melhor, vamos transformar numa pergunta: quem tem competência para ver e qualidade para dizer alguma coisa sobre política atualmente?

Vamos dar o pontapé nesta reflexão partindo do mundo da música. Quando falamos de música de protesto, ainda são muito fortes as canções e os artistas do período da ditadura militar. É quase certo uma manifestação política com músicas de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil. E é evidente que o posicionamento político desses artistas ainda é muito relevante. Suas posições como referências autorizantes são inquestionáveis e a credibilidade que construíram ao longo de décadas como figuras públicas continua desaguando fortemente onde houver uma associação a eles.

Por outro lado, sabemos que uma parte da esquerda acadêmica e institucional torce o nariz com um certo ar de desprezo para os não-eleitos no circuito autoproclamado de credibilidade, seja este o circuito político, musical, artístico, entre outros... Podemos enxergar nisso um profundo caráter geracional (e de classe e, por que não, de gênero também). Um exemplo disso, entre muitos, é o grande debate de fundo da discussão sobre as diferenças entre o tipo de música que ganhou a etiqueta “autorizada e reconhecida” da sigla MPB e a música popular brasileira, de fato.

E falando em música popular, explodiu no Brasil nos últimos 20 ou 30 anos uma música considerada meio “incômoda”, meio “feia”, meio “barulhenta”, às vezes pornográfica, por vezes com denúncias explícitas, com temas diversos percorrendo do sexo à violência policial, vindo da periferia do Rio de Janeiro, com algumas letras “questionáveis” e de qualidade musical “duvidosa” no critério de julgamento do circuito eleito da legitimidade musical. Enfim: “um tal” de funk (ritmo muito ouvido e dançado pelas estudantes das ocupações porque é um estilo musical bastante popular entre os jovens de diversos recortes sociais)⁶⁶. O funk é música popular brasileira, mas não é MPB.

Cortamos para 2022, novamente, para uma figura pública chamada Anitta. Mulher, cantora, produtora, carioca da zona norte, que depois de muitos e muitos anos de trabalho no complicadíssimo mercado da música conquistou absoluto destaque internacional

⁶⁶ Todas as aspas deste parágrafo nas características atribuídas ao funk são para destacar o tom depreciativo que ainda é muito utilizado para se referir a esse estilo musical.

consolidando seu rebolado e sensualidade e fazendo com o que grande parte do mundo associe seu nome ao funk brasileiro. Anitta não é “cria” do funk, como costumam dizer, mas é ela quem está colocando o funk brasileiro em lugares do mundo aonde ele nunca foi, graças à crescente visibilidade mundial que a cantora vem construindo e conquistando.

As músicas da Anitta não têm cunho diretamente político. O funk que ela apresenta, entre as músicas pop do seu repertório, passa longe de um funk denúncia ou um funk protesto (porque, mesmo dentro do funk, também há um circuito de legitimidade, reconhecimento e credibilidade). Anitta não chega nem perto do mundo do RAP, esse sim um circuito musical marcadamente político (e infinitamente menor que o circuito pop). E, vale dizer, um circuito predominantemente masculino. Dá para dizer que Anitta é o “puro suco” do funk pop e essa pode ser uma das (muitas) explicações do seu enorme alcance: 64 milhões de seguidores no Instagram.

Em 2022, a cantora protagonizou embates diretos contra o ex-presidente Jair Bolsonaro, assumindo seu posicionamento político na acirrada disputa presidencial em um cenário onde muitos artistas de grande visibilidade preferiram não se manifestar. Se Anitta fez isso como estratégia de marketing, não sabemos. Resta também a dúvida do preço que uma cantora como ela pode pagar pelo seu posicionamento político (sabendo o quanto isso custa hoje em dia).

O que nos interessa desse fato é que sua manifestação política tem efeitos colossais diante do público (majoritariamente jovem). Seu apoio ao então candidato Lula foi explícito e de alcance mundial: Anitta foi a primeira brasileira a se apresentar na cerimônia de um dos prêmios mais importantes da música internacional (o Vídeo Music Awards, realizado pelo canal MTV, nos Estados Unidos), em agosto de 2022. Além de estar concorrendo na categoria Melhor Música Latina, em que também foi a primeira brasileira a vencer. Conquistas históricas e inéditas para a cantora e para a música brasileira.

Para a premiação e apresentação, Anitta usou figurinos vermelhos e declarou que a escolha da cor estava relacionada ao seu posicionamento político, numa referência direta à cor do Partido dos Trabalhadores. Ela inclusive chegou a declarar isso quando questionada sobre a inspiração para o figurino (ANITTA LATINA, 2022): “Estamos de vermelho aí né... Vamos lutar por uma melhora do Brasil”. No Brasil, neste mesmo dia, acontecia o primeiro debate presidencial entre Lula e Bolsonaro, na TV Bandeirantes. Nos meses seguintes, Anitta reforçou seu apoio à Lula e seguiu desafiando Bolsonaro publicamente.

No primeiro semestre de 2022, Anitta e outras figuras públicas apoiaram, através de suas redes sociais, uma campanha do Tribunal Superior Eleitoral (e outras similares promovidas por entidades não partidárias) pelo engajamento do voto jovem não obrigatório, entre 16 e 18 anos (FREITAS, 2022). O apelo da cantora foi destaque em muitos jornais e recebeu o nome de “Efeito Anitta”: de acordo com os dados do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, o número de jovens de até 17 anos que tirou o título de eleitor teve um aumento de 31% (cerca de 45.000 jovens) apenas no primeiro mês da campanha (G1, 2022).

Numa disputa presidencial que teve cerca de 2 milhões de votos de diferença, esse aumento é significativo. E corrobora a imbricada relação entre cultura pop, juventude, redes sociais e a política, em que o exemplo da Anitta é apenas um entre muitos. Números do próprio Tribunal Superior Eleitoral compõem a discussão sobre esse tema: o aumento do voto de jovens (da faixa etária não obrigatória) entre as eleições presidenciais de 2018 e 2022 foi de 52%, uma média de 600 mil jovens a mais. (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2022)

A despeito do debate sobre gosto, estética, qualidade musical, autorizações, credibilidades, circuitos e outras caracterizações, a reconfiguração das referências autorizantes dos nossos tempos atuais é um fato inegável. E fica a pergunta: com elementos do pop, a política é “menor” e seus efeitos são menos relevantes? É claro que a política não se resume a um resultado de uma eleição, mas aqui estamos retomando o debate proposto há algumas páginas sobre quem está “autorizado” a falar coisas importantes sobre política hoje em dia e a quem cabe os protagonismos. É sobre “quem tem competência para ver e qualidade para dizer” de Rancière (2005) aparecendo mais uma vez como provocação e como ressonância das ocupações.

Os meios pelos quais a credibilidade ecoa hoje em dia, no processo de pulverização observado por Certeau (2015) e que já mencionamos, são relações às vezes menos evidentes e menos diretas como as de outros momentos, mas, ao mesmo tempo, constituem vias de influências fortíssimas e de efeitos múltiplos num intenso cenário de disputa de discursos em que, não é exagero afirmar, as redes sociais têm um peso fundamental. Há muita gente dizendo muita bobagem, sabemos. Há também o perigo que reside no fato de todo mundo achar que precisa ter algo a dizer. Contudo, há também ideias e posturas respeitáveis disputando espaço neste mar de narrativas, vindo de pessoas que até pouco tempo atrás talvez não fossem sequer ouvidas.

Neste sentido, as redes sociais também assumem o papel de referências autorizantes e é difícil mapear onde são causa e efeito nesse processo. A iniciativa do TSE, mirando o

potencial de comunicação de figuras públicas da cultura pop e o efeito de seus discursos nas redes sociais, sinaliza o entendimento desse cenário. O resultado da campanha de engajamento do voto jovem não obrigatório reforça essa leitura.

Cabe pensar que as referências autorizantes de hoje em dia talvez passem por outros códigos que não tem tanto a ver com autoridade no sentido mais tradicional desse termo. Talvez faça mais sentido pensar em referências autorizantes no sentido de pares, de quem está junto naquilo em que se acredita. Efeitos potencializados, mais uma vez, pelas redes sociais tanto pela lógica de proximidade e interação que elas trouxeram, quanto pela percepção da quantidade (enorme) de pessoas que partilham as mesmas crenças ou pontos de vista.

Postura que, de certa forma, respinga no complexo debate sobre identidades. Em se tratando de juventude, e de um movimento político inédito organizado por ela, faz sentido falar em identidade porque muitos desdobramentos dessa pauta estavam presentes nas ocupações das escolas. Além de tocar tangencialmente na demanda desses jovens por uma escola que acolha mais as muitas coisas que eles são. Ou seja, que acolha mais suas identidades plurais.

Anitta não tem um histórico de militância política. Para boa parte desse país, ela é só uma cantora gostosa, cantando música de mulher gostosa usando sua bunda como recurso coreográfico, junto a muitas outras bundas e mulheres gostosas. Mas a mulher Anitta, além da cantora, defende a liberdade sexual, enfrenta um mercado masculino e machista, assume o controle da própria carreira, discute de igual para igual, manifesta publicamente sua insatisfação com o mercado da música, rompe com uma das gravadoras mais importantes do mundo, que a representou durante 11 anos, por não concordar com os termos do seu contrato (pagando uma multa milionária para isso), troca de parceiros, fala de vibradores, manifesta publicamente seu posicionamento político e segue sua vida.

Tudo isso tem a ver com quem a Anitta é e, em tempos de intenso debate feminista (uma pauta forte das ocupações, inclusive), sua credibilidade política repousa na sua identidade e a coloca num lugar de referência para muitos jovens. Vale dizer que a associação entre credibilidade e identidade não é nova. Muito esforço é dedicado - principalmente no atual regime visual e informacional - para que haja uma coerência (real ou fabricada) entre as duas. Nosso destaque é feito para as novas características dessa associação hoje em dia mediada pelas performances através das redes sociais e como isso tudo afeta a relação da juventude com a política.

Não prolongaremos o (delicado) debate sobre identidade, apesar da vontade e do fato dele despertar amores e ódios. Vamos observar de longe, no melhor modo esfinge, o argumento das identidades terem sido “cooptadas” pelo capitalismo e, por isso, fragmentaram as grandes lutas de classe (resistiremos também à vontade de problematizar se as lutas se restringem à classe).

O que queremos dizer neste momento é que as redes sociais complexificaram a relação entre referências autorizantes, credibilidades políticas e identidade. Anitta é um exemplo nesse cenário de uma figura pública da cultura pop cujo posicionamento e histórico - conectados ao desempenho nas redes sociais diante do público jovem - causaram efeitos políticos (ou seja: uma ressonância da influência do entretenimento na política)⁶⁷.

Há outras figuras, no entanto, para quem a política é o alvo e as redes sociais são o meio para isso. Além de imprimirem em suas performances virtuais uma espécie de desempenho que flerta com o entretenimento e com o espetáculo como vetores da credibilidade. É possível afirmar, inclusive, que sem as redes sociais essas figuras não teriam tanta força. No Brasil, há – infelizmente - muitos casos e a eleição de Jair Bolsonaro é um efeito disso. Mas a eleição de Bolsonaro fala muito de um público e eleitor adulto. Trazendo o recorte para o público jovem, Nikolas Ferreira representa outro exemplo.

Mineiro de 27 anos, ele começou sua “carreira” em 2016 como youtuber, conquistando a admiração da família Bolsonaro, de quem posteriormente foi (e é) intenso defensor. Nascido numa favela de Belo Horizonte, filho de um pastor evangélico, bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, alcançou ampla popularidade nas redes sociais com a divulgação de suas ideias e valores evangélicos associados também a outros temas como a defesa do impeachment da ex-Presidenta Dilma Rousseff.

A popularidade de Nikolas – absolutamente construída nas redes sociais – repousa na simpatia, identificação e apoio às suas pautas: “defensor da família” e da igreja, propagador de fake news, negacionista, contrário às medidas de isolamento social durante a pandemia de Covid, defensor de armas, autor de discursos transfóbicos, um “combatente” da “ideologia de gênero” nas escolas.

Sua declaração mais recente (até o momento) relaciona a homossexualidade não à “doença”, mas ao “pecado” e a “solução” para isso seria o “arrependimento” dos gays. Ele criticou o avanço da agenda LGBT como uma “imposição” e completou: “No Brasil, a coisa ainda não está tão ruim porque existe o fator chamado igreja, que é o último bloqueio para

⁶⁷ Sobre este tema, um dos melhores exemplos da atualidade é a trajetória do Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, que saltou da sátira política no entretenimento para a vida política, de fato.

que isso não inunde o país” (O ANTAGONISTA, 2023). Posturas que já renderam a ele processos e suspensão das suas contas. Politicamente identificado com a extrema-direita, Nikolas foi eleito vereador em 2021 pela cidade de Belo Horizonte e, nas eleições de 2022, deputado federal por Minas Gerais.

Pessoalmente, acho que alguém pode pensar o que quiser (inclusive que a terra é plana e que mamadeiras com o formato de pênis sejam distribuídas nas escolas, por exemplo). O surpreendente é que, numa época de acesso ilimitado a um fluxo gigante de informações, incrementado pelo potencial de comunicação das redes sociais (e todos os efeitos da sua influência), esses pensamentos assumam concretude enquanto discurso, encontrem eco e ressonância significativa e aglomerem uma quantidade expressiva de pessoas.

Os números de Nikolas Ferreira impressionam: foi o deputado federal mais votado do país nas eleições de 2022, com mais de um milhão de votos (seguido de Guilherme Boulos) e o mais votado da história de Minas Gerais (pelo Partido Liberal /PL, o mesmo de Jair Bolsonaro). Em abril de 2023, de acordo com a consultoria Genial/Quaest (TERRA, 2023), ele foi apontado como o deputado federal mais influente nas redes sociais. No Instagram, possui quase 9 milhões de seguidores⁶⁸. Na atual propaganda televisiva do PL direcionada ao engajamento dos jovens, ele é um dos protagonistas.

A essa altura do campeonato, já não deveria mais nos surpreender que um jovem adulto de 27 anos defenda todas essas ideias e tenha comportamentos (no mínimo) inadequados para exercer um cargo público num regime democrático (cargo para o qual ele recebe em torno de R\$ 40.000,00 de salário). A surpresa maior talvez esteja no tanto de gente que se identifica com suas ideias, vote nele para um cargo no Legislativo (o que é ainda mais grave) e se orgulhe disso publicamente. Nos comentários que recebe em seu perfil no Instagram, costumam aparecer declarações do tipo “esperando você vir para Presidente”.

Temos, mais uma vez, uma associação entre credibilidade e identidade, mas isso nos faz pensar nas tantas possibilidades da junção desse par hoje em dia e na delicadeza de falar sobre ética e moral no Brasil em tempos de redes sociais. Não queremos assumir a postura de “patinho feio”, caracterizando o Brasil como uma terra sem moral (ou de moral duvidosa) em relação aos outros países. Isso seria um desrespeito aos grandes nomes do nosso país e aos mais de 60 milhões de votos que elegeram Lula em 2022. Mas cabe perguntar em quantos países do mundo um homem no exercício de um cargo público foi gravado por uma emissora

⁶⁸ Uma curiosidade de seu Instagram (@nikolasferreiraadm): suas postagens são majoritariamente vídeos editados de suas performances na Câmara dos Deputados, seguidas de minúsculas frases de efeito. Não aparecem textos explicativos com teor ou informação política sobre os assuntos das pautas que ele defende na Câmara. Neste sentido, suas postagens parecem mais vídeos de humor de um personagem do entretenimento.

de televisão dizendo publicamente a uma colega – também exercendo um cargo público – que não a “estupraria porque ela não merecia”, não sofrendo nenhuma penalidade por isso? E o que é pior: este homem recebeu mais de 50 milhões de votos para Presidente da República e após 4 anos de um governo absolutamente desastroso, recebeu quase 60 milhões de votos para tentar um segundo mandato. O debate ético no Brasil é mais profundo que o pré-sal.

Retomando o que queremos resgatar aqui da discussão proposta, ou seja, como as ocupações das escolas públicas feitas pelos estudantes secundaristas levantaram o debate sobre referências autorizantes e credibilidades na política, observamos brevemente o impacto das redes sociais na construção disso e os muitos caminhos e nuances ao seu redor. Afinal, um universo quântico separa a credibilidade que elegeu Ana Júlia como deputada estadual no Paraná e a que elegeu Nikolas Ferreira como deputado federal por Minas Gerais. Em comum entre os dois está o fato de serem jovens de um tempo em que as redes sociais são causa e efeito, a depender de seus usos.

Como Ana Júlia exercendo um mandato no Legislativo é um dos efeitos da reverberação das ocupações dos estudantes na política, seguimos observando o delicado e múltiplo cenário político brasileiro. Esse mesmo cenário onde uma estudante que ocupou escola e discursou na Assembleia Legislativa foi eleita a deputada mais jovem de seu Estado, onde a juventude e o Tribunal Superior Eleitoral identificam numa cantora pop como Anitta credibilidade suficiente para impactar uma campanha eleitoral, onde um jovem youtuber transfóbico fortemente ancorado no discurso evangélico recebeu quase 1, 5 milhão de votos para deputado federal e onde pesquisas eleitorais de 2022 indicam um crescimento importante de jovens sem religião (CARRANÇA, 2022).

Escrevo essas linhas no mesmo dia em que Jair Bolsonaro é declarado inelegível até 2030 pelo Tribunal Superior Eleitoral, desenhando um cenário onde Nikolas Ferreira pode ser construído como um candidato a presidente nos próximos anos, se houver interesses (dele e nele) e fôlego para isso (sempre bom lembrar que personagens midiáticos podem aparecer e desaparecer na mesma velocidade)⁶⁹. Provável não é, mas – precisamos admitir – é plenamente possível. Engraçado seria (será?) se isso também estivesse no horizonte de Ana

⁶⁹ Essa ideia vem da popularidade de Nikolas Ferreira nas redes sociais e na mídia, somada a uma combinação de fatores que envolvem sua performance como um jovem atraente, bem vestido, evangélico, que faz uso estratégico da exposição da sua vida pessoal (como o casamento luxuoso com uma modelo e a descoberta da paternidade) e que não tem medo de falar o que “pensa”. Suas redes sociais são repletas de comentários feitos por seus “seguidores” a respeito de uma futura candidatura a presidente (como “Esperando você para presidente”). Suas ações ganham ampla repercussão midiática e ele é o principal expoente jovem do Partido Liberal (PL).

Júlia e Anitta formasse uma chapa com ela. Impossível também não é, mas é muito menos provável... ou não?

3. CAMINHOS E TRAMAS EM CURSO - OCUPAÇÕES E TRAJETÓRIAS DE VIDA

No caminho construído até aqui passamos por assuntos diversos que falam dos ecos e ressonâncias das ocupações dos secundaristas percorrendo alguns desdobramentos. Agora é a vez de falar disso com um foco maior nas pessoas. Não que elas não tenham entrado até esse momento. Obviamente, entraram. O que queremos dizer é que agora pretendemos entrelaçar de forma mais íntima os efeitos desse movimento na vida de quem participou dele.

Há muitas formas de fazer isso. É um desafio enorme estar com as pessoas, ouvi-las repensando suas experiências, expressando seus desapontamentos e brilhos no olhar, escutar de novo e olhar para uma série de depoimentos tentando entender a dança que existe entre a participação coletiva e a particularidade de cada trajetória. Como mergulhar nessa multiplicidade toda formada por caminhos e descaminhos? Escolhemos uma escuta atenta e afetiva com suas cores e dores, abandonando uma ideia de um final feliz como foi sugerido na banca de qualificação deste trabalho. E para esse processo temos um novo companheiro e uma nova proposta.

Podemos dizer que muitos acasos atravessam a produção de uma pesquisa. Às vezes o que pode parecer desvio vira a estrada principal se houver abertura para isso. Foi o que aconteceu ao topar com as ocupações, no percurso já mencionado na introdução. A disposição de estar aberta para as eventualidades inspira diálogos muito potentes que, por sua vez, podem desembocar em outras sinergias e afinidades. E foram elas que trouxeram Ítalo Calvino e seu *Seis propostas para o próximo milênio* (1990) para esta tese⁷⁰.

Cabe recuperar brevemente essa história bastante conhecida. Calvino, o primeiro autor italiano convidado para uma prestigiada série de conferências (Charles Eliot Norton Poetry Lectures) na Universidade de Harvard, preparou um curso que seria ministrado no decorrer do ano letivo de 1985-86. Sua morte súbita impediu que o curso acontecesse e suas reflexões, deixadas prontas, entraram para a história em forma de livro.

Respeitando o formato deixado pelo autor, o livro apresenta a proposta de Calvino: apontar cinco valores para o próximo milênio que só a literatura poderia preservar. Cada qualidade foi apresentada em forma de conferência, e elas receberam os seguintes nomes:

⁷⁰ A ideia deste capítulo também teve como inspiração o comentário sobre este livro (“lindíssimo”) feito pela professora Malu Fatorelli em uma de suas aulas da disciplina arte e visualidade da Licenciatura em Artes Visuais da UERJ.

leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. Havia ainda uma sexta qualidade que seria desenvolvida por ele já em Harvard: consistência. Inacabada, dela sobraram apenas anotações e especulações.

E o que este livro faz aqui? Calvino nos inspirou a apresentar os depoimentos das pessoas que participaram das ocupações em diálogo com as qualidades indicadas por ele, entendendo a conexão que elas oferecem na relação intensa entre literatura, filosofia e vida. Em suas palavras (CALVINO, 1990, p. 41): “Habitado como estou a ver na literatura uma busca do conhecimento, para mover-me no terreno existencial necessito considerá-lo extensível à antropologia, à etnologia, à mitologia.” Sua declaração suscita muitas conexões possíveis. Uma delas tem a ver com a importância que Calvino dá a questão das palavras e das narrativas, tema que já abordamos de algumas formas por aqui através de outros autores. Continuaremos neste exercício, assumindo agora outros contornos.

Antes disso, algumas contextualizações: as pessoas foram entrevistadas em 2023, cerca de 7 anos após as ocupações. Isso significa dizer o óbvio: que a experiência das ocupações nessas vidas foi se constituindo em memórias, ecos e ressonâncias entrelaçadas a tudo do tanto dos últimos anos no Brasil. Houve muito de morte e muito de vida neste período, como já dissemos.

Repetimos: o país passou por um golpe disfarçado de impeachment, por uma tragédia cultural (o incêndio do Museu Nacional), por uma tragédia política (o assassinato de Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes), por uma tragédia histórica (a eleição de Jair Bolsonaro) e por uma tragédia sanitária (uma pandemia).

Impossível separar as ocupações disso tudo. E, ainda mais importante: entre as pessoas entrevistadas, aquelas que eram secundaristas à época do movimento passaram por esses eventos num recorte de idade que vai dos 15 (a idade média dos estudantes que ocuparam as escolas em 2015 e 2016) aos 22 anos aproximadamente. Uma transição de adolescência para vida adulta repleta de inúmeras questões, ora de ordem individual, ora do coletivo, ora tudo junto ao mesmo tempo.

Há dores e delícias em atravessar esse panorama tendo a juventude e o começo da vida adulta como horizonte. E assim também foi para aqueles que já eram adultos (como os professores) e tiveram a vida afetada pelas ocupações, experimentando uma catarse de sentimentos que vão da descrença à esperança. Talvez, então, seja até redundante dizer que a memória das ocupações é multifacetada e produto da vivência e do momento de cada um ou

uma. No entrelaçar de memórias, narrativas e trajetórias, o encontro entre as pessoas e a experiência da ocupação escreveu histórias que ainda estão sendo contadas.

Vamos aos fragmentos de algumas delas e à conversa que nos oferecem com as qualidades apontadas por Calvino. Uma conversa que em alguns momentos poderá tender a ser mais literal, em outros será uma espécie de abertura de pensamento para novas reflexões.

Importante destacar que os depoimentos podem transitar entre todas essas características e que elas não são necessariamente positivas ou negativas. Elas existem antes dos adjetivos. Podem, inclusive, combinar num mesmo relato características contraditórias, haja vista a complexidade e intensidade de um movimento como as ocupações. Então, mais importante que encaixá-las, é a ideia de marcar que elas são vidas afetadas por essa experiência⁷¹.

3.1 Leveza: “Eu gostaria de manter aquilo vivo.”

A primeira qualidade que Calvino aborda é a leveza. Para começar a ilustrar essa característica, ele recorre ao mito da Medusa e Perseu, único herói com capacidade para decepar sua cabeça (CALVINO, 1990, p. 18):

Para decepar a cabeça da Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento; e dirige o olhar para aquilo que só pode se revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada no espelho. Sou tentado de repente a encontrar nesse mito uma alegoria da relação do poeta com o mundo, uma lição do processo de continuar escrevendo.

O autor refere-se à leveza como uma capacidade de enfrentamento das durezas do mundo, da vida, das experiências e os meios para isso (a própria literatura, a poesia...). Complementa essa leitura uma resistência em não se permitir embrutecer. Calvino cita Milan Kundera e o romance *A insustentável leveza do ser* (1984) como uma demonstração do peso do viver e de todas as opressões que aprisionam a existência. Diz ele (CALVINO, 1990, p. 21): “[...] O romance nos mostra como, na vida, tudo aquilo que escolhemos e apreciamos pela leveza acaba bem cedo se revelando de um peso insustentável”.

Calvino faz pensar que a leveza também pode ser pensada como uma insistência, como aquilo que permanece apesar de, e que de tão leve, ironicamente, escapa dos aprisionamentos. Está aí a leveza necessária para desviar da lenta petrificação que parece atingir todos os aspectos da vida, de acordo com o autor (CALVINO, 1990, p. 21):

⁷¹ Relembrando que os nomes dos entrevistados foram omitidos para preservar suas identidades.

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos...

Pensamos na leveza não como utopia ou como não palpável, mas como recurso, escolha, sentidos, sementes de uma trajetória. É o que o depoimento de uma ex-aluna nos traz quando fala do impacto da ocupação na sua vida. Recém-chegada à escola no ano da ocupação (2016) e enfrentando uma mudança de realidade ao sair do ensino privado e ingressar no sistema público, um dos sentimentos que vivenciou foi a identificação com o movimento dos estudantes por uma educação e por uma escola melhores, desenvolvendo um sentimento de esperança.

Ela participou ativamente da ocupação, atuou em diversas comissões, sentiu-se bem ao trabalhar em conjunto, participar das decisões e cuidar da escola como se fosse a sua própria casa, tendo um sentimento inédito até então de pertencimento a uma comunidade. Diz ela que a ocupação foi sua primeira “experiência comunista”, de “comunismo na prática, de verdade” e fala com orgulho do fato de cada pessoa ter uma função pensando no coletivo e em fazer tudo funcionar durante a ocupação.

Assim, desenvolveu uma relação afetiva com o espaço que permanece até hoje, espaço esse que mostrou o que era a “vida real” para uma adolescente de 15 anos que até então nunca havia pensado em política, embora tenha uma memória de já ter um senso crítico para algumas coisas.

Durante a ocupação, elaborou algumas percepções: alunos considerados os “piores” e “indisciplinados” tiveram uma participação muito grande na ocupação, o que a fez pensar se a revolta de alguns alunos com a escola não seria uma falta de representação e um inconformismo com o fato de só receberem ordens e não serem convidados a construir junto.

Outra percepção que ela desenvolveu ao observar e participar das atividades artísticas da ocupação: a importância da arte na educação. No seu ponto de vista, alguns alunos que tivessem dificuldade nas matérias regulares poderiam receber incentivos para exercerem seus dons artísticos. Por conta disso, ela e mais alguns amigos se mobilizaram na escola – após o encerramento da ocupação - para a criação de um Laboratório de Artes. Havia espaço para isso e eles ficaram motivados pelo Laboratório de Ciências Humanas desenvolvido por alguns professores. Houve alguns movimentos iniciais para impulsionar o laboratório, mas a ideia

não foi pra frente e, segundo ela, sofreu um pouco de resistência por parte de alguns professores. Ela nem sabe o que aconteceu com a ideia depois que saiu da escola.

A leveza que a sua trajetória inspira vem da escolha feita a partir da experiência na ocupação. Foi durante o movimento que ela começou a formar seus ideais políticos e disso veio o desejo de trabalhar com algo que desse um retorno para a sociedade:

A minha decisão de carreira já foi motivada por uma decisão política. [...] Por isso eu decidi me tornar professora, principalmente de uma escola pública. Eu percebi a importância política daquilo, o impacto que teve na minha vida, o impacto que estudar lá teve na minha vida. Como aquilo me formou e eu gostaria de manter aquilo vivo e escolhi essa carreira. Atualmente eu penso também em ir para a diplomacia que também é uma carreira muito política, mas sempre motivada por esses ideais. Ocupar um cargo político nunca me interessou (informação verbal)⁷².

Atualmente com 22 anos, ela está perto de concluir a Licenciatura em Letras com habilitação em francês na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A experiência da ocupação também a ajudou a enxergar de forma mais atenta as pessoas e seus problemas, exercício que ela busca aplicar no seu estágio docente. Um dos grandes problemas percebidos por ela é o fato da sala de aula ter alunos incríveis, mas com autoestima baixa e que não acreditam no próprio potencial, situação em que o professor pode atuar para ajudar, de acordo com ela.

Ela percebe isso na escola onde faz o estágio, uma escola pública elitista, com a maioria de mulheres negras, e onde - para falar da leveza como insistência e como outra forma de conhecimento, retomando Calvino - as alunas escolheram juntas estudar francês para se aquilombar⁷³ e para criar um lugar seguro para elas.

Reafirmando a experiência da ocupação como muito enriquecedora, ela diz que percebe como é intensa a disputa de poder pela educação para atender certos interesses e como é “perigoso para o sistema que os alunos tenham essa agência de poder”. Nos ambientes em que está atualmente inserida, ela vê os alunos terem um pouquinho mais dessa agência, dessa iniciativa: “Isso tem me deixado bem esperançosa”, mas reafirma que isso precisa partir também dos professores. E destaca também:

Eu observo em algumas alunas que elas já têm uma consciência muito avançada para a idade delas (15, 16 anos). Elas estão entrando na adolescência agora e elas trazem as questões raciais pra dentro da sala de aula, mas eu percebo que tem um certo desamparo. Aquele espaço ainda não é muito seguro para elas se posicionarem. A questão do acolhimento tá faltando bastante (informação verbal)⁷⁴.

⁷² Entrevista concedida à autora em 07 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

⁷³ Complementando o entendimento do termo, de acordo com Stéfane Souto (SOUTO, 2020, p. 141): “ [...] aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo. Ou seja, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político”.

⁷⁴ Entrevista concedida à autora em 07 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

A observação desse comportamento em suas alunas traz a percepção de sua própria ingenuidade na mesma idade, de acordo com ela. Ela atribui a essa ingenuidade o fato de ter passado tanto tempo digerindo a experiência da ocupação, somado ao fato de a ocupação ser uma pequena escala da grande escala que é o mundo. Além disso, ela não quis fazer parte de nenhum movimento político na universidade: “Na faculdade, eu percebi que essa disputa de poder se dá de uma forma muito mais intensa então isso me deixou meio relutante em participar ativamente” (informação verbal)⁷⁵.

Também pensamos na leveza, enquanto horizonte e persistência, no depoimento de outra ex-aluna que participou de uma ocupação e que, por conta dela, decidiu cursar História na universidade. Seu relato do movimento é de muita intensidade, a ponto de dizer que existe uma pessoa antes e depois dele.

E afirma que foi assim para outros amigos que viveram a experiência junto com ela, onde ela também percebe um antes e depois neles, resultado de todas as coisas boas e ruins vividas: “Eu não penso muito na ocupação, mas quando eu penso dá uma nostalgia também porque foi duro depois, foi muito duro, mas durante, eu me senti um sujeito político...” (informação verbal)⁷⁶.

Em sua fala, a expressão “sujeito político” aparece muitas vezes, destacando que havia uma consciência nela de que aquilo era só pelo colégio dela, mas tinha a ver com a possibilidade de mudar a sua própria realidade e que isso era muito impactante. Diz ela que, geralmente, quando se pensa no jovem, há uma ideia de que este é alguém que está apenas esperando virar adulto e, na ocupação, ela era uma pessoa tentando fazer alguma coisa. E essa experiência, de múltiplas dimensões, não dizia respeito apenas ao espaço e à melhoria dele. Ela implicava questões subjetivas muito maiores, como afirma em

Muitas pessoas negras começaram a se reivindicar pessoas negras ou começaram a se enxergar como sujeito negro e tudo isso que afeta você ser um sujeito negro - cabelo, forma de se ver, de se portar - depois da ocupação. [...] Muitas pessoas lgbs também passaram por isso [...] Inclusive minha melhor amiga, ela transicionou nessa época e ela teve um apoio bem grande dos professores assim, com exceção de uma, mas sempre tem... (informação verbal)⁷⁷

⁷⁵ Entrevista concedida à autora em 07 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

⁷⁶ Entrevista concedida à autora em 19 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

⁷⁷ Idem

Calvino diz em outra parte do seu texto que “[...] A leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório” (CALVINO, 1990, p. 30). Usamos essa ideia para pensar na decisão dessa ex-aluna que, muitos anos após a ocupação e tendo uma noção muito clara e bem-acabada dos impactos do movimento na sua vida, escolheu a escola que ocupou para cumprir, no ano passado, o estágio docente da etapa final da sua graduação. Quando perguntada se essa escolha foi intencional, ela explica

Eu escolhi. Não tinha outro lugar. Não passou nem pela minha cabeça outro lugar porque apesar de tudo eu sou muito grata ao colégio e foi com esse sentimento mesmo... Não consigo pensar em outro lugar para estar .. Queria ver como ele tá agora, queria ver os professores, queria ver resquícios do que a gente fez, queria ver como que as pessoas tão pensando agora, as crianças, os adolescentes de lá, queria ver como é que eles estão enxergando o mundo, será que a gente deixou um pedacinho dessa consciência pra eles, queria ver como está a estrutura do colégio, queria ver tudo... não passou pela minha cabeça escolher outro lugar ... pra mim sempre foi ele e eu tenho ele assim no coração, de verdade eu gosto muito daquele colégio... (informação verbal)⁷⁸

É interessante perceber essa relação de afeto com a ocupação e com o espaço, apesar de tanta coisa vivida. Em muitas partes do seu depoimento, ela faz referência, sem explicitar exatamente, aos problemas sérios enfrentados durante a ocupação envolvendo sua dedicação, sua imagem e seu gênero, em que ela afirma ter saído machucada de várias formas. Em relação ao colégio, ela destacou a dificuldade enorme de voltar a ele após a ocupação, para terminar o ensino médio (o que ela só conseguiu fazer através do Encceja⁷⁹). Ela, que até então tinha sido uma aluna exemplar e que nunca tinha reprovado, reprovou o ano da ocupação e, além disso, o ambiente na escola ficou muito difícil de enfrentar:

Eu tive que voltar para a realidade em que os professores [*contrários à ocupação*] criticaram muito as pessoas que participaram da ocupação. Tinha professores que inclusive perseguiam os alunos, faziam questão mesmo de humilhar em sala de aula. Foi bem duro, bem duro mesmo. Foi bem duro mesmo voltar para o colégio. E perceber que a gente efetivamente não mudou muita coisa E ainda tava sendo perseguido pelos professores e tinha que lidar com aquilo tudo. Foi horrível. (informação verbal)⁸⁰

O estágio docente para ela foi um “mix de sentimentos”; ela afirma ter ficado feliz por estar lá e ver os professores que ainda se dedicam muito. E aquilo que sua experiência carrega de leveza no sentido que estamos adotando aqui, ela deixa claro que a ocupação foi um divisor de águas na sua vida, creditando ao movimento o fato dela ser quem ela é hoje. Passa

⁷⁸ Entrevista concedida à autora em 19 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

⁷⁹ Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos. O exame, de competência do Governo Federal e aplicado pelo Inep em colaboração com as secretarias estaduais e municipais de educação, é uma prova que possibilita a conclusão do ensino fundamental e médio para quem não conseguiu cumprir essas etapas na idade adequada.

⁸⁰ Entrevista concedida à autora em 19 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

por isso inclusive a confirmação do seu interesse profissional. Trabalhando atualmente em uma área totalmente diferente por razões de necessidade, ela afirma que “se existisse uma possibilidade pra mim de ter uma vida tranquila que eu tenho agora que envolvesse História, eu escolheria História todas as vezes...” (informação verbal)⁸¹

Na continuação da conversa sobre as ressonâncias da ocupação em sua vida, ela avalia a ocupação como um choque, um processo de percepção do mundo onde ela se viu esmagada pela realidade e sentia que precisava fazer alguma coisa. Fazendo, se sentia muito bem com ela mesma. Em suas palavras:

Pensar que eu fui essa jovem, isso me deixa feliz, cara... Isso me deixa feliz... tipo... a forma que eu crio a minha irmã, que eu ajudo na criação da minha irmã, a forma que eu vejo ela como jovem hoje, isso tudo é parte de eu ter passado por isso, sabe... de não invalidá-la, de pensar nela como um sujeito e tratá-la como um sujeito mesmo... (informação verbal)⁸²

Quando questionada sobre o aprendizado político na ocupação - que falaremos um pouco mais à frente - mesmo com todas as questões retratadas, ela enfatiza a inegável contribuição do movimento em seu processo de percepção e enfrentamento da realidade:

Eu acho que isso é resquício da ocupação também... Naquele momento eu me vi como uma pessoa realmente... uma pessoa potente de verdade e me enxergar como uma pessoa naquele momento englobava tudo que eu sou. Eu era aluna do colégio, mas eu também sou mulher e sou negra e eu também venho de periferia e tudo isso não dá pra deixar de lado. Toda minha fala, toda minha forma de portar, tudo isso eu carrego uma bagagem... e a ocupação me fez perceber isso com muito mais potência e com muito mais força... assim.. então, foi tudo... eu recebi uma enxurrada de coisas de realidade na minha cara. Foi isso. Eu fui atropelada, mas que foi bom... Foi um atropelamento bom porque eu precisava perceber isso tudo... (informação verbal)⁸³

A qualidade na qual estamos repousando nesse momento do texto dialoga com a expressão que nomeia uma parte do título desta tese. Assumindo “[...] a literatura como função existencial, a busca da leveza como reação ao peso do viver” (CALVINO, 1990, p. 41), enxergamos essa declaração de Calvino nos versos da canção *Primavera nos dentes* (1973), do grupo Secos & Molhados: “Quem tem consciência para ter coragem/ Quem tem a força de saber que existe/ E no centro da própria engrenagem/ Inventa a contra-mola que resiste...”

É o que também somos levados a pensar na resposta de um professor intensamente envolvido em uma ocupação. Ao ser entrevistado para este trabalho, ele afirmou que o colégio em que dá aula ficou muito pior depois da ocupação, por uma série de fatores. Quando

⁸¹ Idem

⁸² Entrevista concedida à autora em 19 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

⁸³ Idem

questionado sobre os impactos da ocupação em sua vida e sobre sua crença na educação após todo esse processo, ele avalia:

Com certeza me impactou muito como professor porque do meu ponto de vista aquilo ali seria o modelo de escola ideal em que eu gostaria de trabalhar, em que a gente pudesse ter uma relação mais horizontal com os alunos, os alunos tomando decisões... Sabe... Aquele ambiente de trabalho pra mim seria ideal e acho que de alguma maneira eu tento, apesar de todos os problemas e dificuldades que a gente tem, eu tento seguir como um professor que tenta viabilizar esse tipo de ambiente dentro da escola... [...] Minha crença [na educação] foi reforçada... Acho que por tudo que a gente viveu, eu gosto de ser professor de história... Eu só gostaria de ter mais tempo pra estudar também ... Porque infelizmente do jeito que a gente tem as coisas hoje ... A pessoa tem que escolher ou estudar/pesquisar um tema na academia ou ser professor... eu acho que isso é bem ruim. Da forma como está estruturado, a gente acaba tendo uma escola que acaba não refletindo os novos debates que estão acontecendo dentro da academia, por exemplo, ou as coisas chegam com um atraso muito grande ou chegam já tão defasadas ... a minha única questão é essa. Tenho vontade de voltar a estudar, tô tentando me organizar, mas é isso... gosto muito de ser professor e não me veria fazendo outra coisa... (informação verbal)⁸⁴

Repetimos e destacamos com pausas propositalis: Esta é a declaração de um jovem professor. De História. No Brasil. No Rio de Janeiro. Da rede pública estadual. Na zona norte da cidade. Após a maior greve realizada pelos professores até então (2016). Após as ocupações. Após a Reforma do Ensino Médio. Após uma pandemia que teve um impacto brutal na saúde mental de todos, especialmente dos mais jovens, e causou índices alarmantes de evasão escolar. Após os mandatos presidenciais de Michel Temer e Jair Bolsonaro. Ainda sob a vigência do governo de Cláudio Castro, do mesmo partido de Jair Bolsonaro (Partido Liberal).

Depois disso tudo, ter a crença na educação reforçada e reafirmar seu ofício em sala de aula como professor da matéria mais criticada e afetada pela (perigosa!) era da pós-verdade... Eis um jeito de pensar na leveza como forma de enfrentar o peso de viver, ilustrada na parte final da canção mencionada (SECOS & MOLHADOS, 1973): “Quem não vacila mesmo derrotado/ Quem já perdido nunca desespera/ E envolto em tempestade, decepado/ Entre os dentes segura a primavera”.

3.2 Rapidez: “A galera tá morrendo agora, sabe?”

Calvino (1990, p. 45) falará da rapidez como uma qualidade relacionada ao ritmo dos textos escritos, sejam eles prosa ou poesia. Não um ritmo qualquer, mas aquele que resulta de uma articulação potente entre a densidade do pensamento e a capacidade de comunicação que

⁸⁴ Entrevista concedida à autora em 04 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

os textos concisos oferecem. O conto é um dos exemplos da potência desse encontro e o autor irá exaltar a tradição oral em alguns momentos. A capacidade de transmissão de mensagens combinada a uma economia textual é tomada por Calvino como interesse estilístico e textual (1990, p. 51):

Em meu trabalho de transcrição de fábulas italianas, que fiz com base em documentos dos estudiosos de nosso folclore do século passado, encontrava especial prazer quando o texto original era muito lacônico e me propunha recontá-lo respeitando-lhe a concisão e procurando dela extrair o máximo de eficácia narrativa e sugestão poética.

Calvino vai mencionar que alguns contos possuem em sua estrutura um objeto em torno do qual toda a história se desenrola, criando um “campo de forças, que é o campo do conto” (CALVINO, 1990, p. 48). A densidade simbólica deste objeto - que ele chamará de “objeto mágico” - assume uma “força especial” e representa uma espécie de “pólo de um campo magnético, o nó de uma rede de correlações invisíveis” (CALVINO, 1990, p. 49). Tomamos emprestadas essas ideias para pensar, em tom brincante, nas ocupações também como nosso “objeto mágico”, e no que estamos fazendo aqui neste trabalho como a busca dessa rede de correlações (não apenas invisíveis).

As observações do autor sobre o ritmo caminham no sentido de pensar a questão da velocidade. A articulação entre velocidade mental e velocidade real feita por ele evoca um debate sobre o raciocínio enquanto exercício filosófico e como a máxima articulação entre pensamento e poesia ou pensamento e comunicação⁸⁵.

Calvino traz, inclusive, um dado curioso sobre a questão da velocidade e a metáfora utilizada para retratá-la (CALVINO, 1990, p. 55): “[...] O cavalo como emblema da velocidade também mental marca toda a história da literatura, renunciando toda a problemática própria de nosso horizonte tecnológico.” Chama atenção a previsão do autor escrevendo isso há quase 40 anos a respeito do impacto avassalador da tecnologia na literatura e, por extensão, em nossas vidas como um todo. A metáfora do cavalo também aparece para nós na ideia da ocupação como uma oportunidade única, remetendo ao dito popular que diz que o “cavalo selado não passa duas vezes”.

Das reflexões sobre rapidez trazidas por Calvino, o que nos provoca é onde ela deságua: a relação com o tempo. Ele não elegeu uma qualidade para falar exatamente do tempo, mas essa parece ser, entre as cinco, a que mais toca nessa questão. Um dos seus destaques é a digressão como recurso narrativo e a capacidade que a literatura tem de criar

⁸⁵ Impossível não citar, neste momento, um dos poetas brasileiros onde essa característica se apresenta como marca, como estilo e até como filosofia: Paulo Leminski.

tempos paralelos e temporalidades dialógicas. Outro destaque feito por ele, de contornos já um pouco mais filosóficos, é a máxima pela qual ele tem apreço e que talvez seja a síntese do que ele queira dizer com rapidez: a expressão latina *festina lente* (“apressa-te lentamente”).

Algumas entrevistas nos trouxeram para essas questões pensadas por Calvino. Antes disso, uma explicação: em sentido literal, a maioria (senão todas) das entrevistas que fizemos tocam na ideia da rapidez ao destacar o tanto de tudo que as ocupações despertaram, levantaram, provocaram, afetaram e subverteram em tão pouco tempo. A rapidez foi uma das principais características das ocupações apontadas pelas pessoas. E muito do impacto do movimento na vida delas pode estar associado a isso.

Fazendo, ainda, outra relação em diálogo com Calvino: a articulação entre a ideia de ocupar e a ocupação em si (o fato) também pode ser pensada em termos de ritmo, velocidade e potente articulação entre pensamento e comunicação. Já falamos disso com Michel de Certeau (2014) e a ideia de tática e com Jacques Rancière (2005) e todas as questões sobre efetividade do pensamento.

A entrevista de outro professor, bastante envolvido com uma ocupação, nos remete à máxima trazida por Calvino. Ao pensar as ocupações e rever os acontecimentos que as antecederam, ele destacou o trabalho feito pela Marcha em Defesa da Educação no Rio de Janeiro, movimento pluripartidário que atuava nas escolas e em atos organizados em ruas e praças para pensar a educação e estimular a reflexão crítica dos estudantes através de conversas, leituras, filmes, debates.

De acordo com seu relato, esse movimento teve um papel importante como uma espécie de “catalisador” das ocupações (ela vinha acontecendo cerca de três anos antes do movimento). Foi um tipo de “preparação” para os estudantes que, ao encontrarem uma convergência de fatores, culminou nas ocupações. Ele cita, inclusive, que a região onde houve mais escolas ocupadas no Rio de Janeiro foi justamente a região onde a marcha era mais atuante.

Tomando as reflexões inspiradas por Calvino, queremos assumir outro tom dessa relação com o tempo. É sempre bom ter como horizonte que os protagonistas das ocupações - os jovens - são talvez os sujeitos mais afetados atualmente pela opressão da relação com o tempo. Há nisso uma combinatória de condições, onde a relação com a tecnologia é um fator importante. A conexão entre juventude, tecnologia, ansiedade e depressão é traduzida nas pesquisas e notícias bastante divulgadas sobre o impacto das redes sociais nesse público.

Não é coincidência que o Brasil combine esses dois fatos: os jovens brasileiros ocupam um dos primeiros lugares no ranking de usuários mundiais das redes sociais e o Brasil é um dos países mais ansiosos do mundo (CARVALHO, 2023). Também já passamos por esse tema e continuamos adotando a postura de reconhecer que a tecnologia tem seus prós e contras.

Contudo, é importante mencionar o depoimento de alguns professores quando apontam que muitos estudantes que participaram das ocupações desenvolveram quadros de ansiedade e depressão após o fim do movimento. Efeitos percebidos por eles neste episódio particular das ocupações e que, anos depois, apareceram dentro de um quadro geral de impactos da pandemia na saúde mental dos jovens. E, como debate estendido, são sintomas que emergem da atual relação com o tempo em que a velocidade das redes sociais pareceu ter virado a métrica da temporalidade em todos os aspectos da vida.

Disposições e atravessamentos de outro ritmo (como paciência e processos) parecem ser quase incompatíveis com a juventude hiper conectada que temos hoje. Infelizmente, o estabelecimento de um ritmo mais desacelerado não é fruto do desenvolvimento de uma musculatura emocional. Ele vem principalmente do uso massivo de remédios para ansiedade entre os jovens.

Um dos professores entrevistados citou crises recorrentes de ansiedade (individual e coletivas) que têm acontecido entre os estudantes, episódios vividos por ele em suas aulas e relatos por outros colegas de profissão. O impacto na saúde mental dos estudantes é um efeito, entre outros, da ocupação, mas ele também pode ser entendido dentro de um contexto maior onde o jovem está inserido (participando ou não de algum movimento político), como foi mencionado acima.

Estamos conduzindo essa discussão neste sentido porque, ao investigar o legado das ocupações, acabamos orbitando em torno de pensamentos e materialidades deixadas por elas. Há a intenção de fugir de uma ideia de resultados, mas, de certa forma, é disso que estamos falando ainda que esse termo não caia bem. Não é o que nos conduz, mas é uma pergunta que fazemos ainda que saibamos não haver resposta porque não se trata de resultado dentro de uma perspectiva produtivista e, sim, algo mais alinhado aos efeitos do movimento como ecos e ressonâncias.

A entrevista com outro ex-estudante que ocupou sua escola nos trouxe um pouco de tudo isso: a rapidez, o tempo, a materialidade. Envolvido diretamente na ocupação da sua escola, seu relato fala de coisas muito boas e muito ruins. Entre as coisas boas, o aprendizado

político é um dos pontos fortes. Ele considera ter sido um aprendizado muito maior do que em sala de aula e afirma ter mudado radicalmente seu ponto de vista sobre a política. Ele destaca que esse aprendizado define quem ele é atualmente e fala também dos amigos da ocupação que viveram com ele esse processo enriquecedor e que permanecem em sua vida até hoje.

No ano da ocupação, ele tinha 15 anos e estava passando por um processo pessoal bastante difícil. Quando a ocupação terminou, voltar ao fluxo regular das aulas foi horrível por conta do clima de perseguição que se instalou na escola. Segundo ele, não houve reposição das aulas e ele precisou fazer o segundo ano duas vezes. O impacto direto da reprovação em sua vida foi o fato dele não poder ter servido no Exército, que era algo que ele queria e que ele considerou um atraso na vida dele. Há ainda o fato dele não ter conseguido até hoje seu diploma de conclusão do Ensino Médio e não sabe dizer por que a escola não disponibiliza o documento. Ele tem apenas uma declaração que é constantemente renovada.

Mesmo com essas dificuldades do pós-ocupação, ele conseguiu fazer o ENEM e passou para Pedagogia na Universidade Federal Fluminense, mas não fez o curso por conta da distância entre a zona norte do Rio (onde ele mora) e a faculdade. Quando perguntado se ele havia tentado passar em outra faculdade (como a UERJ, por exemplo, que facilitaria a questão da distância), ele afirmou que a UFF é a melhor de todas e ele queria fazer na melhor.

Diz ele que se arrepende de não ter cursado, que queria ser pedagogo e ainda pretende fazer Pedagogia um dia, mas que as coisas são muito difíceis. Assim, ele escolheu empreender e diz que está dando certo. Trabalhando como supervisor no comércio, ele afirmou (quando foi questionado sobre seguir na carreira de professor) que o salário de professor não compensa o cansaço da sala de aula.

Suas observações sobre política e economia chamam a atenção por serem bastante maduras (uma característica comum entre todos os entrevistados). Sem qualquer experiência anterior com movimento estudantil (outra característica comum a quase todos), ele tem uma leitura muito atenta e muito crítica da realidade. Aliás, ao contextualizar sua experiência na ocupação, ele afirma que “teve que amadurecer muito rápido para sobreviver ali” (informação verbal)⁸⁶:

Seu olhar crítico se destaca na provocação feita por ele a respeito desta tese. Não a esta, exatamente, mas ao contexto do qual ela faz parte. Quando eu disse para ele, em algum momento da nossa conversa, que as ocupações dos secundaristas se consolidaram como um tema muito pesquisado na academia, por diversas áreas, ele questiona

⁸⁶ Entrevista concedida à autora em 02 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

Tá, tem muita gente pesquisando, mas, de fato, eu não entendi, qual é a finalidade? Isso vai ser usado pra quê? Quem vai ter acesso a isso? Eu juro que eu acho que a galera que vai ler a tua tese é o cara que tá a essa hora, hoje é quarta, né, eu tô trabalhando, você também, que tá a essa hora decidindo qual praia ele vai sabe.. tipo.. lá em Botafogo, sabe qual é? Tipo, a galera burguesa. O pobre não tem acesso a isso, a galera não vai... O pai de família chega tão destruído em casa que ele não vai pegar um artigo de mestrado, de doutorado pra ler porque é uma parada muito complexa. Se eu pegar hoje pra ler eu vou ter dificuldade pra ler, sabe? Eu não sou um cara tão leigo assim... é difícil. Não chega na gente... Tô me colocando nesse espaço também, não chega na gente... O que chega em mim é discurso do zap, é resposta pronta, é tipo "acorde mais cedo"... Mano, eu acordo cedo pra caralho. Eu acordo muito cedo e eu não durmo... sabe qual é, eu não durmo... é "ah, poupe, não gaste seu salário", mano, como assim, não vou gastar meu salário? Mano, como assim? A mussarela tá 50 reais... Isso é um absurdo! Sabe? Não vai chegar na gente, isso me deixa muito puto com as universidades, não chega em quem tem que chegar... a galera que tá lá já sabe... a galera que tá lá já sabe.. é pregar pra convertido. Isso me deixa com um pouco de raiva. É aquilo que eu falo, não tem um trabalho de base... Cadê? Por que que ninguém vai fazer uma palestra na Cufa? Sabe? Porque que ninguém vai no Batô fazer um projeto? Sabe? Conversa lá, bota a cara, conversa com o dono do morro pra alfabetizar as crianças... porque é difícil né, cadê a galera revolucionária? Tá onde? Fazendo a revolução não tá... sei lá... eu não gosto de lembrar muito sabe porque sobe a revolta com isso ... (informação verbal)⁸⁷

Respondo a ele que entendo e concordo com a sua leitura. Digo que a inserção das ocupações no meio acadêmico é importante enquanto registro e memória, uma vez que há uma força enorme contrária tentando apagá-las ou criando outras narrativas para elas. Além disso, as diversas pesquisas contribuem para reforçar a relevância do movimento. Sigo argumentando que um resultado rápido a respeito disso tudo é realmente difícil porque o emaranhado das forças hegemônicas é, de fato, muito poderoso e as mudanças acontecem de forma lenta.

Destaco que os efeitos são processuais, de longo prazo, e que estão refletidos, por exemplo, na eleição da Ana Júlia (com tudo que ela representa) e - compondo outros movimentos de força coletiva - podem ser percebidos no aumento da quantidade e diversidade das candidaturas de mulheres, negros e negras, pessoas trans, coletivas e coletivos. Ou seja: novos atores disputando e afetando a hegemonia da representatividade no espaço político.

Enfatizo esse argumento falando das pessoas que assim como ele viveram a ocupação e que irão ocupar outros espaços levando essa experiência e esse aprendizado para frente, impactando de alguma forma o lugar onde estão. Uma ilustração disso é o fato de muitos estudantes que participaram das ocupações terem escolhido a pedagogia como curso universitário (trajetória que ele poderia ter sido a dele, inclusive), como mencionou um dos professores. Reforço que essas são fissuras na estrutura ajudando a abrir brechas para alterar o rumo das coisas por dentro, de forma processual. Ao que ele me responde

⁸⁷ Entrevista concedida à autora em 02 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

[*sobre os efeitos a longo prazo*] Sei lá.. A galera tá morrendo **agora**, sabe? Eu super entendo, eu até vejo também isso que você tá falando, sabe, você tá com a sua razão, mas a galera tá morrendo agora... é isso que me deixa triste, me faz olhar para o futuro e não ter muita esperança, sabe... a galera tá morrendo agora, mano. Pô, João Pedro não vai virar um professor. A Ágatha não vai entrar na universidade, sabe⁸⁸? Morreram. Isso me deixa triste. (informação verbal)⁸⁹

É o tipo de intervenção que emudece o pesquisador (e logo após este comentário, a entrevista seguiu por mais poucos minutos e terminou). Uma das partes da pesquisa tem a ver com fazer perguntas e também estar aberta a ser interrogada, como foi o caso. O questionamento feito por ele é muito relevante e muito alinhado aos debates atuais sobre o papel da academia, a sua relação com a sociedade, o impacto da produtividade em suas questões internas afetando seu compromisso social. A leitura atenta e crítica desse ex-secundarista (não só sobre esse assunto) corrobora seu relato a respeito da formação política que tiveram durante a ocupação.

Retomando o diálogo entre a rapidez trazida por Calvino, os desdobramentos que fizemos dessa característica e o que essa entrevista nos provoca, sabemos que a pergunta feita por ele é absolutamente pertinente. O tempo da morte, lamentavelmente, tem se sobressaído ao tempo da vida por uma série de razões muito complexas (e de forma mais cruel ainda para a juventude preta das favelas). Nosso entrevistado tem razão em problematizar o tempo dos processos. É justo ele querer a rapidez.

Por outro lado, como contextualizamos há alguns parágrafos, nosso entrevistado é um jovem adulto que, imerso na temporalidade atual, quer resultados **agora**. Nesse sentido, não estamos enfatizando os problemas de contexto, mas sim a ideia de que as mudanças sociais possuem um tempo próprio atravessado por uma série de fatores, combinações e efeitos que vão se articulando e interferindo de formas mais e menos visíveis, de gradações mais e menos intensas.

E, para isso, a consciência desses processos precisa vir acompanhada da paciência de observá-los. É o que Calvino dirá sobre a relação do escritor com tempos diferentes, mas que podemos trazer para pensar a relação com o tempo de forma mais abrangente (CALVINO, 1990, p. 68-69): “[...] mas igualmente o tempo que flui sem outro intento que o de deixar as

⁸⁸ Referente às mortes do adolescente João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, baleado dentro de casa durante uma ação policial no Complexo do Salgueiro (São Gonçalo), em 2020, e da menina Ágatha Vitória Félix, de 8 anos, baleada por policiais dentro de uma kombi em que estava junto com a mãe, no Complexo do Alemão (Rio de Janeiro), em 2019.

⁸⁹ Entrevista concedida à autora em 02 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

ideias e sentimentos se sedimentarem, amadurecerem, libertarem-se de toda impaciência e de toda contingência efêmera”.

3.3 Exatidão: “Putz, eles ganharam...”

Calvino vai trazer a exatidão como a qualidade que preza pela clareza: um projeto de obra bem definido e calculado, a evocação de imagens visuais nítidas e a precisão da linguagem (CALVINO, 1990, p.73-74). Seu apelo repousa na constatação do uso da linguagem de forma não comprometida, vaga, descuidada, que implica na perda da força cognoscitiva das palavras. Seu aceno é feito no sentido de recuperar a vitalidade da linguagem que, segundo o autor, vem sofrendo com uma espécie de “epidemia pestilenta” que atingiu a humanidade em sua faculdade mais singular: o uso da palavra (CALVINO, 1990, p. 74):

Não me interessa aqui indagar se as origens dessa epidemia devam ser pesquisadas na política, na ideologia, na uniformidade burocrática, na homogeneização dos mass-media ou na difusão acadêmica de uma cultura média. O que me interessa são as possibilidades de salvação. A literatura (e talvez somente a literatura) pode criar os anticorpos que coíbam a expansão desse flagelo lingüístico.

Expandindo a reivindicação pelo cuidado com a linguagem, Calvino também falará da sua percepção a respeito da inconsistência que ele percebe não só no uso das palavras, mas também no uso das imagens. Ele irá falar sobre o bombardeamento de imagens e palavras que tem como efeito o esvaziamento dos seus sentidos e a sensação de estranheza que isso causa. Mais uma vez, não podemos deixar de notar seu faro para o que viria a ser a internet e as redes sociais no formato que temos atualmente, como discutimos em outro capítulo.

Sua crítica à inconsistência é ampliada para um horizonte mais filosófico (CALVINO, 1990, p. 75): “Mas talvez a inconsistência não esteja somente na linguagem e nas imagens: está no próprio mundo”. Com isso, ele irá afirmar que seu mal-estar repousa na “perda de forma que constato na vida” e que a única defesa que ele consegue imaginar para isso “é uma ideia da literatura.”

Ao recorrer à força da palavra e a sua defesa, pensamos na proximidade entre Calvino (1990) e Jorge Larrosa (2015) e na expressão usada por este para definir que somos “carne de palavras”. A palavra e a centralidade dela em nossas vidas é de tamanha intensidade que quase a esquecemos e, assim, corremos o risco – como alerta Calvino – de vulgarizá-la. Daí a necessidade de pleitear sua importância.

Em todas as conferências, Calvino menciona que a defesa das qualidades escolhidas por ele não deixa de reconhecer seus opostos. Ao falar da leveza, ele admite o valor do peso.

Ao pensar a rapidez, ele destaca a relevância do que é vagaroso. Na exatidão, ao prezar pela necessidade dos limites e da medida, ele pontua o que escapa disso, questionando, inclusive, se sua busca não estaria no que está fora. Assim, sua reflexão também aponta para o que está além, criando nele uma espécie de obsessão entre o infinitamente mínimo e o infinitamente vasto. Acreditamos na harmonia dessas faculdades como um exercício de equilíbrio para várias dimensões da vida. E, talvez, seja este equilíbrio o maior desafio que enfrentamos. Para a juventude, então, o desafio é ainda maior.

A exatidão pensada por Calvino surge para nós como desdobramento da sua reflexão no seguinte sentido: a experiência da ocupação despertou ou reforçou nos estudantes uma leitura mais crítica da realidade. Algumas entrevistas remetem a essa qualidade na medida em que possibilitam desconfiar de narrativas e qualificar um pouco mais a interpretação dos fatos.

Uma conversa (por WhatsApp) que antecedeu uma das entrevistas feitas para esta tese é um exemplo, entre outros, disso. Ao retomar o contato, depois de muitos anos, com a ex-secundarista que decidiu seguir carreira como professora, eu expliquei a ela que gostaria de entrevistá-la para a minha tese porque segui investigando as ocupações e os impactos delas na vida das pessoas. Ela me respondeu dizendo que não gostou da experiência de participação em um projeto que eu havia indicado para ela depois da ocupação.

Tive uma dificuldade de lembrar (porque isso aconteceu há muitos anos), mas depois recuperei a memória de uma colega que havia me pedido o contato de alguns secundaristas que participaram das ocupações para falar de um projeto de formação de lideranças para a juventude. Não tive mais informações sobre o projeto, mas fiz a ponte entre as duas.

A ex-secundarista me disse que o projeto em si era legal, mas que ele estava atrelado a uma expoente candidata jovem de posicionamento liberal e que ela só soube disso depois de ter assinado um contrato de cessão de uso de imagem. Se soubesse antes, ela não participaria do projeto por não estar alinhada a esse posicionamento político, principalmente pelo que ele traz em relação à educação.

Sua saída do projeto aconteceu de forma um pouco conturbada e ela tomou a decisão de não falar mais sobre as ocupações com ninguém. Eu pedi desculpas porque, de fato, não sabia nada do projeto e, se soubesse, não teria indicado o nome dela. Ela disse que ficou com receio de me falar isso depois e imaginou que eu realmente não soubesse do teor do projeto porque suspeitou que eu também não concordaria. Pedi desculpas mais uma vez, disse que ia ficar mais atenta a isso nas próximas oportunidades e que, de toda forma, mesmo ela não topando a entrevista comigo, eu estava feliz com a postura dela e que só isso já falava dos

efeitos da ocupação em sua leitura crítica. Felizmente, depois dessa conversa, ela mudou de opinião e aceitou conversar comigo.

Esse episódio ilustra uma crítica que, de tão exata, aparece - de formas diferentes - em quase todas as falas. A capacidade de análise de seus contextos mostra uma clareza que parece ter escapado dos discursos rasos e rasteiros direcionados para esse público do início da vida adulta, a “presa fácil” do mercado. O depoimento da ex-estudante que fez estágio docente na própria escola fala disso também. Ao trazer outro trecho da sua experiência, ela relata

Sabe uma coisa que me deixou bem triste com os alunos de lá agora? Porque eu tava conversando com alguns deles e eles nem têm perspectiva de fazer o Enem. Isso me impactou muito... De uma sala de 40, talvez 5 façam, queiram fazer o Enem, e isso me deu um sentimento de “putz, eles ganharam” [*falando sobre os professores contrários à ocupação – incluindo a Direção da escola - e que criaram a narrativa de que ela ficou pior por causa da ocupação*] Porque, assim, eu entendo o Enem como um filtro social... Eu acho que o Enem nem tinha que existir só que, ao mesmo tempo, é o que a gente tem e se a gente nem tentar garante que as universidades se mantenham como a Unirio: branca e rica... Porque a universidade federal não é onde estão... o pessoal da gente... nosso pessoal, eles têm que trabalhar, eles estão nas faculdades particulares que tem noturno porque tem vários cursos... o meu curso de história que é um curso bastante popular não tem noturno na Unirio... E você não pode ter um emprego junto pra ganhar bolsa, você não consegue arrumar emprego por causa do horário e a bolsa é uma merreca... Então... assim... é bizarro... É um lugar que não é feito nem pra você entrar e muito menos pra você se manter dentro da universidade... É bem difícil se manter na universidade sendo pobre, morando no subúrbio principalmente na Unirio que pra você chegar é um inferno... Eu acho que eles não se vêm como parte [*da universidade*]... isso é bem triste... Eles não vêm nem a possibilidade de estar dentro... Eles não se vêm lá dentro, sabe... Eu lembro que quando eu fiz o Enem, eu tinha assim muito medo de não passar, mas eu pensava que se eu não passasse eu ia tentar de novo e eu queria fazer faculdade... Eu acho que agora eles, tipo, esse sentimento de querer fazer faculdade ficou um pouco apagado e eu acho que é por conta dessa falta de se sentir possivelmente lá dentro, sabe? Acho que eles não se vêm, não é mais uma possibilidade assim, tipo... É tão distante a faculdade, é tão tão distante... essa coisa é pra outra pessoa, não é pra mim... acho que é esse o sentimento... [...] É bem difícil e isso foi o que mais me doeu... Porque eu já sentia isso, sabe... Que tinha essa sensação lá no colégio assim no terceiro ano... só que assim era bem menor, sabe? Um monte de gente fez o ENEM, um monte de gente fazia teste pro ENEM... Os professores super incentivaram, assim um monte de gente entrou para a faculdade... muita gente do colégio foi pra faculdade, pras federais e tal... (informação verbal)⁹⁰

No depoimento dessa estudante, não podemos deixar de pontuar mais uma vez que o cenário descrito por ela ainda está sendo afetado pela pandemia. Contudo, esse é um dado mais recente dentro de um contexto histórico a respeito da dificuldade das juventudes das periferias em entrarem e permanecerem nas universidades públicas. Mesmo que essa situação tenha sofrido mudanças significativas com a implementação de mecanismos de inserção e

⁹⁰ Entrevista concedida à autora em 19 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

permanência como as cotas e bolsas de auxílio, esses espaços permanecem muito distantes, por uma série de fatores, desse público.

Neste sentido, a leitura feita pela estudante é bastante precisa. Ela transporta a ideia de exatidão para outros termos, desdobrando o caminho colocado por Calvino e fazendo aparecer uma interpretação muito pertinente que provoca, inclusive, todos os discursos e apelos publicitários de “captura” do jovem para o ensino universitário (seja ele público ou privado).

Podem inventar a roda de novo e criar mil maneiras de dizer a essa juventude que ao terminar o ensino médio o caminho “natural” para “progredir” profissionalmente é uma faculdade. Apesar disso, o panorama do ensino universitário no Brasil ainda é profundamente marcado pela desigualdade social. Não é um dado feliz, mas é uma percepção clara e exata (apesar dos eufemismos e malabarismos neoliberais) de quem viveu uma experiência radical de contestação como foi a ocupação.

Nessa de eufemismos e malabarismos, é bastante curioso pensar, a título de ilustração, que o Novo Ensino Médio (NEM) aprovado no governo de Michel Temer e instituído sem questionamentos pelo governo de Jair Bolsonaro tenha diminuído os tempos de disciplinas como Filosofia e Sociologia e tenha criado programas como o *Projeto de Vida*.⁹¹ O que há no horizonte do projeto de vida de jovens que não cogitam o ensino universitário ou têm consciência muito nítida da falta de condições de ingressar nele? Ou mais: sequer tenham interesse nisso.

Não se trata de fazer uma apologia sem crítica da formação superior porque reconhecemos que ela não é (ou não deveria ser) o único caminho, mas estamos falando de Brasil, dos efeitos do neoliberalismo em nossas condições e de tudo que gira em torno disso. Sabemos de todos os problemas envolvidos, temos a clara noção de que uma formação superior não é garantia de “sucesso profissional” (no idioma neoliberal) e sabemos, inclusive, que o mercado da educação tem respondido cada vez mais pelo endividamento precoce dos jovens antes mesmo de terminar uma graduação.

Tudo isso está no horizonte da crítica feita por quem viveu as ocupações. Não é uma coincidência que o evento realizado em 2018 no Colégio Estadual Visconde de Cairu para apresentar a dissertação (COSTA, 2017) sobre a ocupação da escola (e outras pesquisas

⁹¹ Importante destacar que atualmente (outubro de 2023) tramita no Congresso o projeto de lei apresentado pelo Ministro da Educação Camilo Santana ao Presidente Lula para ajustar pontos muito criticados do Novo Ensino Médio, em vigor há dois anos. A proposta é resultado de consulta pública aberta pelo Ministério da Educação em 2023 para ouvir demandas, sugestões e críticas de diversos especialistas e representantes de entidades educacionais. (SANTOS, 2023).

relacionadas ao tema) aos alunos do Ensino Médio tenha culminado no debate sobre o acesso à universidade pública⁹².

Retomando o que falamos sobre o Novo Ensino Médio, a tensão colocada entre a diminuição de disciplinas críticas (Sociologia e Filosofia) e o incremento de disciplinas voltadas à ideia de projeto (e embaladas em eufemismos do tipo “itinerários formativos”), levanta um debate de natureza filosófica que opõe as concepções de processo (de formação crítica de sujeitos) e de produção (de formação de autômatos). Essa percepção aparece no relato do professor que mencionou a Marcha pela Educação:

E vamos ter claro também uma coisa que talvez... eu não falei e é uma coisa que tem batido na cabeça: o Novo Ensino Médio é uma resposta às ocupações... Ideologia dominante o tempo inteiro, empreendedorismo... Mais do que preparar pro mercado é incutir o liberalismo na cabeça dos moleques... Liberalismo mesmo sem igualismo, dinheiro, meritocracia o tempo inteiro... tem disciplina pra projeto de vida, economia financeira, matemática financeira... e você enfrentar isso é difícil pra caramba porque os professores encampam... [...] “Eu resolvo as coisas sozinho, eu resolvo”... Eu não vou resolver isso conjuntamente que nem a garotada dizia “pô, precisamos de uma escola coletiva”... porra nenhuma... tanto que eu questiono os alunos: já pararam pra pensar por que não tem economia solidária no Novo Ensino Médio? Poderia ter economia solidária... tem limitações também brutais, mas... comparado com empreendedorismo... Ficam calculando o lucro de venda de empadinha... cara... E isso agora é institucionalizado... Fundação Lemann, Instituto Ayrton Senna... Isso se consolida depois de quê? Das ocupações... Não tô dizendo “ah teoria da conspiração”... não é isso... Já havia toda uma lógica bem arrumada, mas, porra, “Tá vendo... oh, não dá... Nosso projeto não tá dando certo... Esses caras aí tão doutrinando os alunos...” Não é doutrinando, a gente tá levando ciência, consciência crítica pro moleque... aí o moleque tem... Desenvolve senso crítico... Mesmo com todos os limites, você tem uma geração de professores que foi influenciada por uma visão progressista... Pelo menos progressista e que leva isso pra sala de aula... Entrava esse debate para os alunos, desenvolve... [*com o Novo Ensino Médio*] Vai ter um monte de disciplina que vai trabalhar na lógica do individualismo, da meritocracia... Junta com a teologia da prosperidade... [...] É projeto, você não discute mais o conteúdo... Como você vai construir consciência histórica? Uma consciência crítica, histórica? Não tem uma racionalidade histórica entendendo onde você tá... Se você quebra esse conteúdo, você quebra a possibilidade de conhecer a sua história ... (informação verbal)⁹³

Há ainda outra colocação a ser feita na relação que Calvino estabelece ao pensar a ideia de exatidão como limites entre o que está dentro e o que está fora (e a tensão contida nisso). As pautas trazidas pelas ocupações, sejam elas um protesto contra uma reorganização (ocupações de São Paulo) ou contra a gestão e condições estruturais dos espaços (ocupações do Rio de Janeiro) ou, ainda, contra uma medida provisória de largo alcance (ocupações do

⁹² E neste momento em que também sou aluna da licenciatura em Artes Visuais da UERJ, convivo com colegas que acabaram de sair do Ensino Médio (na faixa de 18, 19 anos) cujo relato continua corroborando a ideia de que a universidade é inacessível para uma grande parcela da juventude.

⁹³ Entrevista concedida à autora em 03 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

Paraná), são demandas que configuraram o “dentro” da ocupação, refletindo questões mais diretas do ensino secundário. Contudo, elas estão relacionadas ao mundo de “fora” da ocupação. Esse “dentro” e “fora” não pensados em termos de oposição, mas como categorias fluidas de fronteiras interdependentes.

É também neste horizonte que está inserido o debate sobre o modo “tradicional” do fazer político donde as ocupações aparecem como provocação feita por sujeitos sem experiência na militância política, como falamos algumas vezes. Os pontos que já levantamos sobre protagonismo, horizontalidade, representatividade (ou seja: o “fora” da ocupação) estão presentes na crítica, mais uma vez exata, do jovem que questionou o papel da academia. Sobre as ocupações e o *modus operandi* da política, ele opina

Aquilo ali foi uma explosão [*a ocupação*], uma faísca que causou um incêndio, mas não dá pra fazer de novo pelo atual cenário e porque não tem trabalho de base... Não tem base, a galera tá dispersa, completamente aquém da realidade... Sabe... Precisa de muito trabalho de base. Alguns movimentos políticos que ajudaram bastante durante a ocupação... eu tenho dura crítica a eles porque eles iam militar na faculdade... Cara, eu não vou ficar ensinando como rezar o terço pro padre... tem que fazer o trabalho de base com o cara que acorda 6hs da manhã e chega 8h da noite, que tá ali, que encontra o queijo a 50 reais o quilo, que tá puto com alguma coisa, que vai chegar o cara tipo o Bolsonaro que vai dar uma resposta pronta pra ele e ele vai achar que é aquilo. O trabalho de base tem que estar ali na periferia, sabe, na CUFA. Não é necessariamente o partido político, mas é pra levar consciência pra essas pessoas: gente, a resposta que esse cara tá te dando não é isso... Tá... Se você tá pobre hoje não é porque você trabalha pouco ou porque você tem medo de se arriscar é porque, mano, há uma estrutura que faz você ficar mais pobre... e cada vez mais pobre... e você tá votando nesses caras, você tá alimentando essa estrutura. Tipo assim: a galera não tem consciência, a direita atua muito mais na periferia do que a esquerda, a esquerda tá militando pra convertido na faculdade... O MRT [*Movimento Revolucionário de Trabalhadores*] que é um movimento que ajudou bastante... Os caras só tão na faculdade, não tem ninguém na favela... os caras querem fazer leitura super complexa de umas paradas nada a ver... porra, na Lapa, pra depois ir pra barzinho sabe, que porra de militância é essa? Eu fico meio revoltado olhando isso... caralho, a galera tá morrendo e vocês aí tão preocupados com a maconha e pô, ficar bebendo, fazendo festinha na UERJ, porra não é assim que a gente... a luta não é essa... Falta um pouco mais de radicalização... pô, fico revoltado com isso. E o Freixo abdicou das paradas que ele defendia, foi feio pra ele, desuniu... A esquerda tá preocupada em trabalhar a energia alheia, tipo... alinhar os chakras... Tudo bem, alinhe seus chakras mas, porra... Muita coisa, muito muito [*decepcionado com a política*]. Eu fui obrigado a votar no Lula. O Lula deixou o banqueiro mais rico, sabe qual é ... Fui obrigado a votar no Alckmin, isso me dá um nojo... Isso me dá um nojo... (informação verbal)⁹⁴

Não queremos fazer a relação com a ideia de exatidão no sentido de certo e errado. O que queremos destacar neste ponto é o impacto da experiência da ocupação na capacidade da

⁹⁴ Entrevista concedida à autora em 02 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

leitura crítica de um contexto multiforme, atravessado e disputado por diversas narrativas interessadas, interesseiras e sedutoras, cada uma ao seu jeito.

Se Calvino traz a leveza como uma forma de não endurecer, a exatidão pode ser pensada, nos termos que estamos propondo aqui, como o enfrentamento inevitável da dureza da vida. Traduzindo para a nossa intenção: após viver a experiência de ter o futuro nas mãos e a potência dessa sensação, como lidar com a realidade em que nada (ou quase nada, do ponto de vista material) foi alterado com a sua luta? Mais ainda: como assimilar o estado de desconforto progressivo e cortante que se estabelece quando se escolhe a não alienação (ou pelo menos a tentativa de não se deixar alienar, ainda que haja a captura por outros discursos)?

É aquilo que quase nos faz perguntar se é melhor saber das coisas ou repousar na famosa frase popular que diz que “a ignorância é uma benção”, embora a postura crítica seja um caminho às vezes sem volta. O desafio a partir disso é descobrir como endurecer sem perder a ternura.

3.4 Visibilidade: “Aquilo era uma escola.”

Nesta qualidade, Calvino irá destacar a importância da fantasia, do sonho e da imaginação e o papel primordial da intensidade dessas operações em sua criação. Ele indicará dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para a imagem e o que parte da imagem para a expressão verbal (CALVINO, 1990, p. 101). Em sua elaboração, ele afirma ser tomado primeiro por uma imagem mental carregada de significados que vai ganhando nitidez e depois ela mesma segue desenvolvendo suas potencialidades implícitas. Em suas palavras: “o conto que trazem dentro de si” (CALVINO, 1990, p. 106).

A organização das imagens, a descoberta das camadas de sentidos, as analogias, simetrias e contraposições, tudo segue desenhando um sistema de possibilidades e relações que, aos poucos, é traduzido por ele em palavras culminando num momento em que a escrita assume o protagonismo. “Em suma, meu processo procura unificar a geração espontânea das imagens e a intencionalidade do pensamento discursivo” (CALVINO, 1990, p. 108).

Conduzindo o debate para um sentido mais amplo, Calvino vai refletir a respeito da imaginação através do questionamento do seu papel como instrumento de saber (viés científico) ou como identificação com a alma do mundo (viés poético). Assumindo estar situado nas duas possibilidades, ele acrescenta mais uma (CALVINO, 1990, p. 109):

Mas há uma outra definição na qual me reconheço plenamente, a da imaginação como repertório do potencial, do hipotético, de tudo quanto não é, nem foi e talvez não seja, mas que poderia ter sido. [...] Pois bem, creio ser indispensável a toda forma de conhecimento atingir esse golfo da multiplicidade potencial. A mente do poeta, bem como o espírito do cientista em certos momentos decisivos, funcionam segundo um processo de associações de imagens que é o sistema mais rápido de coordenar e escolher entre as formas infinitas do possível e do impossível. A fantasia é uma espécie de máquina eletrônica que leva em conta todas as combinações possíveis e escolhe as que obedecem a um fim, ou que simplesmente são as mais interessantes, agradáveis ou divertidas.

Há diversas formas de pensar a visibilidade na relação com as ocupações e já fizemos algumas reflexões sobre isso nos capítulos anteriores. Dessa forma, relembremos as várias frentes de leitura possíveis com o documentário *Espero tua (re)volta* (2019), já pensamos um circuito de visibilidades e pensamento através do documentário, do teatro e dos cartazes da ocupação, já problematizamos o impacto de duas revistas de ampla repercussão nacional. Em torno de todas essas discussões, está a questão da visibilidade.

Outra reflexão que podemos fazer agora, a partir das provocações sobre visibilidade e imaginação levantadas por Calvino, é pensar nas ocupações como a escola imaginada. De diferentes maneiras, as pessoas entrevistadas nos disseram, com um ar saudoso, que a escola durante a ocupação foi como a escola “deveria ser”. Ouvimos isso no depoimento dos professores, em sua expressão verbal e no tom com que fizeram essa declaração. Nos relatos de alguns estudantes não foi feita uma definição exata sobre essa ideia, mas temos as pistas que surgem da lembrança do dia-a-dia da ocupação:

Com um comprometimento muito grande de fazer comidas para os colegas, de pensar em receitas novas pra fazer na cozinha, de limpar tudo com cuidado com os colegas e aí fico pensando se a revolta que muitos alunos sentem não é na verdade uma falta de representação. [...] [*o dia-a-dia*] Era realmente algo pensado em conjunto [...] Eu sentia que aquilo era minha casa. (informação verbal)⁹⁵

Mais um depoimento de uma ex-estudante também segue essa linha através de outro ponto de vista:

A gente tinha aquela idade e tava se organizando para fazer uma assembleia, chamando os alunos e enchendo um auditório de pessoas pra decidir nós mesmos o que a gente queria fazer dentro da nossa realidade naquele momento... Ou de pensar “preciso fazer alguma coisa, da forma que tá não tá dando” e você pensar “meu deus vou ter que ver com o resto da turma, com o resto do colégio...” e a gente só botou um monte de cartaz pelo colégio e chamou o pessoal todo pra fazer isso... Eu me senti muito potente... eu acho... eu me senti tipo “meu deus eu acho que eu posso... não vou mudar o mundo, mas posso mudar minha realidade naquele instante” Foi uma onda de potência mesmo. (informação verbal)⁹⁶

⁹⁵ Entrevista concedida à autora em 07 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

⁹⁶ Entrevista concedida à autora em 19 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

Cozinhar, cuidar, fazer parte, ser ouvido, decidir, mudar a realidade, potência. Somos levados através dessas expressões ao primeiro capítulo onde falamos sobre a *pausa para existir* e todas as reflexões que essa ideia levantou. A disposição para imaginar outra relação com o tempo, com a escola, consigo e com os outros e a concretização desses desejos numa experiência como a ocupação. Também podemos voltar a citar o impacto do documentário *Acabou a paz, isso aqui vai virar o Chile!*, de Carlos Pronzato (2016), sobre as ocupações das escolas de São Paulo, no desejo e imaginação desses estudantes para materializar a ideia das ocupações.

Vamos abrir aqui um breve parêntese para ampliar esse diálogo. Calvino está situado na corrente literária do realismo fantástico, sendo considerado uma espécie de “discípulo espiritual” de Jorge Luis Borges, um dos principais nomes dessa forma de expressão. Eles estão acompanhados por outros escritores de projeção na literatura mundial como Gabriel García Márquez, Júlio Cortázar e Isabel Allende, entre outros.

Queremos destacar desta informação o papel do realismo fantástico, especialmente na América Latina, como forma de enfrentamento da realidade marcada por regimes ditatoriais e por diversas formas de violência. Ressaltamos também a relação entre o posicionamento político da maioria desses autores e suas criações fantásticas. Sobre Borges, o destaque vai para a intensidade da relação entre sua produção literária e o processo gradual de cegueira que ele enfrentou ao longo da vida.

Pensamos na aproximação entre a literatura e o movimento político, o fluir da imaginação a serviço de outro mundo, de outra realidade ou de outra versão de si mesmo. Olhamos também a relação entre juventude e educação pública, a sinergia entre coletivo e indivíduo atravessando as insuficiências da vida real e ousando imaginar outra escola partindo, justamente, da precariedade como força (sem querer romantizar o precário). Sonhar imaginar-se outro e concretizar. Ou melhor: tornar visível.

Assim, pensamos na visibilidade – enquanto processo da imaginação - também como o florescer de um sujeito político, em suas dores e delícias. É o que sentimos de outro trecho do depoimento da estudante que decidiu cursar História por causa da experiência na ocupação. Ao continuar seu relato sobre os efeitos da ocupação, ela diz:

Então assim, mudou muito a minha vida, a minha forma de ver o mundo, a minha forma de ver os adolescentes que agora eu tenho uma irmã que tá entrando nessa fase, a minha forma de reorganizar a minha mente, de ver a importância da política no mundo, de valorizar isso, de ver a divergência de classe, de enxergar os preconceitos de geral assim, de uma forma muito mais real, de ver aquilo me acertando de verdade e encarar aquilo de frente, sabe. [...] Foi um processo difícil e traumático. Porque eu encarei aquilo como um momento de enfrentar. Já tô aqui, já tô fazendo tudo isso então eu vou enfrentar tudo que eu puder enfrentar... Se tiver

que ter discussões difíceis eu vou ter discussões difíceis porque a gente está construindo um novo momento aqui. Esse é o momento da gente questionar coisas que já vêm enraizadas na gente, questionar tudo. Encarei como isso assim, encarei de perto aberto. [... Eu não sei como eu seria hoje se eu não tivesse passado por aquilo e não tivesse me visto como um sujeito capaz de mudar e transformar, me visse mesmo como um sujeito único... (informação verbal)⁹⁷

O depoimento dos professores entrevistados também passa por essa questão ao trazer suas impressões sobre a diferença do comportamento de alunos e alunas na sala de aula e durante a ocupação, avaliando o impacto do movimento em suas vidas. Um deles comentou que se fosse perguntado sobre quais alunos poderiam se destacar na ocupação a partir do seu comportamento em sala de aula, a aposta não acertaria. Ao citar uma aluna que teve um papel muito relevante na ocupação, ele afirma:

[...] Ela era uma garota que quase não falava nada em sala, muito tímida... Primeiro ano. Ela mudou muito assim. Eu percebo que a experiência que ela teve, que é uma experiência de contestação, né, e de afirmação também como pessoa né diante da discriminação... todo o ambiente da escola vai colocando ela num lugar de obediência que aquele movimento ali contribuiu para que ela quebrasse essa visão e ela se enxergasse de outra maneira... e eu acho que isso aconteceu com vários outros alunos. E eu acho que talvez assim uma avaliação... talvez tenha sido um impacto maior assim no nível pessoal do que como continuidade do movimento político... Tava pensando isso... (informação verbal)⁹⁸

Contudo, não podemos deixar de pontuar que, se os efeitos nas pessoas são de ressonância mais profunda ao inspirar a emergência de sujeitos políticos, a ocupação como visibilidade da escola imaginada - enquanto o espaço propriamente dito - tem seus ecos reduzidos ao esbarrar nos limites impostos pela realidade em que está inserida.

Traduzindo de forma mais clara: enquanto materialidade, essa impressão é percebida nos depoimentos que afirmaram que a escola onde viveram a experiência da ocupação ficou muito pior depois dela. São alguns os motivos para isso: maioria de professores contrários à ocupação por questões relacionadas à autonomia e à hierarquia, a criação de uma narrativa que responsabiliza a ocupação pela piora da escola, a aposentadoria de professores mais engajados, a dificuldade em criar uma memória sobre a ocupação para inscrever outro imaginário sobre ela, a chegada de turmas novas com alunos que não viveram a ocupação. Nesse aspecto, esse cenário não é uma surpresa para um dos professores entrevistados. Ao falar sobre a ocupação e defender que nessa experiência a escola era uma “escola de verdade”, ele comenta:

⁹⁷ Entrevista concedida à autora em 19 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

⁹⁸ Entrevista concedida à autora em 04 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

Política ali viva [...] Não tenho a menor dúvida, aquilo [*a ocupação*] era uma escola... Claro, aquilo era uma escola que não ia sobreviver... Só se houvesse um processo revolucionário... Aquilo refletiria um processo muito maior, aquilo não acabaria... Envolveria até mais gente, os próprios professores e tudo mais, muitos que não se envolveram iam acabar se envolvendo... um processo muito maior.

Recuperando Calvino e a inclusão da visibilidade entre as qualidades escolhidas, sua justificativa está conectada a uma preocupação: considerando a imaginação uma faculdade humana fundamental, como fica a capacidade de imaginar e fantasiar numa sociedade submetida a uma avalanche de imagens? Em suas palavras (CALVINO, 1990, p. 109):

Resta-me esclarecer a parte que nesse golfo fantástico cabe ao imaginário indireto, ou seja, o conjunto de imagens que a cultura nos fornece, seja ela cultura de massa ou outra forma qualquer de tradição. Essa questão suscita de imediato uma outra: que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar a “civilização da imagem”?

Seu alerta também chama a atenção para o vínculo entre imaginação e experiência dentro do regime de hiper fabricação visual. Calvino teme que este regime comprometa justamente a capacidade humana de pensar por imagens uma vez que essa capacidade não precisa mais resultar, necessariamente, da experiência (direta ou indireta) dos indivíduos.

Se o que é possível imaginar está cada vez mais sendo oferecido por uma overdose de informações visuais, há um progressivo esvaziamento da relação entre imaginação e experiência afetando, assim, os significados e diluindo seus efeitos de tal forma que nada se destaca e nada permanece (e aqui pensamos no diálogo desta reflexão com o que já trouxemos sobre experiência com Walter Benjamin no primeiro capítulo). Daí a recomendação de Calvino por uma pedagogia da imaginação (CALVINO, 1990, p. 110):

Penso numa possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair num confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem numa forma bem definida, memorável, autossuficiente, “icástica”.

O elo entre imaginação, experiência e visibilidade – pensando nos termos de uma escola imaginada - aparece para nós mais uma vez na fala de outro estudante muito envolvido com a ocupação da sua escola. Ele destoa um pouco dos outros entrevistados porque já tinha uma aproximação maior com leituras políticas antes da ocupação, por preferência pessoal. Seu interesse por história e política motivou sua participação muito direta no movimento desde o início. Ao lembrar a ocupação e o legado que ela deixou, ele afirma:

[...] o impacto histórico é a referência de que os estudantes não são só meros estudantes, eles são atores políticos... Eu acho que a partir disso a gente consegue vê-los, nos ver, como atores políticos que conseguem se movimentar, fazer barulho,

mudar alguma coisa... por exemplo, a prova do Saerj⁹⁹ que era péssima, ela nunca mais voltou... foi a partir da luta dos estudantes... eu acho que fica o exemplo pra história... e pra educação a autonomia dos estudantes, mostrar que é possível ter uma educação diferente, mais participativa, sabe... eu acho que dá pra estudar por exemplo como o pessoal aprendeu muito mais sobre política, sociologia, história com as ocupações e por que que o pessoal aprendeu muito mais com as ocupações? Eu acho que esse é o impacto importante que [está] sendo estudado, implementado... (informação verbal)¹⁰⁰

Ouvimos esse depoimento e pensamos de novo no que Calvino nos traz sobre a “imaginação como repertório do potencial, do hipotético, de tudo quanto não é, nem foi e talvez não seja, mas que poderia ter sido...” (CALVINO, 1990, p. 109). Pensar na escola imaginada como o que poderia ter sido: na incerteza, na surpresa e na indignação do tempo verbal no futuro do pretérito, quem saberá - contudo - se não há brechas de outros modos de experiência com a escola imaginada aguardando outra atualização inspirada pelas ocupações?

⁹⁹ Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro era uma prova que avaliava o desempenho das escolas estaduais em português e matemática.

¹⁰⁰ Entrevista concedida à autora em 08 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

3.5 Multiplicidade: “[...] a ocupação tirou muito a minha timidez.”

“Ocupou escola e foi parar no Big Brother...”, “Ocupou escola e virou modelo...”, “Ocupou escola e agora é professora...”, “Ocupamos a escola e ela ficou pior...”, “Ocuparam a escola e o Bolsonaro foi eleito...”. Antes de entrarmos no que Calvino traz, vamos na ideia de multiplicidade em seu sentido mais evidente: são múltiplos os caminhos, as escolhas, os ecos e ressonâncias da experiência da ocupação na vida das pessoas. Mais uma vez, não há certo ou errado: há efeito. Outro comentário importante a respeito disso é o fato da experiência estar relacionada, em maior ou menor grau, com expectativas.

Algumas delas são do âmbito individual e referem-se aos sujeitos e as suas próprias trajetórias, sejam como alunos ou professores. Outras partem de quem não viveu a experiência diretamente, mas, enquanto órbita, alimentava desejos (ainda que secretos) de futuro sobre o que observou (como uma pesquisadora observando jovens secundaristas e imaginando que escolhas eles fariam e como seriam quando chegassem na vida adulta). Há, ainda, a já citada expressão “a menina que fala por nós” da Carta Capital sobre a Ana Júlia e a ideia de futuro e esperança associada a ela (e, no caso dela, a expectativa se concretizou). Tudo isso para dizer que é difícil pensar em experiência completamente desconectada de uma expectativa.

Usamos essa reflexão para aproveitar o depoimento do ex-estudante que acabamos de citar na qualidade anterior porque sua trajetória ilustra bem o que queremos dizer. Havia uma expectativa (dele e em torno dele) que ele seguisse um caminho na política após a ocupação. Seu interesse na área de história, seu domínio sobre o tema, sua experiência com o movimento estudantil e seu desempenho na ocupação alimentavam essa ideia. Contudo, o destaque que ele faz sobre o impacto da ocupação na sua vida ressalta outro ponto bem diferente disso:

Assim, o impacto imediato foi incrível... a euforia e tal né. Foi um movimento muito bacana, mas, pensando assim no amplo né, pra vida, é mais difícil pensar assim... Tem muitas influências de organização [*sobre o assédio dos partidos políticos em cima das ocupações para cooptar os estudantes*], de entender como as coisas funcionam, as relações sociais... Eu melhorei, eu era bastante tímido, por exemplo, e aí a ocupação tirou muito a minha timidez... Eu digo assim... eu continuo sendo tímido, mas eu consigo virar uma chavezinha e pego, falo... eu já até trabalhei com vendas pra você ter uma ideia... pela facilidade que eu consegui de me expressar... a partir do movimento político... [...] Nossa, eu consegui falar numa assembleia de professores gigantesca então isso fez com que eu conseguisse me desenvolver bem nesse campo de comunicação... Após a ocupação fiquei um pouco deprimido porque não vi tanto, não vi uma melhora significativa e tal, mas eu já imaginava que não fosse ter coisas muito significativas... É... A ocupação foi incrível, mas acredito que foi um dos braços de luta que... acho que nossas principais vitórias foram no quesito de somar forças aos professores que estavam em greve... mas vitória em si pros estudantes, não teve muita coisa não... (informação verbal)¹⁰¹

¹⁰¹ Entrevista concedida à autora em 08 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

O tom em relação ao futuro que ele imaginava pode até ser fruto, justamente, da sua capacidade de análise. Uma das suas críticas à ocupação fala da falta de foco do movimento e o quanto isso contribuiu para que ele não fosse tão efetivo. Em sua opinião, as ocupações poderiam ter tido pautas como o passe livre, por exemplo. E ele disse que trouxe esse ensinamento para a vida: a necessidade de foco e de objetivo porque “senão você vai atirar para todos os lados e não vai conseguir nada” (informação verbal)¹⁰². Mesmo assim, sua opinião sobre o movimento e a ressonância disso são positivas:

Eu não diria que foi em vão [*a ocupação para os alunos*]... Não, não foi em vão porque foi muito impactante na vida de todos que participaram... A vida de muita gente deu um giro absurdo... [...] Um giro absurdo, abriu muitas perspectivas pra muita gente... eu tenho amigos que estão na política e tal... E tão aí, se dando bem, continuaram nos movimentos políticos e foi muito bom pra consciência política daquelas pessoas que estavam participando, pessoas hoje que são jovens adultos e conseguiram adquirir consciência política, senso crítico... [...] Eu acredito que deveria ter sido mais bem organizado, mas é um monte de jovem na adolescência também não pode se cobrar muito... [...] Sei lá, eu acredito que foi sim um movimento que valeu a pena pra somar forças aos professores, pra organização dos estudantes na época, muitos grêmios foram formados, muita gente entrou pra militância política... Então foi interessante... (informação verbal)¹⁰³

Destacando um ponto do depoimento acima, ele afirma não ter interesse por política partidária hoje em dia. Disse que percebeu uma união das pessoas em torno disso (do movimento estudantil dentro dos partidos), mas que também observou uma confusão em relação a isso:

E o pessoal ficou muito confuso de saber pra onde que ia ... Muita gente ficou perdida: “vou pra um partido, não vou, que que eu faço”... E, digamos assim, a galera foi aliciada mesmo sabe... Pessoal ficou muito em cima [*os partidos políticos*]. E isso foi uma coisa muito negativa. Eu acho que afastou bastante as pessoas porque eles faziam as pessoas entrarem pra um movimento político sem ter muita noção do que cada coisa é e tal... em base da amizade... conheço gente que passou por 3, 4 movimentos políticos diferentes... [...] [*teve gente*] que foi do anarquismo, que participou daquelas coisas... [*depois*] pra PSOL, dentro do PSOL duas correntes diferentes, e agora estão no PT, criaram uma corrente chamada “cria” alguma coisa assim no movimento estudantil... que hoje tá no DCE da UERJ. [...] Eu continuo acompanhando bastante, lendo e tal, mas não atuando... (informação verbal)¹⁰⁴

Sobre os caminhos que aventamos para ele, sua trajetória seguiu um interesse da infância: a computação. Atualmente, ele está chegando ao fim da faculdade de design gráfico. Já trabalhando na área, ele conta de um projeto no qual trabalhou e que teve muito orgulho de fazer parte: a diagramação de um guia com a compilação dos mecanismos de acesso e

¹⁰² Entrevista concedida à autora em 08 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

¹⁰³ Idem

¹⁰⁴ Idem

permanência de todas as universidades públicas do Rio de Janeiro para ajudar os estudantes que estão buscando informações sobre esse tema. Quando questionado se, com isso, ele está fazendo política de outro jeito, ele confirma: “Exatamente!” (informação verbal)¹⁰⁵

A multiplicidade que começamos a esboçar encontra a multiplicidade como qualidade trazida por Calvino dentro da ideia das redes de relações que constituem o romance (que trazemos, por extensão, como rede de relações da própria vida). O autor irá se debruçar sobre o romance como gênero literário capaz de abarcar a pluralidade (CALVINO, 1990, p. 123): “[...] romance contemporâneo como enciclopédia, como método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo”.

Utilizando como exemplo um romance de um autor italiano pouco conhecido (Carlo Emilio Gadda), Calvino vai destacar a identificação que sente entre a sua filosofia e a dele, no sentido de ver o mundo como um “sistema de sistemas”, onde cada “sistema particular condiciona os demais e é condicionado por eles”. Ele vai destacar o esforço de Gadda em representar o mundo como uma espécie de rolo sem atenuar sua complexidade inextricável: “[...] a presença simultânea dos elementos mais heterogêneos que concorrem para a determinação de cada evento” (CALVINO, 1990, p. 123).

Essa maneira de Gadda ver o mundo, Calvino irá atribuir à combinação entre a formação intelectual (engenheiro de rica cultura científica e paixão filosófica), alinhada ao seu temperamento como escritor e suas neuroses (dando vazão a uma gama de angústias e obsessões). Ele cria, assim, uma complexa epistemologia composta por uma variedade de níveis de linguagem e léxicos, caracterizando um enciclopedismo que chega em composições perfeitamente acabadas. Ou seja: muitas camadas de multiplicidade.

Calvino vai eleger a multiplicidade como valor a ser preservado mencionando o papel que a literatura vem desempenhando no sentido de “representar a multiplicidade das relações, em ato e potencialidade”. E acrescenta ainda (CALVINO, 1990, p. 129):

A excessiva ambição de propósitos pode ser reprovada em muitos campos da atividade humana, mas não na literatura. [...] No momento em que a ciência desconfia das explicações gerais e das soluções que não sejam setoriais e especialísticas, o grande desafio para a literatura é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo.

¹⁰⁵ Entrevista concedida à autora em 08 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

A defesa desta qualidade por Calvino também é justificada pelo seu desejo de que a literatura assuma “o gosto da ordem intelectual e da exatidão, a inteligência da poesia juntamente com a da ciência e da filosofia”, combinação que, para o autor, atinge sua versão mais bem acabada na obra de Jorge Luis Borges (CALVINO, 1990, p. 136):

O modelo das redes dos possíveis pode portanto ser concentrado nas poucas páginas de um conto de Borges, como pode constituir a estrutura que leva a romances extensos ou extensíssimos, nos quais a densidade de concentração se reproduz em cada parte separada.

Calvino falará ainda do “princípio de amostragem da multiplicidade potencial do narrável” em relação a sua própria escrita caracterizada por ele como uma “escrita breve”. Um formato que permite “aliar a concentração de invenção e expressão ao sentimento das potencialidades infinitas”, associando essa característica à base da sua proposta de “hiper-romance” (CALVINO, 1990, p. 137).

Essa ideia, contudo, parece dialogar com mais um alerta feito por ele: as generalizações vazias, sem densidade, que parecem começar a povoar o mundo da literatura impregnado de tanta disponibilidade de informação. Advertência que parece situar sua opinião alinhada à crítica ao surrealismo (e a ausência de regras que o caracteriza).

A multiplicidade que ele defende tem a ver com uma trama de sentidos conectados formando o que ele chama de “rede de possíveis”. Percebemos aqui também o diálogo entre essa ideia e o que já apontamos da experiência com Jorge Larrosa: a experiência em toda sua intensidade. E é enquanto potencialidade que retomamos o que começamos a dizer sobre a relação entre experiência e expectativa. Em termos de potencial essa associação tem possibilidades múltiplas como já dissemos.

Falaremos de uma que se “concretizou” no sentido das expectativas (nossas e de alguns estudantes): atuar na política. A estudante que fez História e que muitas vezes ressaltou como a ocupação foi importante para a eclosão dos sujeitos políticos participou de uma organização política antes mesmo do fim da ocupação. Ela e mais um grupo de amigos seguiram nesse caminho e foi uma experiência bastante decepcionante, como ela conta:

Isso que é o mais duro... Eles tinham várias ramificações dentro do partido que engloba a questão negra, a questão da mulher.. Que é incrível, eu não tenho discordância com a política deles... Eu tenho muito acordo com tudo, mas eu sentia que sempre que a minha subjetividade entrava em jogo eu era tachada de pós-moderna e eu acho que é muito difícil não levar em conta a subjetividade. A teoria ela é muito importante, ela é, verdade, incrível, mas a realidade soca, não importa se você não quer, a realidade ela vai se impor, essa que é a real... tem que unir as duas coisas, não tem como... não tem como sem levar em conta as micro subjetividades... (informação verbal)¹⁰⁶

¹⁰⁶Entrevista concedida à autora em 19 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

Ela afirma que na ocupação havia espaço para subjetividade, até certo ponto, e o que ela chama de subjetividade tem a ver com pautas como o feminismo, por exemplo. Ela cita a consciência que ela e mais um grupo de amigas tinham de que elas estavam lá lutando como estudantes por uma escola melhor, mas que, ao mesmo tempo, elas eram meninas com as suas próprias questões e que isso não deixava de existir. Então o desejo delas era inserir naquele contexto pautas que também dialogassem com o feminismo para que elas conseguissem afetar também sua realidade enquanto mulheres. Sua decepção com a experiência institucional é um desdobramento da questão de gênero levantada por ela:

Eu acho que eu me sentia exatamente assim com essa crise mesmo porque o tempo todo eu sentia como se eu fosse uma categoria menor de militante porque, nossa, eu não dominava o Capital, sei lá... Trotski e todos os micro argumentos... [...] e aí eu me sentia, tipo, pequena, assim... Inclusive, nossa, isso foi terrível pra mim durante a faculdade porque desapareceu um pouco a menina combativa do colégio que tava disposta a falar na frente de todo mundo numa assembleia, que tava disposta a peitar e enfrentar os caras... Isso desapareceu um pouco porque eu comecei a me sentir assim “nossa, acho que eu sou meio burra, acho que eu sou meio assim, né, me falta teoria”. Eu passei a não me sentir mais confortável com dar a minha opinião porque eu era tão pititinha frente aos outros do partido que na faculdade eu passei a ser a menina que nunca falava nas aulas e eu sempre falei no colégio, sabe, eu sempre falei. Eu queria falar, mas eu tinha tanta vergonha de falar alguma coisa que as pessoas iam invalidar e falar assim: “nossa, filha, por favor, de onde que você vem...” que isso foi bem ruim durante a faculdade... assim interferiu bastante na minha vida esse meu período na militância e depois eu demorei a perceber que eu sentia isso porque eu queria ser como eles... (informação verbal)¹⁰⁷

Ela afirma que passou a faculdade inteira com essa vergonha porque ela só se desvencilhou da organização no meio da pandemia, já quase no fim da graduação. Ela demorou um tempo para perceber isso tudo e criar coragem para sair. E afirma: “Nossa, bizarro como a gente vai percebendo as coisas com o passar dos anos...” (informação verbal)¹⁰⁸

Perto de terminar a graduação, ela responde que seu trabalho de conclusão de curso é sobre as quitandeiras, sobre as mulheres forras que conseguiram enriquecer no Rio de Janeiro, na Bahia e em Minas Gerais e que deixaram testamentos. Quando perguntada sobre seguir carreira acadêmica, ela responde

Atualmente eu tô tendo uma dificuldade de me reconectar com o mundo acadêmico. Num primeiro momento eu queria muito fazer mestrado, queria continuar, fazer doutorado, queria tudo isso... Só que eu acho que bateu na porta, a necessidade foi mais alta eu tive que ir, não teve jeito... Hoje em dia eu gosto da área da saúde, mas nada como História. [...] Eu tava fazendo o TCC a primeira parte e aí comecei a trabalhar aí desde então eu não consigo me reconectar. Aí agora eu tô voltando a me sentir incompetente sabe... “meu deus será que eu vou conseguir pegar um livro e tirar alguma coisa dali, será que eu vou conseguir escrever um TCC?” São várias

¹⁰⁷ Entrevista concedida à autora em 19 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

¹⁰⁸ Idem.

coisas que envolvem... Acho que envolve também a ansiedade pelo fim do que vai ser depois... talvez eu esteja adiando isso... (informação verbal)¹⁰⁹

Este depoimento nos faz pensar na ideia de hiper-romance de Calvino e sua rede de possíveis em ato e potencialidade. O que pode ser pensado também como a própria constituição das nossas vidas e o que vamos tecendo nos caminhos e descaminhos das tramas em que estamos inseridos. Calvino falará disso no trecho que talvez seja o mais conhecido deste livro que usamos intensamente:

[...] quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.

Nas muitas camadas de multiplicidade que constituem essas experiências com a ocupação, percebemos todas as qualidades trazidas por Calvino. Há leveza, rapidez, exatidão e visibilidade, em maior ou menor grau em todas elas, compondo uma dança de efeitos e afetos. A contracapa de *Seis propostas para o próximo milênio* traz uma afirmação que ilustra bem seu desejo: uma declaração de ética, mais que de poética. Virtudes que orientem não apenas os escritores, mas cada um dos gestos de nossa existência.

Os relatos dessas experiências nos causam alguns embrulhos no estômago, alguma alegria, às vezes uma vontade de gritar. Também fazem pensar, dialogar, questionar, analisar. E, assim como Calvino, somos levados a desejar, ainda que isso extrapole os objetivos da pesquisa. É desse lugar, então, que acenamos e desejamos a essas experiências, que ainda estão sendo escritas, cada vez mais ato e potência no sentido de ajudar a responder em cada trajetória a pergunta de Caetano (1979): “Existirmos a que será que se destina?”

¹⁰⁹ Entrevista concedida à autora em 19 ago. 2023 (ENTREVISTA, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começo essas considerações finais pensando um pouco sobre os ecos e ressonâncias das ocupações em mim. Partindo do meu pertencimento ao coletivo de pesquisadores que também se dedicam a este tema, nas mais diversas áreas, há uma fusão de sentimentos e questionamentos. Depois de tanto tempo investigando as ocupações e após escrever uma dissertação e uma tese sobre elas, eu saio, talvez, com mais perguntas do que respostas.

E uma das perguntas que me faço é se os outros pesquisadores também se sentem assim. Uma ideia que brota disso é a vontade de organizar um encontro nacional de pesquisas sobre as ocupações, haja vista o corpo que este tema ganhou no universo acadêmico (corroborando, junto a outros fatores, sua importância). Quem sabe eu encontro fôlego para isso no futuro ou encontre pessoas que também estão pensando nisso.

Penso também se os muitos olhares sobre as ocupações conseguem preservar sua complexidade diante da dificuldade de análise que este tema impõe, seja por sua natureza um tanto disruptiva ou mesmo pela proximidade temporal que nos torna ainda muito próximos de seus efeitos. Não uma preservação num sentido conservador do termo, mas uma noção equilibrada entre as portas que as ocupações dos secundaristas abrem e, ao mesmo tempo, seus limites. Alguma coisa entre denúncia e anúncio, entre rupturas e continuidades.

Localizando as ocupações dentro desta década tão intensa que estamos vivendo (2013-2023) e que, seguindo um certo coro, tem as Jornadas de Junho como marco, sou levada a pensar, entre muitos sentimentos, que o que aconteceu em 8 de janeiro de 2023 ainda é uma ressonância deste período, por mais difícil (de engolir) e complicado que isso possa parecer. Afinal, os acampamentos que vimos espalhados pelo país, localizados em espaços públicos, marcados por uma força coletiva organizada majoritariamente pelas redes sociais também foram uma espécie de ocupação. São muitas forças em jogo e deixo esse delicado debate no ar para futuras interpretações.

Retomando o que me afeta, quero deixar registrado que eu construí uma trajetória acadêmica de pós-graduação pesquisando um movimento em que eu acredito muito, conectando minha experiência com a experiência de pessoas que eu respeito demais. Eu não sei responder, exatamente, o que significa acreditar nesse movimento, mas tenho algumas pistas. Uma delas tem a ver com uma frase do Comitê Invisível que já citei (2016, p. 176) e que, de certa forma, foi um farol para este trabalho: “Um movimento só vive pela série de

deslocamentos que opera ao longo do tempo”. Talvez repouse nesses deslocamentos a minha crença. Eu acredito neles, ainda que eles pareçam pouco perceptíveis diante da grandeza das forças instituídas hegemonicamente.

Mas também acredito que isso é próprio das fissuras, das brechas tímidas que vão silenciosamente escavando caminhos, possibilidades, parecendo inofensivas até atingirem um ponto de não retorno ao que era antes. Grada Kilomba, ao analisar a complexidade do Brasil por ocasião da atual Bienal de São Paulo (da qual é uma das curadoras), afirma com espanto como o país combina, de uma forma muito singular, atrasos e avanços, constituindo uma espécie de polaridade onde não se sabe muito e sabe-se tanto ao mesmo tempo. Em sua opinião, existe essa negação e também existe uma nova geração que sabe muito e está pronta a aprender. Diz ela que o Brasil é uma cozinha do futurismo: “Aqui está a acontecer o futuro” (FELLET, 2023). Eu concordo.

Para além das respostas que não tenho, eu tenho outros sentimentos. Um deles é uma profunda satisfação. Com frequência ouço relatos de experiências muito traumáticas com a pós-graduação. Não sei se foi sorte minha ou mérito das minhas escolhas (ou os dois juntos), mas meu processo foi extremamente prazeroso (tanto no mestrado quanto no doutorado), apesar de muito cansaço e dos acasos que não estavam sob meu controle e que só coube a mim atravessar.

Eu estudei exatamente o que eu queria estudar, tive excelentes professoras, professores, colegas e amigos, debates, e fui apresentada a novas ideias, conceitos, autoras e autores que gostei demais, a ponto de, no fim deste processo em que me encontro bastante cansada, estar fazendo planos para as leituras que não consegui fazer.

Alguns planos para esta tese eu não realizei. Um deles - talvez o que eu mais lamento - era falar um pouco mais da coletivA Ocupação, ir a São Paulo, assistir seus processos de criação, entrevistar e conhecer esses estudantes que ecoaram as ocupações para o mundo combinando arte e luta política. Enfim, conhecer de perto suas trajetórias e o impacto das ocupações em suas vidas porque considero o trabalho deles uma ressonância de uma grandeza absurda. Deixarei isso para a continuidade da minha investigação que seguirá de outras formas após a pressão de um prazo a cumprir e uma tese para entregar.

Minha satisfação também vem das minhas parcerias porque não se atravessa um doutorado sozinha. Um doutorado é feito de simpatias, sinergias, conexões, disposições, caminhos e descaminhos, elos. Já citei autores e autoras, professores, amigos, todos companheiros de trajetória e de experiência, e quero destacar mais uma vez essa geração que

apostou na manhã desejada. E mesmo que essa manhã não tenha sido exatamente o que esses estudantes pleitearam, eles experimentaram o sabor de uma insurreição, ainda que pontual, ainda que temporária. Em quais (e quantas) formas essa experiência os habitará, só o tempo irá dizer. Só o que não mudará do que ficou é que eles estavam juntos e João Cabral de Melo Neto já nos disse que “um galo sozinho não tece uma manhã” (MELO NETO, 1994). Não sabemos o que virá, mas sempre haverá novas manhãs.

Muitas e muitas páginas desta tese foram escritas após grandes episódios de choro. Pelo meu irmão, pelo que poderia ter acontecido ao meu pai, pela Heliana, pelo cansaço que envolve tudo isso porque manter-se de pé e bem, diante de algumas coisas, exige uma força abissal. Quando esses episódios de tristeza vinham fortes, eu deixava eles me atravessarem, como uma contração, como uma onda. Algumas vezes pensei que eu não queria ter que ter uma tese para escrever justamente neste momento da minha vida e, por um certo tempo, pensei que escreveria uma tese protocolar, apenas para cumprir a exigência que um doutorado pede.

O verbo parir, no sentido literal e metafórico, foi uma marca desse meu processo. No mesmo período da minha vida, eu pari uma criança, uma tese e uma dor. Três experiências que eu não conhecia antes do doutorado. E para parir é necessário a sua própria força, mas é necessário também muito apoio e muitas mãos que te ajudam a atravessar. Quando voltei a escrever, após os primeiros meses mais críticos de luto, me deparei de novo com Larrosa: “[...] Então, com que cara vamos seguir adiante? Qual é a cara viva, estremecida, com a qual possamos afirmar a vida? Com que cara encarar o que nos acontece? Qual é a voz viva, trêmula, balbuciante que corresponde a essa cara, qual é a língua que lhe convém? [...]”

Eu estava falando das ocupações, mas, sem saber, também estava falando para mim. E veio o Calvino e toda sua força e delicadeza ao trazer a leveza como uma forma de atravessar aquilo que nos acontece, mais uma vez. Algo que eu também estava buscando e que uma grande amiga irmã me fez perceber ao dizer que fazia muito sentido que eu inserisse leveza na minha tese.

E, por fim, vieram as entrevistas e uma forte sinergia entre a minha experiência como pesquisadora das ocupações, a experiência das pessoas que entrevistei e o encontro das nossas trajetórias. As conversas com meus entrevistados, embora tenham trazido algumas lembranças duras e constatações difíceis, tiveram, em comum, o contato com uma memória afetiva em que nos vimos recuperando detalhes e situações de uma experiência muito marcante em nossas vidas.

A gente se agradeceu na mesma medida e intensidade: agradei por aceitarem conversar comigo depois de tanto tempo e, principalmente, por acionarem memórias de alguns sentimentos que ainda são muito atuais. Eles me agradeceram por eu ter insistido no tema e por ter me interessado por suas histórias e opiniões. Alguns me disseram que estavam se sentindo “importantes” ao relatarem suas experiências e a oportunidade da nossa conversa foi uma ajuda para revisitarem algumas lembranças sobre a ocupação.

Todos nós (pesquisadora, ex-secundaristas e professores) partilhamos um orgulho por fazer parte desse movimento, apesar de tudo. Temos a sensação de que participamos juntos de algo grande, cada um ocupando seu papel. Eles e elas fizeram acontecer. Eu registrei. Estávamos, cada um a seu modo, tecendo uma manhã.

Dos apoios que citei, cabe inclusive o acaso: acho que pouquíssimas pessoas começam uma licenciatura no mesmo ano em que estão terminando um doutorado. A oportunidade chegou até mim (sendo, inclusive, o último assunto entre eu e meu irmão antes dele morrer) e, apesar de ter ficado receosa pela quantidade de coisas (porque não tenho o perfil multitarefa) e pelo tempo que o novo curso tomaria das minhas horas que deveriam ser usadas para escrever, resolvi encarar. A licenciatura em Artes Visuais funcionou como uma arteterapia onde pude desaguar o luto, me ajudando não só a retomar a escrita, mas também inspirando diálogos e reflexões que acabaram entrando neste trabalho (como a ideia de falar dos cartazes das ocupações, por exemplo).

Sem eu ter planejado, tudo que compõe esta tese – autores, pessoas e suas histórias de vida, músicas, poemas, filmes, experiências, acaso – me ajudou a atravessar. É impossível olhar para esse processo apenas como uma experiência acadêmica pelo tanto da minha vida que há nela. Que bom que eu tive uma tese para escrever!

Ampliando a ideia de ecos e ressonâncias para aquilo que está além de mim e da minha experiência propriamente dita, quero trazer, ainda, duas cenas - uma da ficção e outra da realidade - para ilustrar duas situações que têm muito a ver com as ocupações e seguem instigando minhas reflexões.

O filme *Marte Um* (2022), de Gabriel Martins, retrata a vida de uma família negra da periferia de Belo Horizonte. O menino Deivinho (Cícero Lucas) tem o sonho de ser astrofísico e participar da missão Marte Um para colonizar o planeta Marte. O pai, Wellington (Carlos Francisco), é porteiro num prédio de classe média alta e deposita seu sonho de uma vida melhor na expectativa de transformar Deivinho em jogador de futebol. A mãe, Tércia (a maravilhosa Rejane Faria), é empregada doméstica e vive entre a rotina da casa onde trabalha

e as obrigações de esposa e mãe em sua própria casa. Eunice (Camilla Damião), a filha mais velha do casal, está entrando na vida adulta e ensaia os primeiros passos para sair de casa.

Tudo isso num Brasil que acaba de eleger o primeiro presidente de extrema-direita da sua história. Uma família que se ama muito e onde cada membro vive as agruras e delícias de suas questões individuais atravessadas pelas pressões de ordem material e subjetivas que estão colocadas na sua realidade.

Eunice decide sair de casa para ir morar com a namorada diante do misto de inconformidade e surpresa do pai e do apoio triste da mãe. No dia em que Eunice vai embora, ela sobe na laje de casa onde o pai está para se despedir. Ele está terminando de limpar uma cadeira antiga que ele reformou. A cadeira tinha sido do seu pai, avô dela, e ele dá de presente para ela levar para casa nova, num gesto delicado, emocionado e arrebatador que fala de materialidade, de herança, de amor, de apoio.

Na vida real, Eloiza é uma ex-secundarista que ocupou sua escola. Mais do que ocupar, ela foi uma das estudantes que se destacou muito na ocupação, assumindo uma postura bem diferente do seu comportamento como aluna no funcionamento padrão da escola. A ocupação despertou na Elo muitos sentimentos e versões de si mesma que ela não conhecia.

Entrevistei a Elo para a dissertação, em 2016, e uma das perguntas feitas a ela foi sobre o apoio da família à ocupação. Uma das coisas que ela contou foi o conflito de narrativas enfrentadas com o pai. Ele acompanhava as notícias depreciativas sobre as ocupações feitas pela televisão, ao que Elo rebatia dizendo: “Você prefere acreditar na Globo ou em mim que tô lá vivendo a ocupação?”

Elo, moradora do subúrbio do Rio de Janeiro, é filha de uma empregada doméstica e afirmava estar participando da ocupação pensando na melhoria da escola para os próximos que viessem a estudar nela. Retomando o assunto sobre o apoio do pai, ela me respondeu: “Meu pai é vassoureiro e ele não apoia a ocupação, mas ele me deu uma vassoura para varrer a escola.” Nunca esqueci dessa frase e para quem eu contei essa história ao longo dos anos, todos me responderam com uma expressão admirada.

Volto ao Calvino e imagino o que ele escreveria a respeito da consistência, a última qualidade escolhida por ele. Seja sobre a cadeira da ficção ou sobre a vassoura da vida real, penso no tanto de consistência presente nesses gestos, especialmente no gesto do pai na vida da Elo e o reconhecimento da importância da participação da filha num movimento de tanta

intensidade como foi a ocupação. Na beleza que existe em não concordar, mas em respeitar o momento da filha e a imensidão desse gesto político.

Elo não foi entrevistada para esta tese porque se transformou numa pessoa pública de difícil acesso e comunicação, com uma intensa agenda de trabalho. Eu consegui retomar o contato com ela depois de alguns anos, mas não tive mais respostas sobre a possibilidade de entrevistá-la e falar dos ecos e ressonâncias da experiência da ocupação na sua vida.

Talvez, penso eu, não seja necessário fazer essa entrevista. Ou melhor: a própria impossibilidade de encontrar com ela já fala de uma trajetória. O mesmo vale para Lucas Koka Penteado, em São Paulo, e para Ana Júlia, no Paraná. Consegui chegar até eles para um primeiro contato, mas a conversa não avançou por conta da quantidade de compromissos em que estão envolvidos como figuras públicas da política e do entretenimento.

Eloiza saltou de Madureira, das pistas de skate do Meier e da ocupação do Cairu para ocupar, como modelo, as campanhas publicitárias da Adidas e a capa da Vogue Brasil. Uma trajetória um tanto singular para a menina extremamente tímida que aflorou na ocupação de sua escola e que precisou lidar com os impactos do movimento em sua saúde mental. A popularidade da Elo na ocupação assumiu intensidades diversas que foram traduzidas em reconhecimento, cansaço e muita pressão psicológica, principalmente no retorno das aulas após a ocupação, de acordo com os poucos relatos que consegui. E as mudanças da sua vida infelizmente não continuaram sendo acompanhadas por sua mãe porque ela faleceu no ano passado.

As mudanças na trajetória da Elo são de muitas ordens. Há o impacto óbvio referente a uma materialidade da vida e há inúmeros efeitos impulsionados pelo lugar que ela ocupa atualmente. Ela não foi para a educação e nem para a política (como queriam algumas expectativas em torno dela). Elo, mulher negra da periferia, ex-estudante que ocupou sua escola pública, entrou para o alto circuito da moda e participa agora do intrincado jogo ilustrado, por exemplo, pelo fato de grandes marcas requisitarem seu rosto. O que uma tradicional marca da alta joalheria carioca onde um par de brincos (!) custa quase R\$ 90.000,00 (!) quer dizer ao ter a Eloiza como modelo?

Sabemos que isso é novo, impensável há algum tempo, e que isso é um efeito, entre outros, de muitas disputas. Tem a ver com o delicado e explosivo debate sobre a capacidade do capitalismo de absorver discursos e se reinventar para continuar se reproduzindo e com uma série de movimentos de ocupação, não só os de escola. Da literal ocupação de espaços físicos à ocupação de espaços narrativos, circuitos de consumo, lugares de fala,

representatividades, profundas subjetividades envolvendo um cabedal constituído entre classe, raça e gênero. E tudo isso é absolutamente político. Muitas questões que esta tese não irá responder, mas que deixa como inspiração e aperitivo para trabalhos futuros que possam seguir os rastros deixados por uma experiência como as ocupações.

É uma contradição Eloiza vir de onde veio, ter participado de um movimento como as ocupações, ter pleiteado uma escola pública melhor e estar onde ela está agora? Não, de forma alguma. Não é sobre isso e não é sobre um final feliz. Aliás, certa linha de pensamento dirá que a inserção e absorção das chamadas (e, por vezes, criticadas) “pautas identitárias” (de gênero, de raça, de orientação sexual, entre outras) são uma concessão simpática de espaço dos grandes circuitos econômicos que, no fundo, não altera a “verdadeira” exploração capitalista. O que eu discordo e deixarei para falar sobre isso em artigos futuros.

A trajetória da Elo está dentro da ideia de falar dos ecos e ressonâncias das ocupações. Sua trajetória não é melhor ou pior do que as dos outros entrevistados para esta tese (aliás, essa classificação sequer faz sentido). Contudo, seu percurso eleva a experiência da ocupação, dentro do que já foi falado sobre multiplicidade, a uma gama de possibilidades e debates envolvendo experiência, classe, raça e gênero. Mesmo sem entrevistá-la agora, sei que aonde ela for a ocupação irá com ela. No que ela aceitar e rejeitar, no que ela silenciara e explodirá, no que ela se transformar, nos circuitos onde ela estiver inserida e nas disputas narrativas que ela propuser. Eloiza representa o encontro de muitos movimentos.

Os ecos e ressonâncias das ocupações seguem em curso. Na ponte feita com a arte através do audiovisual e do teatro, no cenário político onde a juventude está representada, em muitos outros cenários e, principalmente, em todos nós. As ocupações permanecem como uma experiência individual e coletiva de vidas e narrativas que se encontraram e que ecoam, criam e recriam outros efeitos, operando deslocamentos que continuam merecendo nossa atenção porque, como bem afirma o Comitê Invisível (2016, p. 52): “[...] Ninguém pode antecipar a potência de um encontro.”

*

Pausa para existir...

A aprovação para o doutorado. A gravidez. A mudança de orientação. A pandemia. O isolamento. O nascimento da filha (e da mãe). O puerpério. A morte da avó que não conheceu

a primeira bisneta, por covid. A convulsão, entubação, UTI, uma semana de hospital da filha de 1 ano e 9 meses, por covid. A morte súbita, absolutamente inesperada, do único irmão que deixou também o pai, a mãe, a esposa e o filho de apenas 10 meses. A vida suspensa. O luto INOMINÁVEL. 40 dias depois, o infarto do pai, o stent, o susto, o fôlego. Nos meses finais do doutorado, a internação e o afastamento da orientadora.

Esta tese é, acima de tudo, sobre travessia.

REFERÊNCIAS

A **REBELIÃO** dos pinguins. Direção: Carlos Pronzato. Produção de Carlos Pronzato. Salvador: La Mestiza Audiovisual, 2007. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=CUKEfloy70> > Acesso em: 10 out. 2022.

ACABOU a Paz, isto aqui vai virar o Chile! Direção: Carlos Pronzato. Produção de Carlos Pronzato. Salvador: La Mestiza Audiovisual, 2016. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=F4r33toLdNc> > Acesso em: 10 set. 2023.

ANA JÚLIA RIBEIRO. Site pessoal. Disponível em < <https://anajuliaribeiro.com.br/> > Acesso em: 18 nov. 2023.

ANITTA LATINA. **Anitta sobre vestido vermelho no VMAs: “Pra melhora do Brasil”**. Canal no Youtube, 28 ago. 2022. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=QjQIUh9SGcY> > Acesso em: 30 jul. 2023.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estudos culturais: o quê e o como da investigação**. Carnets, Première Série - 1 Numéro Spécial | 2009, 451-461. Disponível em < <https://journals.openedition.org/carnets/4382> > Acesso em: 30 set. 2023.

BARBOSA, Fernanda. **Ocupo, logo existo: ocupações secundaristas e o tecer de outra educação possível**. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

BARBOSA, Luiz Guilherme. **A literatura depois das ocupações secundaristas**. Revista Z Cultural: Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (UFRJ), Rio de Janeiro, ano XIII, n. 1, 2018. Disponível em < <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2018/07/A-LITERATURA-DEPOIS-DAS-OCUPA%C3%87%C3%95ES-SECUNDARISTAS-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf> > Acesso em: 11 dez. 2022.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas v.1. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240.

BERGAMO, Mônica. **Conar abre processo ético contra Volkswagen por uso de imagem de Elis em propaganda**. Folha de São Paulo. São Paulo, SP, 10 jul. 2023. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2023/07/conar-abre-processo-etico-contra-volkswagen-por-uso-de-imagem-de-elis-em-propaganda.shtml> > Acesso em: 11 jul. 2023.

BETIM, Felipe; ROSSI, Marina. **As imagens do que acontece quando estudantes protestam em São Paulo**. El País, São Paulo, 4 dez. 2015. Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/03/politica/1449172759_306162.html > Acesso em: 20 mai. 2023.

BIVAR, Manuel; CARMO, Miguel. **OCUPAÇÃO: uma carta de São Paulo**. Comitê para a abolição das dívidas ilegítimas, 6 jun. 2016. Disponível em < <http://www.cadtm.org/OCUPACAO-uma-carta-de-Sao-Paulo> > Acesso em: 20 mai. 2023.

BORGES, Scarlett; SILVA, Rodrigo. **Condição adolescente e socialização política nas ocupações secundaristas em Caxias do Sul, RS**. Práxis Educativa, v.14 n.º.3 Ponta Grossa set./dez 2019. Disponível em < http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092019000301049&script=sci_arttext > Acesso em: 10 dez. 2022.

BRASIL DE FATO. **Estudantes secundaristas ocupam mais de 700 escolas pelo país**. São Paulo, 18 out. 2016. Disponível em < <https://www.brasildefato.com.br/2016/10/18/estudantes-secundaristas-ocupam-mais-700-escolas-pelo-pais> > Acesso em: 10 mai. 2023.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPAI, Eliza. Perfil pessoal no Instagram. Post do dia 01. Fev. 2021. Disponível em < <https://www.instagram.com/elizacapai/> > Acesso em: 26 out. 2023.

CARRANÇA, Thais. **Jovens 'sem religião' superam católicos e evangélicos em SP e Rio**. BBC News Brasil. São Paulo, SP, 9 mai. 2022. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257> > Acesso em: 03 jul. 2023.

CARTOLA. **O mundo é um moinho**. Rio de Janeiro: Marcus Pereira, 1976. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ud9PIROstDw> . Acesso em: 25 out. 2023.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARVALHO, Rone. **Por que o Brasil tem a população mais ansiosa do mundo**. Portal G1, 27 fev. 2023. Disponível em < <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/02/27/por-que-o-brasil-tem-a-populacao-mais-ansiosa-do-mundo.ghtml> > Acesso em: 05 set. 2023.

CASA DO POVO. Centro de cultura que revisita e reinventa as noções de cultura, comunidade e memória. Disponível em < <https://casadopovo.org.br/> > Acesso em: 17 jul. 2023.

CASTILHO, Fernanda Castilho; ROMANCINI, Richard. **“Como ocupar uma escola? Pesquisa na Internet!”: Política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil**. Intercom Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.40, n.2, p.93-110, maio/ago. 2017. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/319308124_Como_ocupar_uma_escola_Pesquisa_na_Internet_politica_participativa_nas_ocupacoes_de_escolas_publicas_no_Brasil > Acesso em: 24 jul. 2023

CAZÉ, Rafael. **Sininho, criadores e criatura**. Observatório da Imprensa, 5 ago. 2014. Disponível em < https://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/_ed810_sininho_criadores_e_criatura/ > Acesso em: 25 jul. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. 22ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CÉSAR, Chico. **Estado de Poesia**. São Paulo: Urban Jungle, 2015. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=krgPPze689Y> > Acesso em: 02 out. 2023.

coletivA ocupação. Território de investigação de diferentes linguagens, gestos e narrativas através de levantes e combates que ocupam novos espaços. Disponível em < <https://www.coletivaocupacao.com/> > Acesso em: 26 out. 2023

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: crise e insurreição**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROPPPO, Luís Antonio (Orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

COSTA, Juliana; PERUFFO, Gabriela. **Revoltas estudantis em São Paulo: levante das juventudes e a representação dos corpos em filmes sobre as ocupações secundaristas**. Toma Uno, nº 9, 2021.

COSTA, Lilian. **#OcupaCairu: juventude e luta política a partir da ocupação de uma escola no subúrbio do Rio de Janeiro**. 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

_____. **Registros fotográficos dos cartazes da ocupação do Colégio Estadual Visconde de Cairu**. Rio de Janeiro, abril a agosto de 2016.

CRUZ, Diego. **Ocupações feitas por estudantes em escolas de SP mostram resistência heróica**. Site do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. 02 dez. 2015. Disponível em < <https://www.pstu.org.br/ocupacoes-feitas-por-estudantes-em-escolas-de-sp-mostram-resistencia-heroica/> > Acesso em: 10 mai. 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVID, Kevin; FERNANDES, Sarah. **Documentário sobre ocupações de escolas terá duas exibições gratuitas**. Rede Brasil Atual, 29 abr. 2016. Disponível em < <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/documentario-sobre-ocupacoes-de-escolas-tera-duas-exibicoes-gratuitas-6599/> > Acesso em: 11 mai. 2023.

DEREVECKI, Raquel. **Governo do PT acaba oficialmente com programa de escolas cívico-militares**. Jornal Gazeta do Povo. Curitiba, PR, 21 jul. 2023. Disponível em < <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/governo-do-pt-acaba-oficialmente-com-programa-de-escolas-civico-militares/> > Acesso em: 16 out. 2023.

DEUTSCHE WELLE. **‘Desviando atenção’: o que está por trás dos apelos de magnatas para regular IA.** 17 nov. 2023. Tilt UOL. Disponível em < <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/11/17/o-que-esta-por-tras-dos-apelos-de-magnatas-para-regular-a-ia.htm>. Acesso em: 17 nov. 2023.

DIOS, Valesca Canabarro. **Jovens e seus celulares: narrativas audiovisuais produzidas nas ocupações de 2015.** 2017. 88 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Inteligência e Design Digital) – Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

ENTREVISTA. Série de entrevistas realizadas pela autora nos dias 02, 03, 04, 07, 08 e 19. ago. 2023.

ESPERO Tua (Re)volta. Direção: Eliza Capai. Produção de Mariana Genescá. São Paulo: Taturana Mobi, 2019.

FELLET, João. **Arquitetura no Brasil perpetua violência colonial, diz escritora Grada Kilomba.** BBC News Brasil. São Paulo, SP, 21 out. 2023. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjr0vg704elo> > Acesso em: 19 nov. 2023.

FERNANDES, Maria Clara. **O governo das juventudes, o imperceptível e estranho aos controles: as ocupações dos secundaristas no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2019.

FILME B BOX OFFICE BRASIL. Banco de dados sobre cinema. Disponível em < <http://www.filmebboxofficebrasil.com.br/Login> > Acesso em: 26 out. 2023.

FREITAS, Camilla. **Com Anitta e mais famosos, Brasil se mobiliza pelo voto de adolescentes.** Ecoa Uol. São Paulo, SP, 25 mar. 2022. Disponível em < <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/03/25/com-anitta-e-mais-famosos-brasil-se-mobiliza-pelo-voto-de-adolescentes.htm> > Acesso em: 30 jul. 2023.

G1SP. **Efeito Anitta: número de jovens de até 17 anos que tirou título de eleitor cresce 31% em março, na comparação com fevereiro, diz TRE.** Portal G1 Globo.com. São Paulo, SP, 04 abr. 2022. Disponível em < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/04/04/efeito-anitta-numero-de-jovens-de-ate-17-anos-que-tirou-titulo-de-eleitor-cresce-31percent-em-marco-na-comparacao-com-fevereiro-diz-tre.ghml> > Acesso em: 30 jul. 2023.

GONÇALVES, Juliana. **Primavera Secundarista pressiona, mas governo segue negando diálogo.** Intercept Brasil, 27 out. 2016. Disponível em < <https://www.intercept.com.br/2016/10/27/primavera-secundarista-pressiona-mas-governo-segue-negando-dialogo/> > Acesso em: 15 mai. 2023.

GONZAGUINHA. **E vamos à luta.** Rio de Janeiro: EMI/Odeon, 1980. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=CaeOcA7OowQ> > Acesso em: 02 out. 2023.

GRÊMIO LIVRE. **Como ocupar um colégio?** 21 out. 2015. Disponível em < <https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/> > Acesso em: 25 jul. 2023.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JANUÁRIO, Adriano; MEDEIROS, Jonas; MELO, Rúion (Orgs.). **Ocupar e resistir: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016)**. São Paulo: 34, 2019.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LUZ, Igor. **O que é SLAM? Poesia, educação e protesto**. 12 nov. 2019. Disponível em < <https://profseducacao.com.br/artigos/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> > Acesso em: 13 dez. 2022.

MARTE Um. Direção: Gabriel Martins. Produção: Gabriel Martins, Maurílio Martins, André Novais Oliveira, Thiago Macêdo Correia. Belo Horizonte: Filmes de Plástico, 2022.

MASELLI, Juliana. **Paola Carosella cozinha em escola ocupada por estudantes em São Paulo**. Site do Globo.com, 7 dez. 2015. Disponível em < <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/12/paola-carosella-cozinha-em-escola-ocupada-por-estudantes-em-sao-paulo.html> > Acesso em: 15 jun. 2023.

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Verbete radical Disponível em < <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=radical> > Acesso em: 23 out. 2023.

MÍDIA NINJA. **Secundaristas Ana Julia na Alep**. Perfil no Facebook. 26 out. 2016. Disponível em < <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/videos/secundaristas-ana-Júlia-na-alep/748279895330158/> > Acesso em: 11 jul. 2023.

NUNES, Mateus. **Documenta 15 repensa a arte por meio da coletividade**. Select Arte e Cultura contemporânea. 23 jun.2022. Disponível em < <https://select.art.br/documenta-15-repensa-a-arte-por-meio-da-coletividade/> > Acesso em: 17 jul. 2023.

O ANTAGONISTA. **Nikolas é alvo de nova representação por dizer que ser homossexual é pecado**. 14 jun. 23. Disponível em < <https://oantagonista.com.br/brasil/nikolas-e-alvo-de-nova-representacao/> > Acesso em: 30 jun. 2023.

O AUTO da Compadecida. Direção: Guel Arraes. Produção: Daniel Filho. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2000.

O GLOBO. **Lucas sai do BBB após festa que teve beijo em Gil e discussão generalizada**. Rio de Janeiro, RJ, 07 fev. 2021. Disponível em <

<https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/lucas-sai-do-bbb-apos-festa-que-teve-beijo-em-gil-discussao-generalizada-24872946> > Acesso em: 08 dez. 2022.

OLIVEIRA, Eloiza; OLIVEIRA, Floriano; AMADO, Luiz Antonio Saléh (Orgs). **Políticas Públicas e Formação Humana: contribuições para o futuro**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

OUTRAS PALAVRAS. Meu nome não é Sininho. 18 jul. 2018. Disponível em < <https://outraspalavras.net/entrevistas/meu-nome-nao-e-sininho/> > Acesso em: 25 jul. 2023.

PARDO, Ana Lúcia Ribeiro. **Ética-estética dos protestos: atores e personagens na cena política**. 2018. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio do assombro**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

PLATAFORMA PARENTESIS. Plataforma independente de pesquisa, produção e publicação de projetos artísticos e curatoriais. Disponível em < <http://www.plataformaparentesis.com/site/sobre/> > Acesso em: 29 nov. 2022.

QUADROS, Elisa. Perfil pessoal no Instagram. Disponível em < <https://www.instagram.com/elisaquadros/> > Acesso em: 25 jul. 2023.

RAMALHO, Zé. **Admirável Gado Novo**. Rio de Janeiro: Epic, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YwqoeKlaJQs> Acesso em: 25 out. 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

REUTERS. **Grupo que inclui Elon Musk pede pausa em inteligência artificial, cita “riscos à sociedade”**. Infomoney. 29 mar. 2023. Disponível em < <https://www.infomoney.com.br/negocios/grupo-que-inclui-elon-musk-pede-pausa-em-inteligencia-artificial-cita-riscos-a-sociedade/> > Acesso em: 02 jul. 2023.

RIBEIRO, Matheus. **Lucas Koka Penteado – Slam – Espero tua (re)volta**. Canal no youtube. 18 mar. 2020. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=11houQiqgaI> > Acesso em: 13 dez. 2022.

RUSSO, Renato. **Tempo Perdido**. São Paulo: EMI, 1986. Disponível em: <https://youtu.be/zpzoG5KGaHg> Acesso em: 25 out. 2023.

SANTOS, Emily. **Após críticas e consulta pública, projeto de lei que muda Novo Ensino Médio é enviado para o Congresso**. G1, 24 out. 2023. Disponível em < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/10/24/apos-criticas-e-consulta-publica-sobre-reforma-mec-apresenta-proposta-para-novo-ensino-medio.ghtml> > Acesso em: 17 nov. 2023.

SATO, Fernando. **Alunos ocupam novamente a E.E. Diadema**. 16 nov. 2016. Disponível em < <https://jornalistaslivres.org/estudantes-ocupam-ee-diadema/> > Acesso em: 11 mai. 2023.

SECOS & MOLHADOS. **Primavera nos Dentes**. São Paulo: Continental, 1973. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Wirks0kQ7x8> > Acesso em: 02 set. 2023.

SOUTO, Stéfane. **Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea.** Revista Metamorfose, vol. 4, nº 4, jun. 2020. Disponível em < <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426> > Acesso em: 02 set. 2023.

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão.** 6ª Ed. São Paulo: Paidós BR, 2022.

TAMANDUÁ TV. Plataforma de audiovisual. Disponível em < https://tamandua.tv.br/escolas/filme/?name=espero_tua_revolta50337 > Acesso em: 26 out. 2023.

TAVOLARI, Bianca. **Posse e propriedade nas ocupações de escolas por secundaristas: o caso do Paraná.** Propriedades em Transformação 2: Expandindo a agenda de pesquisa. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/349506428_Posse_e_propriedade_nas_ocupacoes_de_escolas_por_secundaristas_o_caso_do_Parana > Acesso em: 27 jul. 2023.

TERRA. **Nikolas Ferreira é o deputado mais popular nas redes, diz pesquisa; PT não aparece no ranking.** Portal Terra, 4 mai. 2023. Disponível em < <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/nikolas-ferreira-e-o-deputado-mais-popular-nas-redes-diz-pesquisa-pt-nao-aparece-no-ranking,8b77a1ea081723f45ab943a0925e53e23jwpe3f5.html> > Acesso em: 30 jul. 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Participação de jovens de 16 e 17 anos nas eleições cresceu 52% entre 2018 e 2022.** 07 dez. 2022. Disponível em < <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Dezembro/participacao-de-jovens-de-16-e-17-anos-nas-eleicoes-cresceu-52-entre-2018-e-2022> > Acesso em: 29 jul. 2023.

TRUFFI, Renan. **Juventude exemplar.** Revista Carta Capital, São Paulo, ano XXII, n. 925, p. 18-23, nov. 2016.

UNIVERSO ONLINE. **Veja quem são os governadores eleitos em 2022.** 30 out. 2022. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/30/governadores-eleitos-2022.htm> > Acesso em: 29 nov. 2022.

VEJA. **Os segredos de Sininho.** São Paulo, SP, 14 fev. 2014. Disponível em < <https://www.facebook.com/Veja/photos/a.437129710616/10152000981720617/?type=3> > Acesso em: 24 jul. 2023.

VELOSO, Caetano. **Cajuína.** Rio de Janeiro: Philips, 1979. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=nmd7Nw9KqaE> > Acesso em: 30 set. 2023.

WIKIPEDIA. Mark Zuckerberg. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Mark_Zuckerberg > Acesso em: 27 out. 2022.

WILLIAM, Leto. Perfil pessoal no Instagram. Post do dia 29 out. 2018. Disponível em < <https://www.instagram.com/letowill/> > Acesso em: 10 dez. 2022.

ANEXO A – Cartaz da Roda de conversa realizada no C.E. Visconde de Cairu em 2018 (arte feita pelo querido amigo Richard Ruzynski)



ANEXO B – Cartazes do evento no Instituto Federal do Rio de Janeiro (Campus Nilópolis) em 2019



ANEXO C – Cartaz do evento no Sesc Ramos em 2019



Exibição + Debate

Retratos de uma Juventude em Luta



18/9 | 19h | Sala de Vídeo

Exibição do filme *Secundas*, seguida de debate com a pesquisadora Michelli Giovanelli que tem pesquisas relacionadas aos temas: juventude, luta política e novas mobilizações (ocupação das escolas). *Secundas* registra a ocupação da Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul por um grupo de estudantes secundaristas reunidos no Comitê de Escolas Independentes (CEI) que foram presos além de sofrerem agressões verbais e físicas. Investigamos os reflexos psicológicos e traumas que estes estudantes estão vivenciando na espera da decisão judicial que pode condená-los. (Cacá Nazário. Documentário. 16min. Brasil, 2017). A sessão faz parte do projeto Panorama Sesc.

Programação Gratuita



SESC RAMOS
Rua Teixeira Franco, 38
Tel.: (21) 4020-2101

MP do Alameda de Funcionamento P. Municipal 2521391 Validado Indefinidamente
MP de Certificação de Registro de Operações Públicas CBRAPL 09 00219678 Validado 06/12/2019

